BH/UFC

Abel de Castro

Existem Judeus em Fortaleza?

Um Estudo sobre Identidade

2003/5763

ABEL DE CASTRO

BH/UFC

EXISTEM JUDEUS EM FORTALEZA?

Um Estudo Sobre Identidade.

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre em Sociologia no Programa de Pós - Graduação em Sociologia do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Federal do Ceará.

ORIENTADOR: PEREGRINA FÁTIMA CAPELO CAVALCANTE

Capa: *Aron Ha kodesh* de uma sinagoga de Praga séc.XVII.

Autor: Abel de Castro

Universidade Federal do Ceará – Mestrado em Sociologia

BH/UFC

Existem Judeus em Fortaleza?

Um Estudo Sobre Identidade

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia (Mestrado), do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Federal do Ceará.

Defesa em: 19 de Setembro de 2.003

22 de Elul de 5.763

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Peregrina F. C. Cavalcante	**Prof. Dra. Custódia Selma Sena**
Orientadora	**Examinadora**

Profa. Dra. Simone Simões Soares

Examinadora

BH/UFC

Dedicatória:

Esse trabalho é dedicado à ***Janete Tavares Teixeira***

pelo exercício constante do amor incondicional.

BH/UFC

Agradecimentos

Para a realização desse trabalho contei com a ajuda e a simpatia de amigos que me ajudaram de várias formas. A eles o meu muito obrigado. Entretanto, gostaria de prestar meus agradecimentos especiais a:

Lauriza Mont'alverne Jucá e seus dois Paulos: o Felipe e o Andrade, pelo carinho, compreensão, generosidade e amizade sincera.

Dona Musa de Castro pelo amor, estímulos e rezas.

Ao **ETERNO,** sem o qual realmente eu não teria conseguido.

BH/UFC

Esse trabalho contou parcialmente com o apoio da **FUNCAP** – Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa Científica e Tecnológica

RESUMO

Este trabalho tem por tema a identidade de judeus emigrados para a cidade de Fortaleza/ CE entre os anos de 1993 a 2003 que se organizaram em uma instituição denominada Sociedade Israelita do Ceará (SIC).

A presente dissertação analisa os processos de formação dessa instituição atentando para os mecanismos que esses indivíduos lançam mão para legitimar uma tradição e uma identidade judaica na cidade de Fortaleza, supostamente sem a presença de judeus.

A identidade desses indivíduos e suas tradições são concebidas a partir de uma noção de grupo que é representada por práticas associadas a uma orientação religiosa. Essas representações nem sempre são unânimes. Os indivíduos discordam entre si nas diferentes situações cotidianas que se apresentam, no que se refere a "ser judeu" e "de que forma age um judeu", mostrando assim que a identidade não é um fenômeno estático, mas sim dinâmico e circunstancial.

O objetivo desse trabalho é analisar a formação da identidade do judeu na cidade de Fortaleza.

BH/UFC

ABSTRACT

This dissertation have as subject the identity of the jewish people that emigrates to the city of Fortaleza in Ceará between the years of 1993 and 2003, and create the Israelitish Society of Ceará (SIC).

This essay analises the foundation of this institution, trying to show the mecanisms that these people uses to legitimize a jewish tradition and identity at the city of Fortaleza, supposed, without that kind of culture.

The identity of these people and their traditions are coincived by a notion of a group that is represented by religiously practicism and orientation. But these representations are not always unanimous. They do not agree one with the other in the diferent questions and situations: when they think about "being jew" and "what kind of attitude have a jew?", showing, so, that the identity is not a static process, but a dinamic and circunstantial phenomenom.

The purpose of this work is to analise the begining of a jewish identity and tradition at the city of Fortaleza.

"Ma tovu ohalêcha Iaakov, mishkenotêcha Israel"

"Quão belas são suas tendas ó Jacó, e as tuas moradas ó Israel."

(Bamidbar /Números: 24,5)

BH/UFC

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 11

GLOSSÁRIO 37

CAPÍTULO I – Se Existem Judeus em Fortaleza, onde estão? 42

I.1 – Da primeira visita 42

I.2 – Do espaço físico: as estruturas das Sedes 54

I.2.1- Da Sede Atual 57

I.3 – De voluntariado e publicações: o reconhecimento pelo Judaísmo nacional 63

I.4 – De "gringos" e "sulistas": as personagens da SIC 65

I.5 – Das interpretações nativas do Ser Judeu 67

I.5.1 –O Ser Judeu 68

I.5.2 –O Ser Judeu (para os participantes da SIC) 70

I.6 – De epitáfios e exéquias 71

I.6.1 –Da permanência na cidade: A SIC e a *Chevra Kadisha* 79

CAPÍTULO II – "Guardarás o Shabat e as Festas Sagradas". 81

II.1 – De Lua e Sol: o Calendário Judaico 81

II.2 – O Shabat 84

II.2.1 - O Shabat como ideal de liberdade 84

II.2.2 –O Shabat como ato de fé 85

II.2.3 –O Shabat como mensagem de igualdade 86

II.2.4 –O Shabat em Israel e na SIC 86

II.3 – As Festas Judaicas 90

II.3.1 - De Serpentinas e Confetes: Purim - o Carnaval Judaico 92

II.3.1.1 – O Carnaval Judaico em Fortaleza 94

II.3.2 – De *Gefilte Fish* e Ázimos: Pessah - a Páscoa Judaica 97

II.3.3 – De Maçãs e Mel: Rosh Hashaná - o Ano Novo Judaico 99
II.3.4 – De Jejuns e Expiações: Yom Kipur - o dia do Perdão 102

CAPÍTULO III – Da atualização da Identidade 105

III.1– De Estrangeiros e Mulheres 105
III.1.1 – A judia de tradição 108
III.1.2 – A judia prosélita 109
III.1.3 – A judia *pretensa à conversão* 112
III.2 – De histórias de Vida: percebendo a identidade entre as gerações 114
III.3 – De Salgados, Crianças e Velas 131

CONCLUSÃO 139
ANEXO 143
GRÁFICO 146
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 147

EXISTEM JUDEUS EM FORTALEZA?

Um Estudo Sobre Identidade

Introdução

Este trabalho tem por tema a identidade de judeus emigrados para a cidade de Fortaleza/ CE entre os anos de 1993 e 2003 que se organizaram numa instituição denominada Sociedade Israelita do Ceará (SIC). Estes imigrantes trouxeram consigo uma tradição judaica específica e concebida em cada cidade que viveram. Aqui se encontraram e utilizaram-se dessas interpretações para dar forma e conteúdo à religião judaica na cidade de Fortaleza - supostamente sem tradição ou presença judaica.

Os judeus que participam da SIC são tanto de origem *sefaradim* quanto *askenazim* .

Os judeus pesquisados encontram-se dispersos em toda Fortaleza, notadamente nos bairros de Meireles, Aldeota e Praia do Futuro onde seguem suas vidas trabalhando como profissionais autônomos [1]. Os costumes judaicos e seus preceitos são seguidos dentro de uma linha liberal do judaísmo - em oposição à ortodoxia. Enquanto essa prega literalmente os valores e a interpretação da *Torá*, seguindo regras de alimentação, endogamia e o cumprimento rigoroso dos preceitos religiosos; aquela confere uma outra interpretação das leis e costumes. Os judeus da SIC convivem com os outros habitantes da cidade, alguns já falando com o sotaque local e assimilando características de sua cozinha, vestuário e trato pessoal.

Os judeus que participam da SIC podem ser divididos em dois grupos, segundo os motivos oferecidos por eles mesmos, de emigração para a cidade. O primeiro grupo abrange aqueles que emigraram do início até meados dos anos noventa do século XX visando fugir das atribulações das grandes metrópoles brasileiras, fazer a vida no Nordeste do Brasil e melhorar sua situação sócio-econômica. Este grupo inclui os sócios fundadores

[1]Detalhes sobre distribuição geográfica na cidade, encontram-se no anexo.

BH/UFC

da SIC (1993) e é composto de profissionais liberais como médicos, engenheiros, advogados, psicólogos, comerciantes e empresários[2]. Esse grupo é o efetivo constante e sua maioria é composta de *judeus de tradição*. O segundo grupo é formado por *judeus convertidos*, nativos da cidade e outros indivíduos que se representam como viajantes e justificam sua presença em Fortaleza, visando tentar a sorte. Alguns deles mostram insatisfação e frustração com a cidade. Outros, mesmo sendo associados raramente vão à sinagoga e às festas participando, assim, pouco das atividades. A esse contingente, soma-se alguns jovens, filhos de sócios. É com esses grupos que me encontro na sinagoga e nas festas judaicas.

Para organizar minha análise, construi uma tipologia que está inscrita num quadro de compreensão no qual a noção de grupo é vista não como homogênea, antes heterogênea. Com isso, os grupos além de divergirem entre si abrigam uma diversidade no seu interior. Dessa forma, procuro evitar o reducionismo e a simplificação.

Esses grupos pertencentes à SIC, em suas relações com a religião judaica, podem ser divididos em três categorias nativas: (1) *Judeus de tradição, (2) Judeus convertidos,* e (3) *pretensos a conversão.*

Os *judeus de tradição* são aqueles que vieram de um lar judaico, filhos de mãe judia, conviveram e/ou participaram de comunidades judaicas durante a infância ou juventude, casaram-se com judeus ou de alguma forma tiveram contato com o judaísmo durante suas vidas. *Os judeus convertidos* ou *prosélitos* são os judeus que se converteram ao judaísmo por algum motivo, como casamento com *judeus de tradição* ou convicção religiosa. Esses não contam com um lar judaico para fornecer-lhes a tradição. *Os pretensos à conversão*, são aqueles que se interessam pelo judaísmo pelos mesmos motivos da categoria anterior, no entanto, não formalizaram o processo de conversão.

Os judeus de tradições *askenazim e sefaradim* que se mudaram para cá, instauraram um espaço de convivência - através da fundação da SIC, com os judeus residentes na cidade. Estes, estavam desligados da religião e das tradições judaicas. Os Judeus *sefaradim* são aqueles que viviam na Península Ibérica até o advento dos reis católicos (esses reis expulsaram todos os súditos que não se converteram ao cristianismo, nos anos de 1492 e 1498), migrados em sua maioria para o norte da África, Ásia Menor e Mediterrâneo

[2] Sobre a profissão dos participantes vide anexo.

(Zimmels, 1976). O idioma predominante entre os judeus *sefaradim* era o ladino, um dialeto do espanhol medieval que incorporou algumas palavras do grego, do turco, do hebraico e do francês (Angel, 1980). O termo em português para *sefaradi*, palavra ladina, é *sefaradim* ou *sefardita*. Para essa dissertação adotarei o termo *sefaradi* e seu plural *sefaradim* por ser as categorias de auto-identificação empregadas pelos entrevistados.

Os Judeus *askenazim* são descendentes dos países da Europa Centro-Oriental, mais precisamente do território onde hoje é a Polônia e o ocidente da extinta União Soviética (Guber, 1984). Não foi encontrada uma grafia para este termo nos dicionários de língua portuguesa, mas nos livros consultados, a respeito de judeus no Brasil, encontra-se também as grafias *esquenazitas e askenazitas*. O idioma falado pelos judeus *askenazim* é o *iídiche*, dialeto alemão com incorporação de palavras hebraicas e polonesas.

A entidade SIC teve a capacidade de atrair pessoas da cidade de Fortaleza interessadas em participar e exercitar o judaísmo através dos rituais religiosos.

Meu trabalho é uma etnografia dessa sinagoga. Nela estão presentes os dados de minha observação direta aos serviços religiosos que freqüentei durante cinco anos, tanto no *kabalat shabat* como naqueles ligados às festividades religiosas. Associadas as minhas observações de condutas verbais ou não verbais, as quais ao fluir dos acontecimentos produziu encontros, quando uma conversa era diretamente dirigida para determinados temas. Esses encontros, classificados de entrevistas, compõem um outro conjunto de dados, os quais em confronto com minhas observações diretas são a ancoragem empírica das formulações que proponho aqui. Entre elas, a de que a identidade judaica produzida na SIC ocorre num espaço de dissonância entre o dito, o feito e o manifesto.

A sinagoga de Fortaleza, criada pela SIC, congrega indivíduos que se vêem como judeus e declaram essa pertença ao judaísmo. O objetivo desse trabalho é examinar como é construída a identidade do judeu numa sinagoga na cidade de Fortaleza. Analisarei a relação entre o que está expresso nas interações sociais presentes no cotidiano dessa sinagoga e o que é prescrito no discurso formal da religião judaica como sendo atributos do judeu. Em meu trabalho privilegio o discurso dos informantes e suas histórias de vida .

Para tratar esta questão foi utilizada a literatura sobre identidade e etnicidade. Barth (1976), em sua análise sobre a afirmação e manutenção da identidade de grupos étnicos em interação, afirma que estes grupos são uma forma de organização social, definição que nem

sempre coincide com fronteiras geográficas ou prevê a imobilidade e a falta de contato do grupo. Ao contrário, as características distintivas através das quais os membros de cada grupo identificam-se - "fronteiras étnicas" (1976:11), tornam-se aparentes através dos contrastes e das oposições que surgem na interação com membros de outros grupos. No caso de minha pesquisa, em que os sujeitos estão pondo em ação uma tradição, essas oposições surgem inclusive *dentro* do grupo. Nas palavras do autor:

> *"Os grupos étnicos são categorias de adscrição e de identificação que são utilizadas pelos próprios atores e que tem, portanto, a característica de organizar a interação entre os indivíduos."* (1976:10).

Ainda segundo Barth, a continuidade dos grupos étnicos depende da preservação de uma fronteira que separa "membros" e "estranhos" - "processos sociais de exclusão e incorporação" (p.10) - mesmo que variem neste processo, os aspectos que assinalam estas fronteiras, as características culturais ou a forma de organização do grupo. O autor parte então para analisar os grupos étnicos explorando os diferentes processos que participam da geração e conservação de um grupo étnico. Barth põe ênfase na circunstancialidade (1976:11); naquilo que no momento da interação funciona como uma senha, que dá o passe da inclusão ou exclusão.

Buscando "categorias de identificação" percebi que, não apenas ao longo dos depoimentos mas no cotidiano observado, os entrevistados identificam a si e aos outros membros da SIC, através de diversas categorias, reconhecendo-se como: *"judeu"*, *"sefaradim"*, *"askenazim"*, *"judeu de tradição - ou judeu mesmo"*, *"judeu de origem"*, *"judeu observante"*, *"judeu convertido"*, *"judeu-em-processo-de-conversão"*, *"judeu de sangue"*, *"judeu que foi convertido em Jerusalém"*, *"judeu que foi convertido por um rabino ortodoxo"*, *"judeu que foi convertido por rabino liberal"*, *"Teshuvá"*, *"goim"*. Estas categorias são acionadas nas diferentes situações de interação na SIC. Nesse sentido, o elemento da circunstancialidade posto em relevo por Barth ao propor uma perspectiva para o estudo da identidade é percebido aqui.

Muitas vezes referem-se aos membros do grupo através da categoria *"nós"*, ou *"a gente"*, cujo significado oscila, nos diferentes momentos, entre *"judeus"*, *"convertidos"* ou

"nós, os participantes ativos da comunidade". Para a análise do uso destas categorias e o uso do conceito de identidade, a idéia desenvolvida por Tadeu da Silva (2.000) é interessante. Este autor demonstra que na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. Segundo o autor:

> *"O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são nunca, inocentes"*. (Tadeu da Silva, 2000: 81).

Assim, a afirmação da identidade e a marcação da diferença, ocorrem simultaneamente, nas operações de excluir e de incluir atributos. Logo, a identidade e a diferença se traduzem assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído dessas insígnias. Os pronomes "nós" e "eles", nessa perspectiva, são indicadores de *"posição-de-sujeito"* marcados por uma relação de poder (p.82). Em outras palavras, o "eles" está na posição do outro, com isso representa o lugar do perigo, do impuro.

> *"Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados"*. (Tadeu da Silva, 2000:83)

Cabe lembrar aqui que Weber ao definir o conceito de *Espírito do Capitalismo* (cap.II, pg.28), nos mostra que existem várias possibilidades de se pensar o espírito do capitalismo. Porém, nem tudo o que pode ser pertinente a esse espírito, pode estar contido em um conceito apenas. No entanto, ele evocará apenas "uma" forma entre várias para chamar de *"o Ethos do capitalismo"*. O conceito de Identidade pode ser percebido de inúmeras maneiras. A idéia de que a identidade é uma disputa por poder é válida, mas é apenas "uma" forma de percebê-la. Se eu tomasse um ponto de vista distinto do que tenho, outras considerações seriam feitas. Se eu fosse um nativo do grupo, certamente minhas

observações e interpretações seriam outras, pois haveriam outros mecanismos cambiando a minha identidade e a do grupo. Assim como seria diferente se eu fosse uma mulher, tivesse pesquisando em outra cidade, etc. Nesse sentido, o pensamento de Tadeu é válido, mas acredito que ao "classificar" um grupo e deter o privilégio de faze-lo, não implica necessariamente em uma aceitação imediata por parte dos "classificados". Como exemplo, cito um caso observado de uma mulher de 38 anos, jornalista, que se mudou do Rio de Janeiro para cá com suas duas filhas, uma de 06 anos e outra de 12 anos – sem um marido. Ela dizia ter uma família no Rio que freqüentava sinagoga e também um antepassado judeu na família. Por isso queria fazer a conversão. Essa moça passou a freqüentar a SIC na situação de *pretensa a conversão* e, segundo ela, teve experiências específicas com algumas participantes *judias convertidas* da comunidade: poucas falavam com ela, recusavam a ajuda que ela oferecia para algum evento ou atividade da SIC - como os bazares de caridade ou para a organização das festas religiosas. A SIC possui em suas instalações, uma escolinha religiosa chamada *Atid*, para a formação religiosa das crianças nos rituais judaicos, algo como o "catecismo cristão". Uma das professoras, diretora da escolinha *(judia convertida)*, recusou as filhas dessa moça nas aulas por não serem judias. As crianças foram classificadas por essa *prosélita* como fazendo parte do grupo dos "excluídos". A mãe das crianças no entanto, continuou freqüentando a sinagoga, participando das festas, as reuniões e me disse ter ido conversar com a diretoria da SIC para conseguir matricular as filhas na escolinha. A moça não se abateu com os empecilhos encontrados para sua aceitação que, na visão dela, eram colocados pelo fato de não ser judia. Isso ilustra que a construção da identidade implica em trocas, disputas, acordos, erros e acertos. Antes de tudo, uma interação na qual uma classificação é negociada.

Durante a redação fiquei em dúvida sobre um nome para designar os judeus aqui residentes e mostrar seus procedimentos. Como estabeleci algum tipo de vínculo com os participantes da SIC, deploro o termo "informante" e as desagradáveis iniciais dos nomes que a meu ver confundem o leitor. Optei então por denominá-los através de pseudônimos hebraicos para manter o caráter pessoal na dissertação. Todo judeu possui um nome na carteira de identidade e um nome em hebraico que é usado em solenidades religiosas como a leitura da Torá. No entanto, os nomes hebraicos que cito nesse trabalho não correspondem necessariamente a esses. São fictícios. Em meu texto, sempre que digo "os

judeus", estou me referindo aos "judeus participantes da SIC, que fazem parte do meu trabalho", incluindo os convertidos. Quando me referir a outros grupos judaicos para eventuais comparações, isso será explicitado.

Em Fortaleza até o ano de 1993, os judeus aqui residentes não contavam com uma organização institucional. Essa institucionalização foi realizada por *Efraim* (57), um *judeu de tradição* - imigrante israelense radicado nos EUA, onde foi Rabino por oito anos. *Efraim* deu uma entrevista em um jornal local sobre a festa judaica de *Chanuká* no final do ano de 1992. Nessa entrevista, ele convidava os judeus da cidade para se reunirem para a festividade. Quando o entrevistei, anos depois, ele expressou que os motivos que o levaram a fazer isso foram o interesse de conhecer o número de judeus na cidade de Fortaleza; para realizar os rituais judaicos e para marcar a presença judaica aqui. O convite teve repercussão, e sob a batuta desse pioneiro alguns interessados admitiram-se como judeus e delegaram-no a direção de cultos. Começaram então a serem postas em ação na cidade de Fortaleza determinadas práticas associadas a uma definição de ser judeu.

As reflexões do historiador Eric Hobsbawn (1984) ajudam a pensar o momento dessa institucionalização que acontece através dessa coletividade judaica aqui residente. O autor propõe a categoria *invenção* para se compreender o que acontece quando grupos, lançando mão de crenças e proposições estabelecidas, as atualizam sob um "dever ser" e ao fazê-lo , introduzem o novo, criam, inventam. Segundo o autor:

" As tradições inventadas podem ser realizadas de forma oficial ou não-oficialmente, sendo as invenções oficiais - que podem ser chamadas de "políticas" surgidas acima de tudo em estados ou movimentos sociais e políticos organizados, ou criadas por eles; e as não-oficiais - que podem ser denominadas "sociais" - principalmente geradas por grupos sociais sem organização formal ". (1984: 271)

A SIC se estabeleceu como uma entidade oficial – aquilo que propõe estabelecer a essência do judaísmo no Ceará. Não como um agrupamento de pessoas que se reuniram de maneira informal. A perspectiva aberta por Hobsbawn ilumina pensar o sentido do estatuto da Sociedade Israelita do Ceará. A SIC elaborou um estatuto no ano de 1993, no qual lê-se:

" Art. 1 – A Sociedade Israelita do Ceará – SIC é uma entidade civil, sem fins lucrativos (...) a SIC reger-se-á pelo presente estatuto, observando a legislação pertinente.

Art.2 – A SIC constitui a entidade representativa da coletividade de origem israelita no Ceará, sendo ilimitado o número de sócios e indeterminada sua duração."

(Estatuto da Sociedade Israelita do Ceará)

Esse estatuto vai escrevê-la em letra - a essência do judaísmo em Fortaleza, mas a *invenção* de uma tradição não se reduz a isso, ela vai também ser constituída no dia-a-dia da SIC.

Uma das possibilidades para afirmar uma determinada identidade, é legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado. No caso dos judeus da SIC eles lançam mão de um passado judaico glorioso, cheio de perseguições e agruras. Isso é acionado para validar a identidade reivindicada.

Ao analisar o conceito de "identidade cultural", as reflexões de Stuart Hall (1990), antropólogo da Escola de Chicago, em seu ensaio "Identidade cultural e diáspora" examina diferentes concepções de identidade cultural procurando analisar o processo pelo qual se busca autenticar uma determinada identidade por meio da descoberta de um passado supostamente comum. Nesse ensaio, Hall toma como seu ponto de partida a questão de quem e o que nós representamos quando falamos. Ele argumenta que o sujeito fala, sempre a partir de uma posição histórica e cultural específica. Hall argumenta que há duas formas diferentes de pensar a identidade cultural: A primeira reflete a perspectiva na qual uma determinada comunidade busca recuperar a "verdade" sobre seu passado na "unicidade" de uma história e de uma cultura partilhadas. A segunda concepção de identidade cultural é aquela que a vê como "uma questão tanto de tornar-se quanto de ser". Isso não significa negar que a identidade tenha um passado, mas reconhecer que, ao reivindicá-la nós nos reconstruímos como seres sociais no mundo. A posição de Hall enfatiza a fluidez da identidade. Ao ver a identidade como uma questão de "tornar-se", aqueles que em Fortaleza reivindicam a identidade judaica não se limitariam a reproduzir uma obrigatoriedade moral de ser.

Os judeus da SIC são capazes de posicionar-se diante de uma classificação que possibilita relacioná-los numa ordem de si próprios e de reconstruir e transformar as

identidades herdadas de um "suposto" passado comum. É o caso de uma mulher judia freqüentadora da SIC que é convertida, negra. No entanto, é elevada à categoria de professora de língua hebraica, de reprodutora de conhecimentos, categoria que possivelmente não seria concedida em outras comunidades ditas ortodoxas e em outros locais ditos "mais tradicionais". Esse fato ilustra a afirmação de que os sentidos e as representações sociais estão sempre em trânsito e não estáticos.

Para pensar sobre essa "história e cultura partilhadas" que me refiro acima, também utilizo como subsídio o conceito de *"Mundo Vivido"* de Jürgen Habermas, filósofo alemão. Meu interesse por esse autor surgiu quando ainda cumprindo os créditos do mestrado, cursei uma disciplina de Teoria Sociológica ministrada pelo filósofo e professor Manfredo de Oliveira, que muito me instigou a pensar o horizonte de sentidos que esses indivíduos da SIC se situam. Segundo as aulas do professor Manfredo, esse horizonte de sentidos que torna possível a compreensão seria o *"Mundo Vivido"* - um conjunto de sentidos gestados ao longo da história. *O Mundo Vivid*o pode ser visto como um horizonte atemático, pré-teórico, uma realidade que marca sem perceber; mas também pode ser visto como reservatório de produções e interpretações simbólicas de gerações anteriores. A relação entre as ações sociais e o *Mundo Vivido* permite a reprodução deste último e alimenta novamente as ações dos indivíduos funcionando como arcabouço de conhecimentos e sentidos. O *Mundo Vivido* que esses indivíduos procuram reproduzir e reconfigurar aqui em Fortaleza está expresso através de ações sociais como: formando uma sociedade baseada em um estatuto que lhe dá um lugar legítimo no espaço social; cursos de idioma hebraico, fundação de uma sinagoga para ativar o aspecto religioso. Isso só é possível porque ressoa, rebate em um conhecimento que os participantes assimilam, apreendem, recebem e aprendem a denominar de *"cultura judaica"*.

A dissertação de mestrado da antropóloga Vívian Flanzer (1994), ilumina a discussão teórica que proponho aqui. Seu trabalho permite voltar meu olhar para um grupo de judeus da cidade do Rio de Janeiro oriundo da ilha de Rodes. Nesse trabalho a autora analisa a história de imigrantes nos quais a dimensão religiosa estava ligada a uma organização formal de base étnica. A emigração, a política anti-semita e, depois, o contato com outros grupos judeus do Rio, compõem um processo de dissociação entre o grupo social e o religioso iniciado mesmo na ilha devido à questões políticas e guerras. A ilha

sofreu várias invasões, ora de gregos, ora de turcos, ora de italianos, ora da franceses, e os judeus dali tiveram que cambiar suas identidades com os outros moradores da ilha e com os conquistadores de acordo com as circunstâncias que se apresentavam para sobreviver como grupo em um contexto de constantes mudanças e pressões. Flanzer mostra em seu trabalho que os judeus de Rodes residentes hoje no Rio de Janeiro adotam uma forma de organização informal e identificam-se através de categorias relativas e situacionais.

O texto dessa autora me permite perceber que a identidade judaica não se restringe a religião. A religião não é o determinante nas relações sociais observadas na SIC, mas também as relações informais e os afetos. Isso abre para uma complexidade ao invés de reduzir o grupo ao aspecto religioso. A fala seguinte, retirada de uma entrevista mostra esse ponto de vista:

" Quando me mudei para Israel, não tinha muiito dessa história de religião (fazer Aliá) *não, foi mais aventura..(...) Meu marido só entra na sinagoga quando falta minián! Eu também não entro na sala de reza, porque para mim é altamente aborrecido, como se diz? É...chato! então eu vou lá para bater papo com o pessoal do lado de fora".*

(Tsepóra, 56 anos- dados de entrevista)

Tsepóra mostra em sua fala que, mesmo sendo uma *judia de tradição* e uma das fundadoras da SIC, o aspecto religioso não é o motivo que a leva a participar das atividades na SIC. Um bom bate-papo ou a participação de um jantar é suficiente para que ela se sinta à vontade e interaja com as pessoas que participam dessa sinagoga mesmo sem rezar.

A partir dessas perguntas e questionamentos colocados e comungando com as reflexões dos autores citados acima: Barth, Hobsbawn, Hall e Habermas, formulei as hipóteses que norteiam esse trabalho. São elas:

1- A possibilidade dos judeus da SIC se agruparem para reivindicar um legado comum.

2- Uma vez que esse passado comum é atualizado por esses indivíduos em um contexto histórico e cultural específico, isso confere uma nova leitura. Eles recriam a tradição, inventam. Assim, a história comum acionada na SIC expressa a singularidade, a particularidade desse grupo num lugar específico: a cidade de Fortaleza.

Meu interesse pelo tema desta dissertação surgiu do "estranhamento" de uma experiência pessoal que me aconteceu em Fortaleza. Mudei-me para essa cidade no segundo semestre do ano de 1998 já com o grau de bacharel em Ciências Sociais. Durante minha graduação, li um livro que narrava as perseguições sofridas pelo povo judeu durante a ocupação da Polônia pela Alemanha dando início à Segunda Guerra Mundial em 1939. Esse não foi o primeiro livro que eu havia lido sobre a guerra, no entanto, esse narrava a resistência dos judeus no gueto de Varsóvia e muito me impressionou pelos horrores da guerra e pela forma que fora estruturado o genocídio. Terminada a leitura algo despertou em mim: Quem é esse povo que sofreu tamanha barbárie? O que é um judeu?

Como venho de uma família cristã, católica apostólica romana, e vivi por muitos anos numa cidade muito pequena de uma região do interior do Brasil (GO) , durante toda minha vida - até então, nunca tinha convivido, me relacionado com um judeu, nem visto uma sinagoga pois esse grupo não era representativo na minha região, ao contrário de outros grupos étnicos como os ciganos por exemplo, que povoaram minha infância e adolescência. Como disse acima, após a leitura despertou em mim o interesse intelectual para um futuro estudo sobre esse grupo. Iniciei então, por conta própria um levantamento bibliográfico sobre o tema Judaísmo que compreendia livros de literatura, livros sagrados do judaísmo, debates e discussões sobre *Kabalah*, *Talmud*, filmes sobre a Segunda Guerra, etc.

Quando mudei-me para Fortaleza, decidi retomar essa idéia tentando localizar um grupo judaico na cidade. Imaginava que uma cidade da idade (271 anos na época que cheguei) e do tamanho de Fortaleza (2.138.000h.[3]), e contando ainda com a relativa proximidade de Recife/PE (onde existe uma comunidade grande e a primeira sinagoga das Américas), haveria um grupo significativo aqui.

Assim, sempre que conhecia alguma pessoa em Fortaleza perguntava se conhecia o endereço de uma sinagoga ou se conhecia algum judeu. E aqui entra o "estranhamento" ao qual me refiro acima, pois todas as pessoas indagadas por mim (todas mesmo!) me respondiam: *"Não existe judeu aqui em Fortaleza não ó!"*

Tentei a Biblioteca Municipal e o Centro de Pesquisa Histórico e Antropológico do Ceará, mas não consegui levantar nenhuma bibliografia sobre a presença de judeus no Estado do Ceará nem na cidade de Fortaleza. Isso só despertava mais e mais minha curiosidade...

Procurei na INTERNET se havia algum *site* judaico em Fortaleza e novamente nada encontrei. Tentei algum *link* através de sites judaicos nacionais, como o da faculdade "*A Hebraica*" de São Paulo e do Rio de Janeiro, além da CONIB - Congregação Nacional Israelita do Brasil e novamente nada encontrei.

Nessa época não conhecia ainda os endereços da cidade e era-me difícil o deslocamento pois como era emigrante, estava preocupado também em desenvolver minha própria teia de relações sociais. Tomei do catálogo telefônico e liguei para todos os sobrenomes que eu considerava como judaicos graças aos estudos e à literatura, tais como: *Kramer, Stein, Klot, Shulmann, Sholem, Stern, Galski, Cusnir, Wilensky, Heschel, Cohn, Bloch...* não consegui nada, pois mesmo quando encontrava algum sobrenome que me sugerisse origem judaica, as pessoas com quem falei ao telefone não confirmavam essa suposição.

Até que um dia, enquanto estava lendo um jornal local deparei-me com um anúncio que oferecia um curso de idioma hebraico. Liguei para o professor e me apresentei como pesquisador e perguntei se ele conhecia alguma sinagoga ou se era ou conhecia algum judeu que pudesse me apresentar a um grupo aqui. Ele disse que tinha o endereço de um grupo que se reunia em uma sala numa galeria comercial e deu-mo. Como disse, não

---

[3] IBGE: censo de 2.000.

conhecia os endereços da cidade e tive que fazer uma pesquisa em mapas para localizá-lo. O local era no bairro da Aldeota, na rua Santos Dumont esquina com a rua Rui Barbosa, local com grande fluxo de comércio. Quando consegui chegar ao endereço, havia uma placa de ALUGA-SE na porta. Nunca entrei nesse local. Eles tinham se mudado para uma nova casa havia apenas uma semana.

Entrei em contato com a imobiliária e descobri o endereço do novo espaço onde estavam se reunindo. Fiz uma incursão preliminar para descobrir o endereço e ver quanto tempo demoraria para chegar lá. O novo endereço era na rua Carlos Vasconcelos, no bairro Dionísio Torres, bairro com características residenciais, com muitas casas e poucos prédios. Em minha primeira visita à casa assisti a um serviço religioso de *kabalat shabat* e marquei uma entrevista com o diretor de cultos da sinagoga para me inteirar da situação da comunidade até aquele período. Após essa primeira visita, passei a freqüentar a SIC semanalmente para o serviço de Sexta-feira por cinco anos, além das festas religiosas comemoradas por eles. Esse tempo de campo foi fundamental para melhorar minha percepção sobre o assunto e sanar as dúvidas que iam aparecendo durante as observações.

O número de associados da SIC, considerando os cônjuges e dependentes, é de 137 pessoas segundo os dados e fichas da própria sociedade[4]. Conseguir esse dados foi-me difícil, pois o vice-presidente da sociedade temia que eu divulgasse os endereços dos sócios e algum leitor de meu trabalho pudesse de alguma forma prejudicá-los ou perseguí-los. O que me sugeriu que o anti-semitismo é uma preocupação por parte da diretoria do grupo.

O anti-semitismo é um fenômeno que gerou medo e apreensão às coletividades judaicas do mundo todo em períodos históricos diversos e constantes, devido sua crueldade e intolerância. Houve perseguições a grupos judaicos em várias partes da Europa desde a Idade Média legitimadas por acusações de que os judeus mataram o Cristo, que os judeus faziam magia com hóstias sagradas e que eram responsáveis pela Peste Negra. Na modernidade, os argumentos do anti-semitismo estavam baseados em questões econômicas – atribuindo aos judeus articulações de cartéis, corporativismo e agiotagem. Depois do final da Segunda Guerra Mundial em 1945 e do Holocausto, os judeus relembram as perdas sofridas na guerra e temem que outra catástrofe do mesmo porte se abata novamente

[4]vide anexo

sobre eles. Em todo aniversário das mortes do Holocausto (*Shoa)*, os judeus prometem a si mesmos que "Nunca Mais"! Ou seja, isso nunca mais acontecerá com eles. Com o advento do Estado de Israel e a incrementação do movimento sionista, qualquer palavra, artigo ou insinuação dita de forma supostamente preconceituosa sobre os judeus são formalmente e firmemente rechaçadas por eles. Em Fortaleza isso também acontece. Um jornalista *judeu convertido* participante da SIC, escreve inúmeros artigos, e-mails, cartas e críticas aos *obusmen* dos jornais locais. Segundo ele, os jornais da cidade escrevem "matérias tendenciosas contra os judeus no conflito árabe-israelense". Esse indivíduo acredita existir uma propaganda mundial contra os judeus em relação ao conflito que é transmitida ao mundo a partir das agências de notícias internacionais e essa idéia seria corroborada pelos jornais locais.

O filósofo francês Jean Paul Sartre, escreveu um livro em 1944 intitulado "A Questão Judaica". Nesse livro, o autor analisa as origens da intolerância contra os judeus e a posição dos não-judeus durante a Segunda Guerra. Conclui que as razões do anti-semitismo não estão nos judeus e em nada que esses venham à fazer, mas sim no próprio indivíduo que se diz anti-semita:

" Torna-se evidente para nós, que nenhum fator externo pode incutir no anti-semita o seu anti-semitismo. O anti-semitismo é uma livre e total escolha de si mesmo, uma atitude global que alguém adota não só em face dos judeus, como ainda dos homens em geral, da história e da sociedade; é, a um só tempo, uma paixão (afecção de ódio ou cólera) e uma concepção do mundo".

(Sartre, 1968:10)

Sartre se baseia em uma filosofia existencialista ontológica na qual o homem não tem uma definição *a priori.* O homem é um Ser em situação. E sendo um ser em situação, suas escolhas são feitas a partir de uma situação que se apresenta. Ele escolhe em definir-se dessa ou daquela maneira. O ser humano está condenado à escolher. A perspectiva de Sartre aponta que, para tratar desses indivíduos que aqui se definem como judeus, temos antes que perguntar a situação desses indivíduos. O mundo social é construído, a concepção do mundo é uma construção, e essa construção cria situações em que o homem

é conduzido através de escolhas de si mesmo.

Apesar dos motivos e preocupações dos judeus da SIC (quanto ao anti-semitismo) serem legítimos, as pessoas por mim entrevistadas alegam não terem sofrido nenhum tipo de preconceito pela sua orientação religiosa nem na cidade nem em outro local que tenham morado. As exceções são uma senhora de 88 anos, imigrante da Europa Oriental, que fugiu para o Brasil um pouco antes da Segunda Guerra Mundial e uma outra de 55 anos, que perdeu os tios e parentes em um campo de concentração na Polônia; mas essa última não viveu o anti-semitismo na pele, mas na de seus ascendentes. Todavia, a SIC só começou a se deixar notar pela cidade depois de sete anos de fundação, quando se sentiu mais protegida e legitimada pelas instituições judaicas nacionais. Daí a dificuldade que tive para encontrá-la no início de minha pesquisa. Hoje em dia já possuem número de telefone no catálogo, e-mail, enviam matérias para jornais quando realizam uma festa religiosa, etc. Mas não exibem ainda nenhum indicativo que explicite o caráter judaico da entidade na fachada externa de sua sede, como placas indicativas ou símbolos religiosos.

Sobre a presença de judeus na cidade de Fortaleza, o presidente da SIC afirma haver pelo menos mais de 100 judeus na cidade que não são associados e que não manifestaram interesse em se associar e de participar com eles. Esse número é estimado, pois não existem registros nem estatísticas que comprovem esses dados. Essa estimativa surgiu em conversas entre os fundadores da SIC e os moradores judeus participantes da entidade. Um freqüentador da sinagoga (o mesmo jornalista sionista que me refiro anteriormente) nativo de Fortaleza, existe em um bairro periférico da cidade, chamado Messejana, um grupo que se autodenomina *"Judeus Messiânicos"*. Segundo o autor judeu norte americano e professor na Universidade da Califórnia, David H. Stern , o judeu messiânico é:

"A pessoa que nasceu judia, ou se converteu ao judaísmo, que é verdadeiro crente em Yeshua (Jesus) e reconhece sua judaicidade"(P.18)

Contudo, o mesmo informante diz que esse grupo seria apenas mais uma "seita" neo-pentecostal sem nenhum subsídio judaico. Por esse motivo, não verifiquei a informação pois resolvi ater-me a meu objeto que é a SIC. Entretanto, mesmo me atendo a

SIC, visitei uma outra sinagoga na cidade de um senhor convertido ao judaísmo que construiu a sinagoga em sua própria residência. Essa se encontra em um bairro da orla marítima de Fortaleza chamado Meireles. Esse senhor participa também da SIC como sócio e é um estudioso contumaz do judaísmo. Ele, mesmo sendo convertido, tenta seguir as leis judaicas na maneira que acha condizente com o ser judeu, para isso tenta seguir as regras de alimentação (na medida do possível), usar barba comprida e cerrada, o uso da *kipá* e do *talit katan* o tempo todo, em casa e na rua e não só nos serviços religiosos como os demais participantes da SIC.

Durante os cinco anos do período de campo, participei de forma regular dos serviços religiosos de *kabalat shabat* e de todas as grandes festas religiosas do calendário judaico realizadas na sinagoga da SIC, além de atividades eventuais, como: bazares de caridade; palestras de rabinos e cônsules de Israel convidados vindos de outros estados, sopões de caridade que as mulheres oferecem aos necessitados, *falafel, shararit* - sendo que esse evento é mais raro pois normalmente não conseguem *minian*.

Foram realizadas entrevistas gravadas e outras ouvidas e anotadas nas quais optei por atentar para o discurso de pessoas "anônimas" da SIC, ao invés de líderes religiosos ou membros da diretoria pois lograva com isso, perceber a diferença entre o discurso oficial proposto durante os serviços religiosos pela diretoria da sociedade e as impressões que esse causava nos demais.

Encontrei muitas dificuldades para estabelecer uma relação de confiança e ter acesso a uma conversa mais relaxada, pois como não sou judeu era-me complicado e em alguns momentos desanimador, como quando me tratavam com indiferença ou banalizavam meu trabalho. O momento da passagem da indiferença para a tolerância surgiu depois de três anos de pesquisa, pela ocasião em que a SIC mudou de sede pela segunda vez. Escrevi uma carta ao presidente da entidade parabenizando pela nova casa e fazendo uma retrospectiva de todos os eventos que presenciei junto com eles e da importância do trabalho deles para tornar a religião presente na cidade. Ele por sua vez, me disse ter gostado muito da carta e pediu-me inclusive, permissão para lê-la em público no dia da inauguração da nova sede. Depois disso, minha presença tornou-se aparentemente mais tolerável. Eu também passei a me sentir mais à vontade na presença de alguns deles. Enquanto esse Sr. foi o presidente da Sociedade Israelita do Ceará, cheguei a receber

correspondências em casa, como convites para as festas, atividades judaicas e e-mails. No entanto, assim que esse Senhor afastou-se da presidência e outras pessoas foram incumbidas do envio de correspondências e e-mails, deixei de recebê-los. Tive que me basear em calendários judaicos impressos para saber das festas e atividades. Na verdade, esse senhor foi o único membro da diretoria da SIC que de alguma forma se interessou pelo meu trabalho, os demais nunca me perguntaram nada à respeito.

Algumas entrevistas foram realizadas na própria sede da SIC, antes do serviço religioso de sexta-feira e outras nas casas das pessoas. Estas entrevistas foram possíveis graças ao tempo de campo. Ele criou as condições para o estabelecimento da imprescindível relação de confiança sem a qual não é possível realizar as entrevistas, participar dos cultos e em partes, ser aceito. Em alguns casos, fui bem recebido e todos cooperaram com o trabalho. Alguns me dissuadiam da idéia da pesquisa, como um amigo israelense freqüentador da SIC. Ele afirmou que se eu quisesse perceber aspectos da identidade judaica, estava no lugar errado, pois aqui não existia isso! [5]

Para as entrevistas, sempre me apresentava como pesquisador, pois como freqüento há muito tempo a sociedade, muitos dos que chegaram depois me confundiam com judeu e isso já causou embaraços para os que não "esqueciam" que eu era *goi,* como em um serviço de *Yom Kipur* – Dia do Perdão, que o oficiante do serviço desconhecendo minha ascendência *goi* chama-me para abrir o *Aron Ha kodesh* – prerrogativa dos judeus adultos que já fizeram o *Bar-Mitzvá.*

O universo entrevistado se constitui de pessoas entre os 30 anos de idade até uma senhora de 88, o que fez elevar a média das idades para os 40 anos. Algumas histórias de vida foram realizadas individuais. Outras em pequenos grupos, pois como estava na casa das pessoas, seus maridos ou filhos ou mães queriam participar. Na sinagoga ocorria de aparecer alguém quando eu estava gravando uma entrevista e se introduzia manifestando o desejo de falar também.

Antes de começar as entrevistas perguntava a todos se haveria alguma oposição caso as conversas fossem gravadas. Apenas *Lídia,* uma *judia de tradição* mostrou-se

---

[5]Para evitar qualquer tipo de interpretação errônea, acho válido salientar a diferença entre Israelense e Israelita. O Israelita é o seguidor do judaísmo como religião, que pode ter nascido em qualquer lugar na diáspora, enquanto o Israelense é nativo do Estado de Israel e não é necessariamente religioso, podendo ser inclusive ateu.

inibida com o gravador por ser estrangeira e ficar constrangida com o "mau português" que julgava falar.

As entrevistas voltadas para as histórias de vida foram todas gravadas, e todas as histórias foram registradas. Entrevistei pessoas das três categorias analíticas que recortei: *judeus de tradição, judeus convertidos e judeus em processo de conversão*; sendo que esses últimos foram os mais desarmados e os mais interessados em falar, me contando porque procuraram o judaísmo, tentando me mostrar que existe um antepassado em suas vidas que era judeu, dizendo-me como era em outras sinagogas que já freqüentaram, me contando os percalços passados dentro da própria SIC.

Alguns foram um pouco hesitantes no início de seus depoimentos, mas esta sensação não durava mais que 10 minutos e logo falavam de forma mais espontânea. Este fato me facilitou, pois estava decidido a conduzir as entrevistas com o mínimo de perguntas, deixando que o interlocutor falasse com a maior liberdade possível. Minhas intervenções nas entrevistas sobre histórias de vida tiveram sempre em foco obter informações que esclarecessem alguns pontos como: ano e local de nascimento, bairro, profissão, informações sobre pais e irmãos, escolaridade, data e motivo da emigração para Fortaleza, endereços anteriores, casamento, filhos (nome, idade, escolaridade, motivo de escolha do colégio dos filhos[6], casamento, profissão), netos, relações de amizade, vida social, diferenças encontradas na chegada a Fortaleza, e terminava sempre com a mesma pergunta a todos: O que é ser judeu?

O fato de eu não ser judeu causou-me vários embaraços. Mas mesmo assim, os entrevistados revelaram-me suas vidas com relativa espontaneidade, intimidade e confiança. No entanto, sentiram uma certa curiosidade a meu respeito. E, muito à vontade, algumas vezes antes, outras depois dos depoimentos, invertiam os papéis e voltavam-me as perguntas que eu lhes fazia: onde moro, por que não fui fazer essa pesquisa em algum outro local onde a comunidade fosse maior e mais representativa, o que vou fazer depois do mestrado, etc. Alguns se tornaram meus amigos devido ao tempo que convivi com eles

[6] Em Fortaleza não existe colégio judaico para educação formal. Os judeus então, ao escolher os colégios dos filhos preferem antes colégios de orientação Batista e Presbiteriana que colégios Católicos, como o colégio CHRISTUS por exemplo que é um colégio de renome da cidade. Nos judeus que vieram de fora, interessava-me saber se estudaram em colégios judaicos.

e me diziam coisas bastante íntimas com a promessa que esses dados não entrassem na pesquisa. Observações comuns que eu ouvia:

" - Tu não é judeu não? Achei que fosse, tu parece judeu askenazi, daqueles da Polônia"

" - Onde vai ser publicado teu trabalho?"

" - Aqui quase todo mundo é convertido, tu não vai conseguir entender a identidade judaica aqui não ó!"

Alguns homens da categoria *judeus convertidos*, questionavam-me se o motivo de eu não querer fazer a conversão à religião mosaica era por medo da circuncisão ritual. Eles então me explicavam, com riqueza de detalhes, os processos por que passaram e qual era a sensação "antes" e "depois" da cirurgia assim como seus "prós":

" - Olha, eu conheço um médico que é muito bom, tu faz a cirurgia e ele dá toda a assistência e fica ótimo!"

"- Fica muito melhor que antes, tu vai ver...."

"- A sensação é outra, parece que você se sente mais leve, mais limpo".

Alguns ainda me chamavam a atenção durante a entrevista (os mais velhos), quando eu perguntava sobre algo que seria *natural* que eu já soubesse ou quando não conhecia alguma pessoa que achavam que eu *deveria* conhecer ou quando não conhecia algum termo em hebraico ou *iídiche* que era tão *simples!* Essas intervenções e perguntas dirigidas a mim durante os depoimentos foram valiosas para perceber o uso das categorias de identificação entre as diferentes gerações do grupo, bem como o que esperam de *"um dos nossos"*, categoria que alguns pensavam que eu fazia parte.

Uma das entrevistas firmou a direção que eu estava vendo como possibilidade de minha pesquisa. Nela o entrevistado, um senhor de 50 anos, freqüentador da SIC e nativo da cidade, sugeriu que eu fosse ao cemitério S. João Batista em Fortaleza, pois haveria, "em algum lugar", túmulos de judeus antigos moradores da cidade. Essa entrevista levou a desdobramentos como o levantamento de sepulturas judaicas na cidade. Dessa forma,

confirmei a presença de judeus no final do séc. XIX e começo do XX na cidade, independente desse fato não ser mencionado na historiografia local. A ausência de dados sobre judeus na historiografia por mim pesquisada, sugeriu-me que tal idéia insistentemente proclamada que na cidade não há judeus, se dava pela ausência de investimento em pesquisa. Como me impressionou esse fato decidi debruçar-me sobre a SIC, tomando-a como um exemplo particular da presença judaica no Ceará.

Flanzer (1984) aponta para a riqueza da história de vida como fonte histórica. Enfatizando que uma pesquisa baseada em história oral deve sempre ser acompanhada de um "controle" (domínio do contexto baseado em documentos, livros, etc.), este tipo de fonte, segundo a autora:

"permite abrir novas perspectivas na investigação, por tratar de questões centrais na experiência cotidiana dos indivíduos e que por vezes são ignoradas pela história "oficial".

(Flanzer:1984:12)

A autora chama a atenção para o controle entre as histórias de vida e as fontes escritas e essa relação entre as duas. No entanto, para minha pesquisa ser realizada, dada a ausência de fontes bibliográficas, o que abriu a perspectiva para a percepção da presença judaica na cidade, foi a história oral. Ao levar em conta a fala do informante e indo fazer o levantamento no cemitério, foi que pude perceber a riqueza da história oral e a originalidade do meu trabalho.

Durante as entrevistas, ou visitas à sinagoga, esforçava-me para concentrar em várias coisas ao mesmo tempo: atenção nas rezas, prestar o máximo de atenção no que diziam, no conteúdo e forma de seus discursos, no que acontecia em volta, em ser simpático e "puxar" conversa, sem no entanto, perder de vista as informações que queria obter - isso era o mais difícil, e as perguntas que me iam surgindo ao longo da conversa.

Na fase da transcrição das fitas – especialmente nas primeiras, experimentei uma sensação curiosa. Por estar mais relaxado que nas entrevistas, ia-me envolvendo em histórias, mergulhando aos poucos, e cada vez mais fundo, na vida de cada um dos entrevistados. Naquele momento, suas declarações ganharam um novo sentido,

"incorporando-os", pude compreendê-los melhor.

Se até então eu tendia a ver meu objeto como um *grupo coeso* e uniforme, quase homogêneo, pude perceber - no cotidiano dos indivíduos e também na transcrição das fitas, os diferentes indivíduos que constituem os judeus freqüentadores da SIC.

Quando chegou ao Brasil, Dona *Mazaltov (88)* teve dificuldades que não foram as mesmas de sua filha *Tsepóra(56)* nascida no país. Assim como sua percepção sobre judaísmo era uma outra. Na condição de filha de *judeus observantes* e religiosos do Leste Europeu com forte tradição *askenazim, D. Mazaltov* mudou-se para o Brasil, entre outros motivos, devido à perseguições e fome. Sua filha, por sua vez, pensa que o judaísmo é dado hereditariamente. Não reza, mas entende o *iídiche*, já morou em Israel e em várias outras partes do mundo. A presença dessas diferenças entre mãe e filha precisam ser examinadas à luz de questões como idade, escolaridade, deslocamentos que operam cada uma, ou seja, existem questões situacionais guiando essa percepção - o horizonte que uma produz suas percepções difere da outra. Uma mudou para o Brasil quando era adolescente, a outra nasceu no Brasil e se mudou para Israel depois de casada, uma se mudou por perseguição religiosa, a outra mudou-se para o Oriente Médio por aventura.

O Sr. *Shlomo(57)* é cearense, convertido ao judaísmo e segue todas as prescrições possíveis com relação a regras alimentares, jejuns rituais e observância do *Shabat*. *Rivká* (55), por sua vez, é filha de judeus que viveram em vários locais do planeta, acha que: *"Deus não está nem aí para o que eu como ou o que deixo de comer"*. *Lídia(33)*, tem ascendência judaica, mudou-se há pouco para o Ceará depois de morar por toda vida em uma capital sul-americana, trabalhar em entidades judaicas, casar com marido judeu e circuncidar os filhos. Segundo ela, durante toda sua vida sempre comeu frutos do mar – que é vetado ao *judeu observante* tanto quanto a carne de porco. No entanto, disse-me que apenas em Fortaleza ouviu de *Chaim (40)*, um *judeu convertido* a seguinte proposição: *"não acredito que você come camarão, acho inconcebível desrespeitar a kashut"*. O autor desse comentário expressou uma admiração com o ato de *Lídia*. Ele não compreendia que ela fosse capaz de assim se conduzir, apesar de que, mesmo ele não seguir todas as prescrições que condena nos atos de *Lídia*.

Em Fortaleza, é praticamente impossível seguir uma dieta alimentar exclusivamente *kasher*, pois isso demanda todo um aparato organizacional de uma grande

comunidade judaica que a SIC não dispõe, entre elas, a presença de um rabino para acompanhar a matança dos animais a serem consumidos, a presença de um *shoret*, que é o especialista nos cortes de carnes rituais, os utensílios de cozinha devem ser separados de forma ritual, deve-se separar panelas e vasilhas para a Páscoa, etc. Então, o *Sr. Shlomo e Chaim*, que são *judeus convertidos,* formam suas percepções do Ser Judeu de fora para dentro. As tensões dentro desses indivíduos são mais intensificadas. Eles pensam suas identidades judaicas a partir da legislação mosaica, via religião. Já *D. Mazaltov, Tsepóra, Rivká ou Lídia*, que são *judias de tradição*, oriundas de um "lar judaico", formam suas percepções do que cabe ou não a uma *judia* , situando essas tensões de dentro para fora. Elas sabem que são judias independente do que comem ou não.

Para sistematizar a trajetória do grupo expressa nos depoimentos individuais, nas experiências relatadas durante as entrevistas, dois autores forneceram-me pistas para elaborar o processo de transformar a experiência vivida em um texto escrito, cuidando para não reduzi-lo, transformá-lo em estereótipo e esvaziá-lo da complexidade que a vida vivida possui.

Malinowski, na introdução do livro *Os Argonautas do Pacífico Ocidental,* no qual inaugura a sistematização dos princípios a serem observados na pesquisa de campo, destaca como um dos itens que devem ser levados em conta ao se fazer uma pesquisa etnográfica, a questão de que a vida humana chama a atenção para que o antropólogo leve em conta o inexorável fato que na vida vivida, habita o imponderável. E esse imponderável deve estar contido no texto para expressar a vida, pois senão, o texto não expressará a vida vivida daquelas pessoas.

Enquanto Malinowski trata de um momento da observação, Thompson, historiador inglês, que compartilha com Malinowski do paradigma empirista presente no ambiente intelectual britânico, faz semelhantes considerações no campo da História em seu importante trabalho " *A Voz do Passado"*, no qual tematiza questões referentes a história oral, no tocante ao momento da escrita, tecendo considerações que vão ao encontro das preocupações de Malinowski. Em um determinado trecho do livro ele fala da experiência da escrita na qual o historiador percebe-se num limite de preservar o sentido mesmo que aquele indivíduo com o qual conversou, se expresse de forma vívida. Thompson assim se expressa:

"À medida que se escreve, tem-se a consciência das pessoas com quem se conversou; hesita-se em atribuir a suas palavras significados que eles recusariam. Humana e socialmente, essa é uma cautela conveniente (...) Ao escrever, também se deseja intensamente partilhar com os outros os insights e a vividez das histórias de vida que se apoderam da sua própria imaginação. Além disso, trata-se de um material que não apenas se descobriu, mas que, em certo sentido, ajudou-se a criar: é pois, completamente diferente de qualquer outro documento. Essa é a razão por que um historiador oral sempre perceberá existir uma tensão peculiarmente intensa entre a biografia e a análise cruzada. Mas essa é uma tensão que se alicerça na força da história oral. A elegância da generalização histórica, ou da teoria sociológica, flutua muito acima da experiência da vida comum que está na raiz da história oral. A tensão percebida pelo historiador oral é a tensão básica: entre história e vida real".

(Thompson, 1992:305)

BH/UFC

Tanto Malinowski quanto Thompson estão preocupados em pensar o vivido, percebido como um fluxo incessante de significados, aquilo que se costuma chamar experiência. O que fica ilustrado na dificuldade de colocar em palavras, o lugar mesmo da *Kashut* na vida das pessoas que se vêem, se sentem, se definem como judeus na SIC.

Na literatura de uso corrente, produzida por intelectuais judeus, usada como referência para esclarecer dúvidas, reafirmar princípios, há uma distinção entre tradição e costume. Por "tradição" entendem regras especificadas nos livros e nas leis escritas, como princípios sobre alimentação, datas de festas e rituais que devem ser observados. Por "costume" querem dar a entender que são regras que variam de região para região, de comunidade para comunidade, de sinagoga para sinagoga. Ou seja, essas variações não expressam senão uma ordem comum subjacente a todas elas. Como se houvesse um "marco zero" no qual tudo se constitui.

Contudo, essa distinção tão cuidada nos textos desses intelectuais não é imediatamente apreendida na experiência das pessoas. Esses "costumes" estão incorporados de tal forma que os componentes não sabem se determinada atitude é um costume ou tradição. Os indivíduos que freqüentam a SIC, durante as entrevistas, tiveram

dificuldades em tratar como tradição ou costume o uso da *kipá*, a forma de conduzir os serviços religiosos, a forma de cantar os salmos e o uso do *talit* em certos serviços. Isso mostra novamente, que a experiência da identidade é circunstancial. Pois aquilo que é chamado de tradição, que pode ter inclusive um registro escrito, é atualizado de uma determinada maneira, num determinado momento e num determinado lugar.

Mesmo havendo em Fortaleza judeus *askenazim* e *sefaradim*, os cultos são rezados no rito *askenazi*. Não apenas o pioneiro e fundador da SIC é de tradição *askenazi*, mas também o segundo *chazan* que hoje coordena a direção de cultos da SIC. Isso me causou uma curiosidade: qual a diferença entre a forma de rezar no rito *askenazi* e no rito *sefaradi*? Percebi nas entrevistas que os participantes reconhecem a diferença, mas não a ponto de verbalizá-la, ou seja, isso está na ordem do vivido, não é formulado por eles. A fala abaixo ilustra a contundência dessa consciência por parte de um dos membros:

" Olha Abel, o acento, o sotaque é diferente. Eu não entendo nada de culto, nem de um nem de outro. Mas você nota que é completamente diferente a reza, a canção, o sotaque, é outra coisa...

(Tsepóra(56) Dados de Entrevista)

Tsepóra é capaz de perceber as nuances e modulações imprimidas numa reza, a prosódia no interior daquela fala. A diferença é percebida, mas não chega a ser nomeada, conceituada. *Tsepóra* enumera os elementos que escapam a uma formulação, eles chegam a ser percebidos em sua especificidade mas ela é refratária à captura pelo intelecto, fica na ordem do vivido.

É possível construir um outro quadro de compreensão para situar a fala de *Tsepóra*. A SIC não conta com a presença profissional de um Rabino. Um Rabino é um sacerdote profissional, estudou em seminários rabínicos que são reconhecidos como uma instituição de nível superior, chamados *Yeshevá*. Esse profissional é contratado e pago pelas comunidades para prestar assistência religiosa e serviços ligados à sinagoga. Portanto, talvez ele pudesse nomear a especificidade que é percebida por *Tsepóra* mas não nomeada – ela apenas nota, diferencia. Com relação a presença de uma autoridade religiosa na SIC, segundo seu diretor de cultos, a presença de um Rabino é indispensável em apenas três

casos: (1) conversões; (2) casamentos e separações de casais e (3) formação de cortes rabínicas. Durante a minha presença na SIC, nunca presenciei nenhum casamento, nem uma separação de casais, e segundo *Mordechai* - o diretor de cultos, as corte rabínicas só se reúnem hoje em dia, em sinagogas ortodoxas e decidem alguma coisa apenas em Israel.

Segundo *Yaakob* - presidente da SIC, a sociedade teria planos de contratar um Rabino ou um Chazan profissional, mas isso é dificultado pelo alto custo de um profissional desse nível, considerando a baixa receita financeira da SIC. Para sanar essa dificuldade, *Yaakob* me disse que haviam estudos e planos por parte da Sociedade em contratar um profissional religioso que fosse itinerante e atendesse a várias comunidades pequenas, mas, enquanto estava entre eles, isso não aconteceu. Todavia, eventualmente, rabinos convidados apareceram na sinagoga, ora para fazer alguma conversão, ora para fazer uma palestra, ora apenas para uma visita rápida enquanto em trânsito pela cidade vindos de outros locais. O rabino que presta assistência religiosa de forma eventual nessa comunidade é um rabino de orientação liberal de Belo Horizonte (MG). Foi ele quem fez as conversões na SIC. Um outro rabino também esteve aqui, mas sua estadia teve caráter de visita. Veio como amigo de judeus que eram de São Paulo e hoje vivem aqui. Esse mesmo Rabino ministrou um curso sobre a *Kabalah* na sinagoga do Sr. *Shlomo*. Por ocasião do serviço de Yom Kipur do ano de 2.001, convidaram um Rabino ortodoxo de São Paulo para ministrar o serviço no rito askenazi.

As entrevistas e a observação participante constituem grande parte do material que vou articular nos capítulos projetados.

No Capítulo I , relatarei os processos de formação da Sinagoga *Beit Yaakov* , nome da sinagoga existente na Sociedade Israelita do Ceará. Nesse capítulo, tratarei do movimento realizado por essas pessoas para implementar a idéia de formar uma comunidade judaica em Fortaleza, tendo como pano de fundo a idéia de que em Fortaleza *"não existem judeus"*.

Para tal, farei uso de descrições etnográficas realizadas a partir de visita a um cemitério da cidade, fotos, descrições das sedes da SIC por mim observadas, trechos de entrevistas, estatuto da SIC e interpretações sobre o SER JUDEU encontradas na literatura judaica.

No capítulo II, estarei descrevendo os principais rituais e festas judaicas, tal como concebidos na ortodoxia judaica e de que forma essas concepções foram apropriadas pelos participantes da SIC considerando sempre a especificidade do grupo. Para esse capítulo, farei uso de livros sagrados do judaísmo, como a *Torá,* a *Mishné Torá* e o *Talmud.* Farei uso também de publicações judaicas sobre as festas, como a *Hagadá de Pessah, Meguilá Ester e* material impresso utilizado para o serviço de *Yom Kipur*. Ilustrarei os capítulos com fotos e farei descrições das observações realizadas durante as festas.

No terceiro capítulo, estarei analisando como se dá a atualização da identidade judaica entre os participantes da SIC, assim como as categorias de identificação e adscrição empregadas ao longo de seus discursos, contextualizando-as nas diversas circunstâncias de interação social. Mostrarei fatos que, aparentemente pequenos, revelam todo o substrato em que está estruturada a sociabilidade desses indivíduos na cidade, como pequenos incidentes, dúvidas, posturas e decisões, considerando sempre o espaço de dissonância entre o dito, o feito e o manifesto. Para esse capítulo, farei uso basicamente da análise de observações realizadas na sinagoga e de algumas entrevistas.

Na conclusão, voltarei à discussão das hipóteses apontadas no texto, e farei algumas considerações.

No final dessa introdução, anexei um glossário de termos em hebraicos e/ou *iídiche* que poderá ser útil durante a leitura. Normalmente o glossário vem no final, mas acredito que no início facilitará ao leitor, pois as palavras se repetem várias vezes. Outros termos que não constam no glossário e que aparecem apenas uma vez, serão explicados no corpo do texto.

No anexo, inseri tabelas com dados sobre os participantes da SIC, para que o leitor tenha uma idéia do perfil do participante, como, participação nos eventos religiosos e um gráfico de participação por profissão.

GLOSSÁRIO

ALIA: " Subida" ou " retorno". O primeiro termo é utilizado quando um homem é chamado para ler a *Torá* em serviços religiosos e "sobe" até o púlpito. O segundo termo significa o retorno para *Eretz Israel*, Terra de Israel. Os judeus acreditam que estão fora de sua terra, o governo israelense criou a Lei do Retorno que favorece aos judeus da diáspora conseguir a cidadania israelense.

***ARON HÁ KODESH*:** Arca da Aliança. Tanto na SIC como em outras sinagogas, a Arca da Aliança se assemelha mais a uma armário, coberto por uma cortina contendo em seu interior os rolos da *Torá*.

BAR-MITSVÁ* e *BAT-MITSVÁ: A palavra *Mitsvá* , em hebraico significa "obrigação religiosa" prescritos no *Talmud* e na *Mishné Torá*. Essas obrigações são preceitos gestados entre outros fatores pela ética judaica. *Bar* significa "filho" e *Bat* significa "filha". As duas palavras associadas a *mitsvá*, significam então, que aquela cerimônia é uma obrigação religiosa para o filho e para a filha realizada com a idade de 13 anos. É um ritual de passagem para a vida adulta.

***CHALÁ*:** (pronuncia-se */Rala/* com o /ch/ fazendo um /R/ gutural). A *chalá* é um pão de trigo trançado com sementes de papoula servido no final do serviço de *kabalat Shabat* e nas festas religiosas. Para o consumo ritual, um pouco de sal é aspergido sobre o pão seguido de uma benção de santificação .

***CHAZAN*:** (pronuncia-se "*/Razan/*") – é o cantor de salmos e orações dos serviços religiosos. Mesmo em sinagogas onde atuam Rabinos, os condutores dos serviços são os *Chazim* – plural de Chazan.

***ESNOGA*:** significa Sinagoga no dialeto ladino.

***FALAFEL*:** Alguns pronunciam: *faláfel*. Comida judaica normalmente servida em festas beneficentes que assume o nome do evento. "- Vamos no *falafel*?"

***GOIM*:** Plural de goi. O termo aplica-se a estrangeiros, gentios, cristãos, enfim, qualquer pessoa que não seja considerado judeu e estranha ao grupo. O termo pode ser usado de forma pejorativa contra os *judeus convertidos*, como que questionando sua "judaicidade".

***IÍDICHE*:** Dialeto alemão com o acréscimo de caracteres poloneses e hebraicos falado pelos judeus *askenazim* no Leste Europeu e na Rússia. Significa "judeu". Às vezes utilizam essa palavra para se referir a pessoas: " – Ele é *Iídiche*?" . O *iídiche* é falado ainda hoje em comunidades de judeus *askenazim* ortodoxos. Ao contrário do *ladino*, que é uma língua morta, em Israel ainda hoje se publicam jornais e peças de teatro nesse idioma.

"hebreu"

***IVRIT*:** "Judeu" em hebraico.

***KABALAH*:** Significa "tradição" , o termo é grafado em português como "cabala". É a tradição judaica voltada à mística do judaísmo e era muito estudada pelos sábios cabalistas na Península Ibérica na Idade Média. Enfoca, entre outras tradições, a "forma" de se entrar em contato com o Divino, através do ascetismo, técnicas de meditação e transmutação das letras hebraicas.

***KABALAT SHABAT*:** Serviço vespertino de *Shabat*. No calendário judaico, o dia começa no final da tarde com o aparecimento da primeira estrela. A observância do *Shabat* é o valor máximo do judaísmo junto com o reconhecimento do Deus Único e a aversão pela idolatria. Essas prescrições estão nos Dez Mandamentos da Lei Mosaica. É um dia de descanso em que os judeus deveriam voltar suas atenções para a família e o estudo da *Torá*. Existem uma série de preceitos religiosos em torno do *Shabat* e sua essência é de difícil apreensão para um não-judeu. No *Shabat* realizam-se dois serviços religiosos, um na Sexta-feira – *Kabalat Shabat* e um na manhã de Sábado – *Shaharit*. Nesse, fazem leitura de um

trecho da *Torá* e os homens fazem *aliá*; naquele, realizam cantos e orações, além das bênçãos do vinho e da *chalá*.

***KADISH*:** Oração realizada pelos enlutados.

***KASHUT*:** Conjunto de leis expressas no livro do Levítico (*Vaykrah*, cap.XI) que tratam da alimentação. Há inúmeras "explicações", homiléticas e místicas dos vários detalhes do código da dieta. Mas, em última análise, o código em sim mesmo é simplesmente uma parte da estrutura legal mais ampla apresentada na *Torá* como o marco distintivo da vida judaica. A *kashut* também tem uma dimensão social. o fato de o observante não poder comer quando lhe apraz, coloca uma certa barreira entre ele e os que o rodeiam. Segundo os costumes ortodoxos, o lado "positivo" é que um lar *kasher* – puro, é aquele onde todo o judeu pode comer e sentir-se em casa. Por isso, a observação da *kashut* marca um passo significativo na definição da pessoa como judeu, tanto no sentido do que a separa, quanto no sentido do que a une. O idioma inglês traduz o termo hebraico *kasher* para *kosher*. O seu oposto, ou seja, "impuro", é *tref*.

***KIDUSH*:** Benção de santificação do vinho para uso nas festas religiosas, dias do shabat ou mesmo em casa.

***KIPÁ*:** Solidéu utilizado por todos os homens (judeus ou não) presentes a um serviço religioso. A prescrição religiosa pede aos homens a cabeça coberta. Então, um chapéu, boné ou gorro são aceitos. O uso da *kipá* não é um preceito bíblico, mas um "costume". O plural é *kipot*.

***MATZÁ*:** Pão ázimo consumido na época da festa de *Pessah* – Páscoa.

***MEZUZÁ*:** Pergaminho contendo passagens bíblicas específicas, que os judeus fixam no batente de suas portas, dentro de pequenas caixas de vários materiais como ouro, madeira, jade, acrílico, plástico. Esse artefato era considerado como amuleto pelos judeus *sefaradim* da Península Ibérica na Idade Média. A Mezuzá possui um caráter de marcação de

fronteira entre o profano e sagrado, sendo fixada em portas de casas e de sinagogas. É um costume observado, o de tocá-la e beijar a mão, na entrada e na saída do ambiente onde esteja fixada. A mezuzá pode fixada em todas as portas de uma casa, em ambientes onde se coma e onde se durma.

***MINIÁN*:** Quorum mínimo de 10 homens adultos (que já tenham feito *Bar mitsvá*) para a realização dos serviços religiosos completos. Para alguns rituais, sua existência é imprescindível, como a abertura do *Aron Kodesh* e a recitação do *Kadish*. Mulheres não são contadas em *minían*.

***MITSVÁ*:** Ver: *Bar-Mitsvá.*

***MORÁ*-** Professora em hebraico. O plural é *morot*.

SÉDER: Reunião familiar ou comunitária para a comemoração da festa de Páscoa, onde se lê a tradição da festa e terminam com um jantar.

***TALIT*:** Xale ritual usado pelo *chazan* em todos os serviços religiosos e pelos demais homens nos serviços religiosos de *shaharit* e alguns feriados judaicos como *Rosh Hashaná* – O Ano Novo judaico e no *Yom Kipur* – o dia da expiação. O valor simbólico maior do *talit* está nas franjas encontradas nos quatro cantos do xale, que são as *tsit-tsiot*, pois olhando-as os judeus devem se lembrar dos mandamentos ditados por Deus a Moisés. Os judeus ortodoxos usam um pequeno talit chamado *"talit katan"*, por dentro de suas vestes deixando apenas as franjas do lado de fora.

BH/UFC

***TALMUD*:** Exegese racional do judaísmo. É um código ético escrito por rabinos. Existem dois *"Talmudim"*, Um escrito na Babilônia no período do cativeiro e outro em Jerusalém, sendo que o *talmud* babilônico é o mais aceito pelas autoridades rabínicas. Os textos do Talmud foram revistos posteriormente por *Maimônides*. Suas observações deram origem à *Mishné Torá*, uma interpretação desses escritos.

***TORÁ*:** é o livro sagrado do Judaísmo e chamada pelo *Talmud* de *Reshit* – o princípio de tudo.

Compreende os primeiros cinco livros (Pentateuco) do que o Cristianismo chama de "Antigo Testamento":

Gêneses (*Bereshit*), Êxodo (*Shemót*), Levítico (*Vaykrah*), Números (*Bamidbar*) e Deuteronômio (*Devarim*).

Na sinagoga ela é encontrada em forma de rolos de pergaminho escritos à mão por escribas de Israel e é chamada de Sefer Torá. *Onde* Sefer *significa "livro".*

CAPÍTULO I
Se existem Judeus em Fortaleza, onde estão?

I.1 - Da primeira visita

Em Fortaleza, até o ano de 1993, não havia uma organização que representasse a coletividade judaica de forma institucional e religiosa. O surgimento da SIC, é atribuído a *Efraim*. Esse Sr. é israelense, radicado nos EUA, onde fora rabino por oito anos. É filho de rabino ortodoxo. Chegou a Fortaleza no início da década de 90, e depois de procurar uma comunidade judaica aqui e não conseguir localizar, colocou um anúncio nos jornais da cidade convidando possíveis interessados em participar de uma festa religiosa que seria ministrada por ele. Algumas pessoas apareceram para essa reunião. À partir desse primeiro encontro, as pessoas que se reconheceram como judeus na cidade, começaram a se reunir de forma sistemática com o intuito de criar uma sinagoga em Fortaleza, fortalecer a religião e a presença judaica na cidade.

Após a festa de *Chanuká* - tida como a data de fundação da SIC, realizada em um hotel da cidade, as reuniões começaram a ser mais freqüentes e resolveram estipular a possibilidade de criação de uma Sociedade Israelita e em que moldes isso se daria.

Durante essas reuniões, alguns problemas se fizeram notar. Um deles, foi a dúvida surgida entre eles sobre o rito que seriam realizados os serviços religiosos. Alguns queriam que os serviços religiosos que viessem a ser realizados naquela sinagoga que se formava, fossem no rito *askenazim*, e outros que fossem professadas pelo modo condizente ao rito *sefaradim*. Segundo a fala de uma informante que estava presente nas reuniões iniciais , algumas pessoas se pronunciaram e as discussões foram contundentes. Alguns queriam que a sinagoga fosse uma "Sinagoga *Sefaradim* em Fortaleza", e outros queriam que na cidade viesse à ser criada uma "Sinagoga *Askenazim*". Manifestando-se contra essas diferenças em um local tão pequeno e temendo os riscos que poderiam gerar ao projeto de criação de uma sinagoga na cidade tais conflitos desnecessários, *Tsepóra*, me conta em sua entrevista:

"...foi inclusive na segunda reunião na casa do Samuel, quando começou a se cogitar o nome da sinagoga ele (um certo Sr. *Absalon) queria fazer da sinagoga uma sinagoga sefaradi; ai eu dei um pulo e eu disse que isso não existe aqui, que não seja nem só sefaradim e nem só askenazim, porque eu já com a experiência de Israel desse confronto eu achei que tão poucas pessoas é um absurdo fazer uma sinagoga sefaradi ou askenazi. Que fosse uma sinagoga sem pender para nenhum lado."*

(Tsepóra (56)- dados de entrevista)

Assim, acalmaram-se os ânimos e optaram por uma sinagoga que contemplasse os dois ritos.

Uma das necessidades primárias era a legitimação de um espaço físico na cidade para os encontros, pois nas casas das pessoas era difícil e em hotéis, inviável. Uma pequena sala comercial que pertencia a um dos participantes fundadores, emigrante da cidade de Manaus (AM), foi cedida como a primeira sede da sociedade:

"E é isso... se resolveu a alugar uma sala, o Sr. Gurion cedeu a sala e num instante se abriu".

(Tsépora (56) dados de entrevista)

O local era no bairro da Aldeota, na rua Santos Dumont esquina com a rua Rui Barbosa, local com grande fluxo de comércio. Estive nesse local apenas uma vez, quando fui procurar pela SIC no início da pesquisa. Eles tinham se mudado para uma nova casa havia apenas uma semana, por isso, nunca entrei nesse local. Apenas a observei de fora.

A sala está localizada em uma galeria de lojas comerciais. O cruzamento da rua é bastante barulhento e o movimento de outras lojas é constante. A porta de entrada possui uma janelinha de vidro, que permite uma visão do interior da sala. Quando a observei, vi que possuía aproximadamente uns 5mts quadrados. Não havia nada ali que pudesse ser associado a um templo religioso. Nem símbolos, nem marca de *mezuzá* na porta, nada. Essa ausência de marcas aparentes me fez deduzir que utilizaram por pouco tempo aquele espaço. No lado direito da porta, havia um cartaz da imobiliária dizendo que o imóvel

estava para ser alugado. Copiei o telefone, liguei para a imobiliária e indaguei se os antigos locatários haviam deixado um endereço. Eles então me forneceram o novo endereço.

Dessa vez fiz uma incursão preliminar para me garantir que o endereço estava certo e de quanto tempo demoraria para chegar lá. Fui em uma quarta-feira, final de tarde, de bicicleta. O endereço era de uma casa situada em um bairro chamado Dionísio Torres, bairro com características de bairro residencial. A rua em que funcionava a sinagoga, estava há três quarteirões de uma avenida bastante movimentada chamada Av. Antônio Sales. Essa avenida atravessa uma parte da cidade, passando por bairros periféricos, pelo centro de Fortaleza até quase chegar na Praia do Futuro, no outro extremo da cidade. A rua da sinagoga - chamada Carlos Vasconcelos atravessa a Avenida citada acima. Na rua Carlos Vasconcelos, observei grande concentração de botequins, jogo-do-bicho, borracharias, crianças na rua, cães perambulando e não muita iluminação.

A casa usada como sede ficava quase de esquina, defronte a um pequeno edifício de clínicas. Possuía um pequeno portão lateral de madeira em um muro "branco-mofado". A sua direita, um portão de garagem, também de madeira com um aclive para eventuais entradas de carros ou estacionamento. Esse portão raramente era aberto, pois usavam a parte interna da garagem como parte da área de convivência depois dos serviços religiosos. A casa não tinha uma cor definida, algo como um "rosa velho" ou ocre! Na fachada, apenas o número da casa - 2.555 em letras de metal e uma pequena pichação no portão da garagem, mas nada com conotação agressiva ou anti-semita, apenas uma pichação urbana...

Externamente nada identificava a casa com um templo religioso judaico. Nada de estrelas de David, candelabros ou placas com o nome da entidade, como já tinha sido observado por mim em outras comunidades judaicas no Brasil onde eu já estive, como Brasília, Porto Alegre e Recife. A casa, por ocasião dessa incursão, estava vazia.

Conversei com o porteiro do edifício de clínicas em frente e ele me disse que ali se reuniam pessoas na sexta-feira. O porteiro não disse em nem um momento que eram "judeus". Perguntei se os homens usavam barba, *kipá* ou algum diferencial no vestir. Disse-me que não, o que me fez inferir que a comunidade possivelmente existente ali, não deveria ser ortodoxa, mas sim, de orientação liberal. O porteiro me disse também que normalmente quando havia alguma reunião, davam-lhe bocados de bolos, biscoitos e refrigerantes.

Na sexta-feira, imaginei que os encontraria reunidos para o *kabalat shabat*, e estava certo! Cheguei às 18:00hs. O serviço só viria à começar 18:50hs. Entrei pelo portão lateral temeroso ante a possibilidade de que um erro ou um posicionamento equívoco viesse a causar algum constrangimento ou má impressão sobre mim.

Ao contrário de religiões como: as congregações de orientação cristã - católicos e neo-pentecostais; ou mesmo as comunidades religiosas afro-brasileiras, que primam por acolher e abrigar com relativa facilidade novos membros e participantes para suas comunidades, o judaísmo posiciona-se contra o proselitismo religioso e as vezes os participantes tomam atitudes hostis ou no mínimo indiferentes aos *goim* e aos recém-chegados. Apesar de tolerarem sua presença - posto que um templo religioso é um local público, é muito difícil chegar sozinho sem ser levado pela mão de um "deles".

Pelo portão lateral, Francisco, o porteiro "não-judeu", me recebeu com um meneio de cabeça, um boa noite e nada mais. Francisco era jovem, com cerca de 20 anos e parecia indiferente ao trabalho que desempenhava, dado os movimentos mecânicos e rotineiros que fazia.

No jardim, sob um pé de sirigüela, brincava um garoto louro. Brincava sozinho com folhinhas e frutas que recolhia do chão, em um exercício lúdico peculiar a sua idade de 6 anos. Foi o primeiro judeu que se apresentou à mim na sinagoga de Fortaleza: *Azazel*! Contornei a pequena garagem onde se acomodavam *kipot e sidurim* sobre uma pequena estante para os fiéis que chegavam. A mulher loura, mãe de *Azazel*, aparentava cerca de 33 anos, e possuía um olhar esquivo e desconfiado. Veio até mim e perguntou-me o que queria ali. Posteriormente descobri que seu nome era *Jezebel* e que era médica. Disse-lhe que gostaria de falar com o *Rebe*, ainda titubeando com relação ao termo hebraico (aliás, *Rebe* é uma palavra em *iídiche* e significa rabino), mas querendo salientar o caráter científico que me impulsionava até ali. Ela me disse que ele demoraria um pouco à chegar e que eu o aguardasse! Perguntou-me se eu era judeu. Eu disse que não! Perguntei-lhe então, se podia aguardar pelo diretor de cultos na sinagoga. Ela me olhou nos olhos e empertigando-se disse um peremptório: Não! Sugeriu-me de forma absolutamente alheia à meus interesses que o esperasse lá fora. Fiquei então sentado debaixo da árvore conversando com *Azazel* sobre brincadeiras, escolaridade - soube através dele que existia uma escolinha na sinagoga e que ele sabia recitar "inteirinho" o "*lechá-dodi*"- um salmo cantado que saúda o *shabat*.

Dentro de pouco tempo começaram a chegar os primeiros fiéis para a espera do *shabat*! Percebi uma certa suntuosidade nas vestes, cabelos e olhares. Uns dois homens vestidos de terno, e vários em manga de camisa, com relógios e pulseiras doiradas. As mulheres se vestiam com vestidos bem cortados e algumas ostentavam jóias no pescoço, orelhas e dedos. É muito comum entre elas, o uso da *estrela de David* em forma de pingente ou broche, e de um outro berloque onde lê-se a palavra " *Chai*". A palavra que significa – "vida" é representada pelas letras "*chai*" e "*youd*", do alfabeto hebraico e são confeccionados em ouro, prata, jade, ou incrustado com diamantes. A indiferença com que passavam por mim era minimizada apenas por meneios de cabeça (de alguns), olhares de curiosidade (de outros). Fala, nenhuma!

Quando chegou *Mordechai* , diretor de cultos, com uma *kipá* de veludo vermelho, a única que eu vira daquela cor. A *kipá* é um solidéu que os homens usam na cabeça ao entrar em locais sagrados como sinagogas ou onde haja uma *Sefer Torá* presente. Sua cor varia muito e seu uso não se trata de um preceito religioso, mas sim um costume. O único interdito é que as *kipot* confeccionadas em couro não devem ser usadas no *yom kipur* - Dia do Perdão, pois o uso desse material é vetado aos fiéis nessa data. Mas a *kipá* de *Mordechai* era a única vermelha, o que me despertou curiosidade, como se essa cor fosse uma prerrogativa sacerdotal ou algo assim, o que não é verdade. O condutor de cultos, é um homem de 36 anos de idade, médico, paulista.

Nos apresentamos e nesse momento, ele foi cortês - acredito que por ser um membro da diretoria. Disse-me que não era Rabino, e sim *Chazan* - que é um cantor de orações que ministra os serviços religiosos. Contei-lhe os motivos que levaram-me até ali e todos os périplos passados para encontrá-los. Ofereci um livro sobre arte judaica à biblioteca da SIC e meu cartão. Perguntei a *Mordechai* se haveria algum constrangimento em assistir ao serviço religioso daquele dia. O *Chazan* tomou o cartão entre os dedos, olhou-me, leu o nome (e o sobrenome) e perguntou-me : "- você é judeu?" Respondi-lhe que não. Ele não esboçou nenhuma expressão. Quanto à pesquisa, disse-me que a princípio não via problema algum, e que a decisão de "deixar ou não", não cabia a ele, pois não era nem o presidente da SIC. No entanto, concordou plenamente em marcar uma entrevista para conversarmos um pouco e inteirar-me da situação da comunidade até então. Quanto a

participar do serviço religioso de *kabalat shabat*, ele me autorizou sem problemas, desde que usasse *kipá*.

A primeira *kipá* que usei era azul com bordados dourados confeccionada em cetim. Para minha inexperiente cabeça era complicado equilibrá-la, forçando-me a uma postura corporal mais rígida e um pouco tolhido nos movimentos, além de um certo receio em deixá-la cair. Seria um "sacrilégio"? Novamente fui salvo pelo pequeno *Azazel*. Pouco antes do ventilador de teto arrancar minha *kipá*, a de *Azazel* caiu antes. O que pude perceber, foi a naturalidade com que o pequeno apanhou o solidéu, beijou-o e o recolocou na cabeça. Foi exatamente o que fiz!

Entrei em um recinto religioso judaico pela primeira vez na vida! Sabia que deveria beijar a *Mezuzá* na entrada da sinagoga, mas não sabia que os homens - e os garotos acima de 13 anos, se sentariam em lados diferentes das mulheres. Essa prática se dá devido à separação que o judaísmo faz dos dois sexos, pois segundo um rabino ortodoxo de São Paulo que visitou a cidade, a mulher tira a atenção dos homens durante as orações. A *Torá* adverte também que é prudente ao homem evitar de tocar em uma mulher, pois essa pode estar em um período de impureza (*nidá*), devido à menstruação:

> *"E a mulher, na impureza de sua menstruação, não te aproximes dela".*
>
> (*Vaikrá* 18-19).

Em sinagogas de orientação ortodoxa, como em Brasília, os judeus colocam treliças de madeira como biombos entre as fileiras masculinas e femininas, e em alguns casos de sinagogas muito grandes e de dois andares, como em Porto Alegre, as mulheres ficam em pisos diferentes dos homens.

Sentei em uma cadeira e observei o que estava em torno de mim. Duas velas assentadas em castiçais cujos pés eram adornados com estrelas de David em miniatura ardiam em cima de uma pequena mesa, junto com uma garrafa de vinho *kasher*, um cálice e uma *menorá* (candelabro de 7 braços).

BH/UFC

Quando sobe ao púlpito o *chazan* envolvido em seu *talit* longo e inicia o serviço religioso fiquei completamente atordoado com o som da língua hebraica. A primeira oração é um canto de entrada convocando os fiéis a entrarem no recinto para o início do serviço. Na segunda oração, uma mulher é convidada para fazer a "*habrará* das velas", preferencialmente uma mãe judia. Praticamente em todas as vezes que presenciei a "benção das velas" na SIC, o *Chazan* chamava sempre a mulher mais velha presente, mormente uma *judia de tradição*. As velas são acesas no serviços religioso com a intenção de representar as ações de lembrar e perpetuar a tradição judaica. Outra interpretação me foi

fornecida entretanto, por um judeu francês que chegou recentemente em Fortaleza. Ele me disse que o motivo de ser uma mulher a acender as velas é para purificá-las do pecado original. No entanto não consegui uma fonte bibliográfica que confirme essa idéia.

No que tange a relações de parentesco a tradição judaica é matrilinear, ou seja, a linhagem é considerada à partir do fato de o indivíduo ter nascido de um ventre judaico. Em outras culturas nômades, como os ciganos, também se observa esse fenômeno. São as mulheres que costuram e amarram a cultura entre os mais jovens. Reproduzem e representam tradições familiares. É na comida, nos hábitos cultivados no dia-a-dia que se estabelece uma determinada forma de representação cultural. A "mãe judia", estereótipo da mãe protetora e enérgica com os filhos, é também uma derivação dessa representação e da dicotomia judaica de se pensar por analogia. A mãe judia é representada como aquela que oferece/toma, ama/odeia. Sua obrigação religiosa inclui ações como: exigir que os filhos aprendam o hebraico, acender as velas em casa, preparar pratos tradicionais, obriga-los a estudar as leis. Ao mesmo tempo, é a mãe carinhosa e amável. Suas ações oscilam entre o bem/mal, o certo/errado, o justo/misericordioso, ações presentes na ética e na lógica judaicas.

Hanna (40), uma *judia convertida* que morou em Israel e em Nova York, fala fluentemente o hebraico e o inglês. Ela é casada com um israelense e é mãe de gêmeas. Conversando sobre os "papéis da mãe judia", ela me disse a seguinte afirmação sobre o ensino da língua hebraica em casa:

" É uma vergonha Abel! Você acredita que eu não falo em hebraico com as meninas? Quando elas eram menores estavam até aprendendo algumas palavras, mas hoje em dia...mas também a gente não tem tempo, é só correndo. Mas eu vou ensiná-las, isso não pode continuar!

(Hanna (40)- dados de entrevista)

Hanna sabe da importância do ensino para as filhas e para a tradição, no entanto se sente negligente com isso e escamoteia a situação culpando a falta de tempo e a correria cotidiana. No entanto, ela é professora particular de hebraico, ministrando aulas para os participantes da SIC .

Na SIC algumas passagens da liturgia do *kabalat shabat* são lidas em português, mas a maioria das orações são cantadas em hebraico e algumas em aramaico, que é um dialeto cognato do hebraico. Em minha primeira visita, fiquei observando o transcorrer das orações e percebi que todos os presentes usavam livretos de orações (*sidur)* e eu não. Quando senti que seria interessante ter um livreto para acompanhar as rezas, me senti constrangido em sair fora do salão de orações e buscar um para mim. Não sabia se devia (ou podia) sair no meio da "reza". Mesmo assim levantei-me e fui buscar meu livreto.

O livreto utilizado pela congregação é uma síntese do *sidur completo*. O *Sidur completo* é um livro que contém as orações do serviço vespertino de *shabat* realizado na sexta-feira à noite *(kabalat shabat)* e do serviço matutino de sábado (*shaharit),* além da liturgia para *Yom Tov* (dias de festa). Esse livro possui 310 páginas conforme a edição por mim consultada[7]. A edição sintetizada que a SIC utiliza tem 73 páginas e é uma publicação da Associação Religiosa Israelita do Rio de Janeiro (ARI) organizada e escrita pelo Rabino Henrique Lemle e atualizado pelo Rabino Roberto Graetz no ano de 1986. Algumas orações são suprimidas, como trechos da canção *lechá-dodi* e do *kadish*, devido à orientação religiosa da congregação ser liberal. Com isso, o livro se torna mais leve e de fácil manipulação. Alguns participantes possuem um *Sidur Completo* em casa e a SIC também possui alguns exemplares. No entanto, o material utilizado na sinagoga de Fortaleza para o serviço de *Kabalat Shabat* é o da ARI.

No livreto as orações são impressas em hebraico bíblico - que é diferente do hebraico coloquial falado hoje em dia no Estado de Israel em algumas expressões e forma de pronunciar as palavras. Na versão utilizada pelos participantes da SIC, as letras hebraicas vem impressas com *negudot*, que são sinais gráficos que vocalizam certas letras e facilitam a leitura para os não fluentes no idioma.

A impressão da brochura é em papel chamex com capa em bicromia (azul e vermelho) plastificada. As orações são impressas da seguinte forma: são grafadas em hebraico na primeira página seguido da transliteração dos caracteres hebraicos para os fiéis poderem acompanhar a melodia dos cânticos. Em seguida, vem a tradução dos trechos para o português. Assim, o leitor dispõe de três possibilidades para participar dos serviços

[7] FLIDLIN, Jairo. Sidur de Shabat e Yom Tov. Nova Stella, São Paulo, 1991.

religiosos: ler em português, cantar na forma transliterada e acompanhar (ou ler) os caracteres do *Alefbeth* - alfabeto hebraico.

Assim como nas línguas latinas, germânicas, eslavas ou escandinavas, os leitores manipulam seus escritos passando as páginas e acompanhando a leitura da direita para a esquerda. No idioma hebraico, assim como no árabe, no aramaico e no persa, os livros são manipulados da esquerda para a direita. Isso me causou um certo espanto e estranhamento - que não passou despercebido aos olhares furtivos da audiência meu vacilo em começar o livro pelo final. Enfim encontrei a página que se encontrava o *Chazan* e passei a acompanhar as orações da melhor maneira que pude: olhando o transliterado, percebendo as traduções e observando os caracteres semitas à minha frente.

O *Chazan*, ao conduzir o culto, orienta os fiéis sobre o número da página e sobre a oração ou salmo que está sendo dita, assim como quando se sentar e quando levantar-se. No entanto, durante o canto *Lechá Dodi*, os judeus se levantam no meio da última estrofe da canção, se viram para a porta de entrada para saudar o *shabat*- que é visto por eles nesse momento, como uma noiva chegando ao casamento. A saudação é feita levantando-se da cadeira e fazendo uma vênia com a cabeça e dobrando os joelhos em direção à porta de entrada. Quando todos se levantaram e se viraram na minha direção (eu estava perto da porta) fiquei sem ação! Me levantei como eles e saudei pela primeira vez a chegada do *shabat*.

O serviço transcorre. Chega a hora da *Amidá*, a grande oração. Nesse momento, todos oram de pé, de frente para a Arca da Aliança. Alguns (poucos), rezam segundo as prescrições bíblicas de orar com o corpo e a alma. Assim, seguram o livreto com as mãos e balançam o corpo para frente e para trás, ou para os lados, fazendo vênias e genuflexões. Percebi que as mulheres são menos adeptas dessa forma de orar que os homens.

Depois da *Amidá*, eles realizam o *kidush*. O *kidush* é uma benção de santificação do vinho, em sinal de agradecimento à Deus pelo fruto da videira, pela chegada do *Shabat* e pela aliança de Deus com o povo eleito. Esse ritual em algumas outras sinagogas - Brasília por exemplo, é realizado no final do serviço religioso, junto com a benção da *Chalá*. Na SIC, o *kidush* é realizado no meio do serviço religioso acompanhado de uma pequena prédica sobre o trecho (*parashat*) da *Torá* que deverá ser lida no sábado de manhã. Após a

prédica, o *Chazan* comunica avisos de interesse da congregação, da escolinha, reuniões de diretoria, eventos, etc.

Nesse meu primeiro dia, a *parashat* da *Torá* que seria lida era do *Bereshit* - Gênese (*lech lechá,XII)*. Essa *parashat* se refere à viagem do patriarca judeu *Abraão*, que saiu de sua terra natal para uma outra terra que não conhecia, supostamente para formar uma grande nação que seria a nação judaica. A orientação liberal, que é a interpretação religiosa das leis judaicas adotada pela SIC, relaciona essa *parashat* com as dificuldades que o ser humano (povo judeu) enfrenta fora de sua terra natal, e a necessidade de manter a fé em Deus e confiar em seus desígnios. Nesse momento da prédica, *Mordechai* pega meu cartão e me apresenta à congregação como um estrangeiro que viera estudá-los. Argumenta que uma das grandes virtudes do judaísmo seria exatamente a hospitalidade, disse que eu era bem-vindo, que apesar do grupo ser pequeno, contava com todos para mostrarem que a hospitalidade judaica não era uma falácia. Foi contrapondo essa fala inicial do *Chazan* da SIC, com suas atitudes e a da maioria dos participantes da congregação para comigo, que decidi analisar meus dados sempre levando em conta o dito, o feito e o manifesto. A fala dele aponta em um sentido de hospitalidade, já as atitudes dele e dos demais participantes vieram a me apontar uma outra realidade.

Retoma então o serviço religioso. Depois do *kidush*, acontece o momento maior da cerimônia: o *Aleinû* - a abertura do *Aron Kodesh* para a contemplação dos rolos da *Torá*. Essa abertura só pode acontecer mediante a um *minían*. As crianças são chamadas para abrir a Arca - ou um Cohen (sacerdote por excelência do povo judeu junto com os Levi), ou o homem mais jovem caso não haja crianças presentes. Essa ação sugeriu a mim, o interesse por parte dos judeus em manter um caráter de tradição e renovação através de rituais que envolvam as gerações e os gêneros: começam com as mulheres fazendo a benção das velas, segue com os homens rezando, fazendo parte da contagem para *minían* e conduzindo o serviço religioso; e as crianças sendo responsáveis pela abertura da Arca, o símbolo máximo que contém a *Torá* - os ensinamentos supostamente recebidos na revelação do Sinai.

Todos cantam o *Aleinû*- canto de abertura da Arca, curvam-se para a *Torá*, legitimando o jugo ao Deus único dizendo:

"Tu serás a crença de todos os seres humanos. Tú reinarás sobre o universo eternamente, pois assim está escrito em tua Torá: O Eterno reinará por todo sempre. Deus reinará por toda a eternidade, e então o Eterno será único e seu nome será único."

(Sidur, pp.53)

Tornam a fechar a Arca, despedindo-se da *Torá* com um gesto como se tocassem-na e trazendo a mão até a boca num arremedo de beijo.

Terminam o serviço religioso com um canto de saída. Todos se cumprimentam com apertos de mão e dizem a frase *shabat shalom* - um shabat de paz. No meu primeiro dia, fui convidado para participar da divisão da *chalá*.

A divisão da *Chalá* acontecia no espaço da garagem da casa. O Chazan faz uma benção sobre o pão, aspergindo um pouco se sal sobre um pedaço e comendo-o depois. É servido também um pouco de vinho *kasher* em pequenos copos de vidro, onde todos dizem *" l'chaim"* – à vida! Nesse momento todos ficam lá fora reunidos em pequenos grupos conversando assuntos diversos e exercitando a sociabilidade. Em meus primeiro encontros com eles praticamente não conversava com ninguém, pois não me davam nenhuma atenção.

Despedi-me deles e parti depois de meu primeiro *Kabalat Shabat*- de uma longa série...

I.2 - Do espaço físico : as estruturas das Sedes

Durante 4 anos, o número 2.555 da rua Carlos Vasconcelos em Fortaleza, serviu à Sociedade Israelita do Ceará como centro social, de lazer e principalmente: sinagoga.

Um gramado com uma trilha de pedras unia o portão lateral até à entrada do salão de orações. Do lado direito, onde era a garagem original, foi transformado em um local de convivência onde sempre alguma guloseima aguardava o final do serviço religioso. Nesse espaço, aconteceu também a realização de festas religiosas, como uma pequena apresentação teatral das crianças da comunidade na festa de *Purim*.

Foto da entrada do salão de orações da antiga sede da SIC.

BH/UFC

BH/UFC

Nas tardes quentes, pouco antes do início do serviço de *kabalat shabat*, alguns grupos de freqüentadores se reuniam no gramado - ainda do lado de fora, para discutir política, judaísmo, guerras, negócios, etc. Do lado direito da porta de entrada, a *mezuzá* de plástico branca continha o pergaminho de proteção à pequena *Beit Yaakov* - Casa de Jacó. O nome da sinagoga era escrito em acrílico transparente e ficava acima da porta de entrada do salão de orações sob um toldo desbotado que protegia a porta.

O recinto interno era de dimensões modestas: não mais que 5m de comprimento por 3m de largura. Seis colunas de cadeiras por aproximadamente 14 fileiras divididas entre homens e mulheres preenchiam praticamente todo o espaço interno. Em frente, o púlpito, com a *Sefer Torá* ao fundo protegida por uma cortina de cor azul escuro. Encimando o conjunto, um prato decorativo dourado representava a *Estrela de David* em relevo.

Na parede um quadro de papel reciclado e vidro via-se as tábuas da lei impressas em caracteres hebraicos. Na outra parede, um cartaz pedia que desligassem o celular ao entrar no recinto, pedido que nem sempre era atendido. Atrás do púlpito, acima de uma porta que se abria para as outras dependências da SIC haviam duas bandeirolas entrelaçadas - uma do Brasil outra de Israel.

No corredor havia uma porta para um banheiro. A próxima porta era de um quarto reservado para a Escolinha *Atid*. A escolinha *Atid* atua como um espaço voltado para a educação judaica complementar não formal.

Cartaz com mãos de crianças - Atividade da Escolinha Atid.

No final do corredor da casa, havia um último quarto utilizado como biblioteca - que nessa época era pequena, contendo não mais que 200 volumes, incluindo revistas e periódicos. Hoje [2.003], o acervo conta com 400 livros entre literatura judaica, *sidurim*, semanários. Na estante dos livros repousava uma grande *Chanukiá* - Castiçal de 8 braços usada para o acendimento de velas por ocasião da festa de *Chanuká* - festa das luzes. No centro da sala, havia uma mesa onde aconteciam reuniões, leituras e as aulas da escolinha de hebraico que participei.

No quintal havia uma piscina que não me lembro de ter sido utilizada alguma vez. Estava sempre com pouca água e muito suja. Nos meses de chuva em Fortaleza, escorria água pelas paredes e pelo teto do salão de orações. Reparos tiveram que ser feitos para sanar esses problemas, mas a piscina, essa nunca teve jeito!

Nesse espaço aconteceram vários eventos religiosos e sociais, como: a celebração das festas judaicas, bazares beneficentes, jantares de confraternização, *falafel*, palestras de rabinos visitantes. Foi nesse espaço que a maioria do judeus participantes da SIC aprendeu os rituais religiosos e sua forma de execução .

I.2.1 - Da sede atual

Esse espaço na rua Carlos Vasconcelos onde os participantes se reuniam, com o passar do tempo foi-se tornando inviável continuarem utilizando-o como sede. Segundo *Yaakov* (53) – presidente da SIC, os motivos para se pensar em uma outra sede começaram à partir de problemas que foram aparecendo, como o custo do aluguel que estava se tornando alto demais, a estrutura da casa estava desagradando os participantes, pois haviam muitas goteiras, o problema da piscina, o salão de orações estava se tornando pequeno nas grande festas religiosas deixando a audiência desconfortável; além da distância da sede da SIC com relação a casa dos participantes. A maioria dos participantes mora do lado oposto da cidade e isso causava transtornos e comprometia a presença de alguns.

Enquanto esses problemas eram discutidos pela diretoria, um dos sócios fundadores, imigrante norte-americano, doou um terreno para a SIC construir sua nova sede. Esse terreno estava situado na Praia do Futuro – local em Fortaleza considerado pela maioria da congregação como "contramão", por alguns motivos como: o bairro é ermo, o acesso é difícil, com muitos terrenos baldios, a noite o bairro é considerado violento e cercado de favelas. Mesmo assim, a SIC começou um trabalho junto aos sócios e as entidades judaicas nacionais na tentativa de arrecadar algum dinheiro para construir sua sede própria. Nesse processo passaram aproximadamente um ano. Após esse tempo, a receita da congregação não aumentou o suficiente para a construção da casa e os problemas da sede em que estavam cresciam de forma proporcional ao tempo de uso do imóvel.

A solução encontrada foi colocar à venda o terreno doado por *Samuel* e tentarem comprar uma casa com o dinheiro arrecadado somado a algumas economias. Nesse processo, ficaram mais alguns meses. Até que, em dezembro de 2.001 por ocasião da festa de *Chanuká*, foi inaugurada pelo Embaixador de Israel no Brasil, a nova sede da Sociedade Israelita do Ceará.

A casa escolhida localiza-se no bairro do Papicu. Esse bairro faz fronteira com a Aldeota e é considerado pela população um bairro de classe média. Esse bairro é grande, e suas fronteiras não são muito claras nem para os moradores, nem nos mapas de localização da cidade. Suas características variam bastante, mas na parte onde se localiza a nova sede, observa-se bastante casas e poucos prédios, o que garante uma característica residencial. A diferença entre o Papicu – bairro da nova sede, e o Dionísio Torres – bairro da sede antiga, é considerável, principalmente no que tange a questão do *status-quoi*. Depois que se mudaram para essa nova sede, a visibilidade da SIC na cidade aumentou consideravelmente, pois à partir desse novo endereço, receberam visitas de cônsules, embaixadores, outros judeus da cidade que eu não conhecia começaram à participar e a SIC se tornou referência para judeus que estavam em trânsito na cidade de Fortaleza.

A sede da SIC, localiza-se na rua Pereira Valente, no bairro do Papicu. No trecho da rua onde encontra-se a sinagoga, vê-se casas gradeadas, alguns restaurantes, uma lanchonete de *fast-food*. De frente a sede, árvores baixas *(ficus)* nascem em apertados canteiros nas calçadas.

Um muro branco-areia com cerca de 2,5m de altura, cobre toda a visão da fachada da casa. Acima deste, uma cerca elétrica com uma placa avisando os intrusos sobre o risco da alta tensão. Para entrar na casa existem duas entradas: um portão de garagem para a eventual entrada de alguma carga ou carro de médio porte, e um pequeno portão por onde normalmente as pessoas entram. Para o controle da entrada de pessoas, contam também com um porteiro que fica do lado de fora conferindo a presença de estranhos. Em dias de presenças ilustres, como a do Embaixador de Israel, havia lista de convidados na porta e seguranças de terno preto do lado de fora.

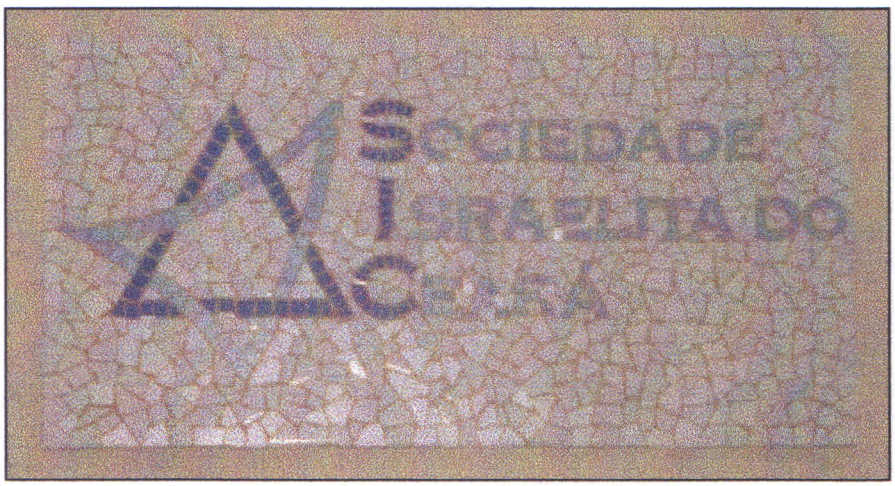
Ao entrar pelo portão pequeno, a forma da estrutura arquitetônica obriga-o a virar-se necessariamente para a esquerda. Percebe-se neste instante que se está em um jardim. É um jardim com cerca de 10mts quadrados, gramado, com uma passarela de pedras que ligam a entrada do portão à da entrada da sinagoga e à entrada da garagem.

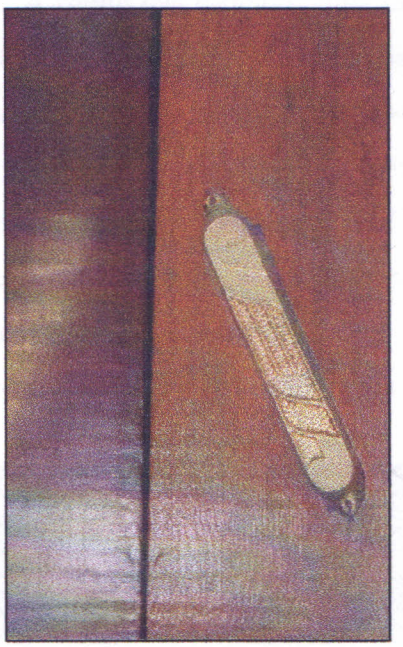
Na parte que ocupa a entrada da garagem, encontra-se uma mesa de plástico branca com cadeiras onde em ocasiões de serviços religiosos alguns esperam o início sentados ali e também é onde os menos dispostos à reza ficam conversando. O jardim conta também com uma pequena palmeira - onde as crianças montaram a cabana de tábuas e folhas para a festa

dos tabernáculos – *Sucot.* Do lado oposto a palmeira, uma pequena árvore de flores *(jasmim),* um arbusto de alfavaca e um pé de romã. Entre as árvores, um banco de cimento sem encosto.

A casa possui duas janelas gradeadas e uma porta na fachada.

Duas placas estão fixadas na parede: uma escrita em hebraico e moldada em metal escuro com letras douradas, foi fixada em memória do pai de um sócio benemérito (o mesmo que cedera o terreno que fora vendido e comprado a casa), e outra confeccionada com pedacinhos de cerâmica azul e branca coladas, como num mosaico, escrito o nome: Sociedade Israelita do Ceará e o logotipo da sociedade, que é representado por uma E*strela de David* cortada pela silhueta de uma jangada.





A porta de entrada da casa é em madeira e mantêm-se fechada por uma mola, pois o ambiente interno dispõe de dois condicionadores de ar que refrescam o salão de orações.

No batente da porta, do lado direito, a *mezuzá* dourada garante o caráter *kasher* da casa.

No pequeno vestíbulo, uma estante antiga de madeira preta bastante trabalhada em estilo barroco oferece *kipots e sidurim* aos fiéis. Uma *menorá* doada pela CONIB - Congregação Israelita do Brasil, enfeita a estante. Acima dela está pendurada uma flâmula de linho vinda de Israel escrita: *SHALOM*.

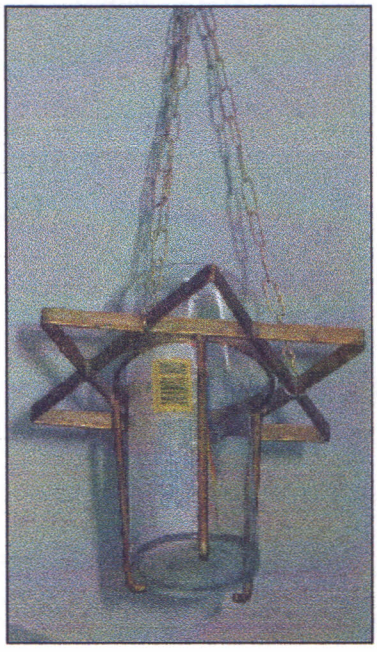
Ainda no vestíbulo, um quadro de avisos de feltro verde exibe notícias de Israel, calendário de festas, avisos, fotos, artigos, e-mails recebidos, etc. Acima do vão da porta que abre-se para o salão de orações, a mesma placa em acrílico transparente com caracteres azuis, lê-se em hebraico: *Beit Yaakov* - Casa de Jacó, que é o nome da sinagoga da SIC, que já era usada na antiga sede.

O salão de orações sofreu mudanças físicas, quando paredes foram derrubadas e a colocação do ar condicionado mudou um pouco a estrutura da casa original desde quando a adquiriram. Hoje, o salão é dividido em dois: um lado para os homens e o lado das mulheres. O lado das mulheres é por onde se entra no recinto. Conta com cerca de 20 cadeiras.

À frente das cadeiras, uma mesinha improvisada sobre os pés de uma máquina de costura sustentam alguns dos objetos rituais do judaísmo: duas velas em castiçais com a *estrela de David* na base para serem acesas no *Shabat;* uma garrafa de vinho *kasher* e um cálice dourado para o *kidush;* uma *Chanukiá* dourada com cerca de uns quarenta centímetros que é acesa na festa de *Chanuká* e um *shofar* - um instrumento de sopro como uma corneta feito com chifre de carneiro que é tocado em festas específicas, como *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*. Na parede ao fundo, um quadro retangular com uma fotografia representando uma visão panorâmica de Jerusalém vista à partir do Jardim das Oliveiras.

O lado dos homens é separado simbolicamente por uma coluna e contém o mesmo número de assentos que o das mulheres, talvez alguns a mais. Do lado direito, pendurado na parede, um prato dourado de uns 45cm de diâmetro com uma *estrela de David* em alto-relevo no centro e alguns arabescos em suas bordas e alguns quadros pequenos com representações de histórias bíblicas desenhadas por crianças - são reproduções de livros, e não realizadas pelas crianças da SIC. De frente para as cadeiras dos homens, um pequeno púlpito com um suporte para o livro de leitura do condutor do serviço religioso, atrás desse (e com frente para Jerusalém), o *Aron Ha kodesh* .

Acima, uma grossa vela acesa em um suporte em forma de *estrela de David* dependurada por uma corrente dourada. É o *nel tamid* – luz perpétua, que representa que a *Torá* - a palavra de Deus está ali presente e que o local é sagrado.



À esquerda do *Aron Ha Kodesh*, e ainda dentro do salão de orações, uma porta dupla de madeira dá saída para o que seria a continuação da garagem na casa original. Esse espaço é descoberto e com o piso de cimento e brita. Ao fundo, um pequeno cômodo para o vigilante, com uma escada que leva até o quarto no pavimento superior. Abaixo da casa do vigilante e excedendo o tamanho dessa como uma pérgola há uma área revestida de cerâmica e decorada com alguns vasos permitindo aos participantes de se reunirem "lá no fundo", para celebrar um *kidush*, bater papo depois do serviço religioso ou para jantares e almoços de confraternização. Nessas ocasiões, são dispostas mesas por todo o espaço.

Dando a volta por esse espaço, um corredor no quintal nos leva até a porta de entrada do salão de orações novamente. Nesse ponto, à direita, entra-se na cozinha azulejada de amarelo, com uma geladeira, um bebedouro elétrico, pia e despensa onde guardam copos, talheres, pratos, etc. A cozinha tem uma porta que se abre para o salão de orações pelo lado de trás das cadeiras dos homens. É um pequeno corredor, onde se seguem um banheiro - com pia espelho, vaso sanitário e box de banho.

Seguindo no corredor à direita, uma estante embutida na parede, contém livros de orações e alguns bibelôs. Em frente, a Escolinha *Atid*, com carteiras infantis, armários, decoração nas paredes feitas com letras hebraicas e caixas coloridas. Uma outra sala é reservada à secretaria, com dois terminais de computador, um armário e um aparelho de fax. De frente a secretaria fica a biblioteca que hoje conta com 400 livros e é usada também para as reuniões de diretoria. Possui uma mesa com seis cadeiras, três estantes de metal para os livros, além de um armário embutido que era um guarda roupas na casa original. Todas as portas da SIC, com exceção do banheiro possuem uma *mezuzá*.

I.3 – De voluntariado e publicações: o reconhecimento da SIC pelo Judaísmo Nacional.

O reconhecimento da SIC por parte das entidades judaicas nacionais, se deu através de judeus emigrados de São Paulo que realizaram visitas e contatos para tramitar essa questão. Segundo *Benjamim (60)*, um sócio fundador e *judeu convertido*, a CONIB reconheceu a SIC através de assembléia. Segundo esse informante, a SIC foi reconhecida mesmo tendo na época em sua diretoria pessoas não-judias como ele[8]. Ele não sabe dizer quais os critérios utilizados pela CONIB para aceitar ou rejeitar entidades como a SIC. Enquanto estavam na sede do bairro Dionísio Torres, a participação da SIC nas assembléias era sem direito a voto. Hoje em dia, no entanto, depois da mudança de sede para o Papicu, já fazem parte de forma mais efetiva da Congregação Israelita no Brasil, enviando participantes para congressos, simpósios, eventos e cursos.

Existe também uma organização judaica internacional, voltada para a filantropia chamada *Naamat*. A *Naamat* – Pioneiras, é um grupo de mulheres judias que se reúnem para o voluntariado. Essa entidade tem um cunho sionista e arrecada dinheiro, entre outras coisas, para custear bolsas de estudo para estudantes carentes (judeus) estudarem em Israel. Participam também promovendo eventos culturais para a arrecadação de dinheiro, como bazares, brechós, espetáculos de teatro, etc. Essa entidade também reconhece a SIC e

[8] Durante o processo de fundação, *Benjamim* estava ainda em processo de conversão, no entanto mesmo não sendo ainda "judeu", já fazia parte da diretoria de uma entidade judaica que era a SIC.

algumas de suas mulheres fazem parte das Pioneiras. A *Naamat* patrocina encontros em São Paulo para divulgar seus trabalhos e metas. A SIC envia participantes à esses encontros. Em uma entrevista que fiz, percebi uma faceta interessante observada nas mulheres da *naamat* de Fortaleza nascida a partir do convívio com as mulheres judias de outras entidades *(naamat)* regionais no Brasil. Uma participante, *judia convertida*, mostrou-se extremamente empolgada com os encontros e resultados das grandes comunidades e lamentou as dificuldades encontradas aqui para conduzir projetos semelhantes. A fala de *Melba* (37) ilustra essa interpretação:

"...Olha, o trabalho da Naamat, eu acho que é uma das coisas mais bonitas que eu já vi em termos de ajuda(...) lá em São Paulo é uma grande comunidade... (eu pergunto: não aqui?). *Não aqui, aqui somos 10.(...) Lá em São Paulo, onde fica o centro né? Aí é dividido, tem o centro, a presidente do centro, as presidentes dos centros, são mais de duzentas pessoas, não sei te precisar o número(...) aí tem reuniões maiores né, que a gente chama de Kinos.(...) normalmente fazem isso em estádios. Esse ano vai ser no Rio. Lá existe todo um trabalho, de trabalhar para a comunidade! Lá em São Paulo elas trabalham assim: hospitais, hospital do câncer, crianças carentes, agora: elas tem graaandes projetos né Abel? É diferente daqui. Tú lá, faz assim* (estalando os dedos) *e consegue tudo! (...) sabe quando você volta assim...fascinada! Elas trabalham! Sabe, elas amam aquilo ali!*

(Melba (37) – dados de entrevista)

Mesmo sem a quantidade de pessoas que em outras comunidades, a N*aamat* Fortaleza realiza bazares, *falafel*, bingos, jantares de confraternização, onde o dinheiro arrecadado às vezes não cobre os custos. *Melba* reclama também da dificuldade de legitimação da *Naamat* por parte dos próprios participantes da SIC. Nas palavras dela:

" Precisa ver em São Paulo! Falou que é Naamat que está engajando o projeto, o pessoal patrocina na hora.(...) Nossa realidade aqui é outra! Por exemplo, a gente não manda dinheiro para Israel. Elas nem exigem isso da gente! Não tem condição! O dinheiro que a gente consegue arrecadar é R$ 200,00, R$300,00, né? O dinheiro que a gente

consegue arrecadar é isso! O falafel daquele que a gente fez não conseguimos. A gente não teve prejuízo mas também não ganha! Então, tudo é muito difícil!"

(Melba (37) – dados de entrevista)

Melba aponta as dificuldades de reproduzir aqui na cidade uma estrutura complexa e articulada como a *Naamat*. A especificidade de uma cidade como Fortaleza impede que os projetos elaborados por uma entidade judaica reconhecida mundialmente como a *Naamat* encontre ressonância entre os participantes da SIC. É necessário por parte das participantes daqui, negociarem a influência e as expectativas dos diretórios nacionais da *Naamat* com as possibilidades de realização dos projetos na cidade de Fortaleza. Elas não enviam dinheiro para Israel, mas tentam reproduzir da forma mais fiel possível (no olhas delas), as festas, a participação, o empenho das participantes dos grandes centros judaicos brasileiros.

A SIC recebeu também um certo reconhecimento por parte de publicações judaicas nacionais. A revista O HEBREU, uma publicação judaica mensal, é uma revista de variedades que mostra um pouco do *modus vivendi* dos judeus no Brasil. A revista contém artigos de rabinos e de colaboradores, histórias em *iídiche*, culinária, curiosidades, piadas judaicas, etc. A revista é patrocinada por empresários judeus do Sudeste, e uma das seções da revista é um giro pelas comunidades judaicas do Brasil. Fortaleza contava com uma página na revista que era utilizada para a divulgação, registrar a presença de visitantes, fotos, festas judaicas, etc. No entanto, quando se mudaram para a nova sede, perderam a página na revista. Segundo *Séloa* (46), responsável pela divulgação e recebimento da revista na sinagoga, a página fora perdida, pois o responsável pela página na SIC, deixara de mandar material por dois meses consecutivos, causando dificuldades para a equipe de diagramação da revista.

I.4 – De "gringos" e "sulistas": as personagens da SIC.

Nos anos em que convivi com os participantes da SIC, recolhi muitos dados e muitas observações. Utilizar todas as falas e as impressões sentidas de todas elas seria

difícil. Várias personagens foram importantes para minha pesquisa, seja pelos comentários sobre questões administrativas da SIC, seja pela orientação nos aspectos religiosos. Alguns entretanto, emprestaram-me além das respostas às minhas perguntas, o imponderável através de uma percepção do ser humano e do ser judeu que transcendem os dados coletados.

Entre eles, destaco *Tsepóra* (56) nascida no RN. Ela era uma informante privilegiada pois possui uma história de vida muito rica e diversificada. É uma cosmopolita, que percebe as sutilezas e os sentidos em trânsito de uma forma muito objetiva. Isso muito me ajudou a perceber outros aspectos no judaísmo, além do religioso. Sua participação será citada várias vezes nesse trabalho[9].

D. Mavaltov(88), é européia, romena, fala *iídiche* e hebraico. Seus valores foram imprescindíveis para a discussão da percepção da identidade judaica nas várias gerações que compõe a SIC. A tradução de *Mazaltov* é "parabéns", escolhido em homenagem à ela.

Yaakov (53), *judeu de tradição*, paulista, engenheiro. Foi o presidente da SIC durante todo o tempo da pesquisa. Ele foi um dos que concedeu-me uma das primeiras entrevistas. E o único que perguntava sobre meu trabalho.

Mordechai (36) , *judeu de tradição*, paulista, médico, casado com uma *convertida.* É o diretor de cultos da SIC e o *chazan* que conduz os serviços religiosos. Excessivamente *blasé*, dificilmente me dava atenção ou respondia minhas dúvidas à contento.

Efraim (57), *Judeu de tradição*, israelense, radicado nos EUA. Trabalha com câmbio. Mora em Fortaleza desde o início da década de 1990. É considerado o fundador da SIC através da colocação do anúncio de jornal para a convocação dos interessados.

Hanna (40). *Judia convertida*, negra, casada com israelense. Morou em Israel e em Nova York. É uma das professoras da escolinha e das aulas de hebraico. Tive grande amizade com ela. Foi a pessoa mais amigável que se apresentou a mim durante toda a pesquisa. Foi minha *morá* de hebraico na primeira turma da SIC.

Lídia (33) e *Levi (40) Judeus de tradição*, portenhos. Mudaram-se para o Ceará recentemente após a crise econômica argentina em 2.001. Ele era um dos meus interlocutores preferidos, conversávamos muito sobre a percepção da identidade dos

[9] Infelizmente, no mês de julho de 2.003, alguns meses depois da entrevista, minha amiga *Tsepóra* faleceu em São Paulo. À ela todo meu respeito.

participantes da SIC. Ele me mostrava de forma humorada a diferença entre os judeus daqui e a comunidade judaica argentina.

Melca (37) Judia convertida, cearense, participante ativa da comunidade, organiza eventos culturais, participa da *naamat* e é professora da escolinha.

Rivká(56) Judia de tradição, mora em Fortaleza desde o início da fundação da SIC, já morou em vários outros lugares no Brasil, na Europa e na América do Sul.

Sarai(36) Pretensa à conversão, Carioca, jornalista. Sofreu muito pela indiferença dos participantes da SIC principalmente quando lhe proibiram de matricular suas filhas na escolinha. Mudou-se de Fortaleza antes do final da pesquisa e antes de fazer a conversão.

Outros personagens aparecem no texto, mas como aparecem de forma eventual, resolvi apresentá-los na medida que os cito. Os acima relacionados no entanto, são meus "informantes privilegiados", e é com eles que faço os movimentos de citar, comparar e contrapor os dados recolhidos diante de minha base teórica.

I.5 - Das interpretações nativas do Ser Judeu.

Durante meu tempo de pesquisa na SIC sempre tive em mente, não só nas entrevistas mas em todas as conversas informais, perceber qual a representação que os participantes da SIC fazem sobre identidade judaica.

Essa discussão é comum entre eles, e não raro o *Chazan* e eu nos atínhamos nesse imbróglio. Para ele a identidade judaica é algo superior que é inerente ao judeu tradicional. Em uma das vezes que falamos sobre isso, *Mordechai(36)* me contou que seus avós eram judeus *askenazim* europeus, falavam o *iídiche*, comiam comida *kasher* e sofreram perseguições anti-semitas. *Mordechai*, mesmo sendo seu neto, não fala *iídiche*, não come comida *kasher*. Entretanto fala o hebraico, já morou em Israel e sua presença hoje em dia em sinagoga é muito maior do que a do avô que – como me disse, não era um homem religioso. Segundo ele, isso não afeta em nada a identidade judaica como ele a concebe. Ele não seria nem mais nem menos judeu que seu avô.

Em um serviço de *kabalat shabat* que estive presente, *Judite* (35) *judia de tradição*, disse-me que acabara de chegar de um encontro promovido pela agência judaica

internacional na cidade de São Paulo, onde estiveram discutindo sobre a identidade judaica e a forma de transmitir para as crianças a tradição e a importância de se fazer um trabalho religioso nesse sentido com o jovens da congregação pois eles estariam perdidos e sem uma base religiosa.

Sempre que ia concluir uma entrevista ou mesmo em conversar informais, sempre perguntava às pessoas se elas conseguiriam me dar uma definição do que é Ser Judeu?

Considero que os judeus da SIC são específicos devido a forma que se reuniram, devido a grande presença de convertidos e a necessidade de negociarem a identidade o tempo todo numa tentativa de afirmação. Quando lhes perguntava o que achavam "ser um judeu", meu interesse era comparar o sentido que essa categoria tem para eles, com as leituras e a discussão do Ser Judeu encontrada na literatura judaica como sendo atributos do judeu. Ou seja, tentar perceber porque as identidades são contraditórias e artificiais embora se apresentam como consistentes, autênticas e essenciais.

Para isso, construi um quadro para demonstrar melhor as representações do Ser Judeu. Sua realização foi da seguinte forma: tomei as definições do Ser Judeu escritas por um rabino ortodoxo encontradas no site www.tradiçãojudaica.hpg.com.br/serjudeu. Segundo o texto, essas são as interpretações ortodoxas do ser judeu:

I.5.1 - O Ser Judeu

- Ser judeu é identificar-se como judeu e querer que os outros assim o identifiquem.
- Ser judeu é pertencer à uma comunidade, uma coletividade, a um povo.
- Ser judeu é sentir-se enraizado numa tradição milenar.
- Ser judeu é considerar-se descendente dos Patriarcas e discípulo dos Profetas.
- Ser judeu é praticar *mitzvot* , tanto de natureza ritual quanto de caráter ético.
- Ser judeu é reconhecer a santidade e a eterna relevância da Torá.
- Ser judeu é celebrar o Shabat e os feriados judaicos como dias especiais, diferentes dos demais.
- Ser judeu é associar o aroma de uma chalá a doces recordações de infância.
- Ser judeu é saber a data do seu nascimento no calendário hebraico e sentir-se aniversariante nesse dia.

- Ser judeu é aumentar o volume quando o repórter diz "Hoje em Israel..." e alegrar-se quando as notícias são boas, e entristecer-se quando são ruins.
- Ser judeu é preocupar-se com o bem-estar de judeus em outras terras e sentir-se perseguido quando um judeu é discriminado em qualquer lugar do mundo.
- Ser judeu é defender os direitos de todos os seres humanos, de todos os credos.
- Ser judeu é ser um amante da paz, como o era Aarão nos tempos bíblicos, e um amante da justiça, como o era Isaías.
- Ser judeu é querer aprender cada vez mais sobre o judaísmo.
- Ser judeu é Ter na estante um bom n úmero de livros sobre assuntos judaicos, e apreciá-los tanto quanto os demais.
- Ser judeu é praticar a tsedaká com mão aberta, como o coração generoso e com um sorriso largo.
- Ser judeu é perguntar-se nas mais diversas situações, " O que Deus espera de mim?"
- Ser judeu é ter fé.
- Ser judeu é recordar as tragédias do passado e, apesar delas, encarar o futuro com otimismo.
- Ser judeu é querer que seus filhos sejam judeus.
- Ser judeu é questionar-se sobre o que significa ser judeu.

Nesse texto, o rabino enfoca um ponto de vista baseado na tradição, na família como centro determinante da identidade. O Ser Judeu estaria plantado, forjado, no legado comum a todos esses indivíduos que se dizem judeus, no passado comum a todos, na memória coletiva e na religião. A fala desse rabino é de um lugar onde a concepção da identidade é vista como estática, imutável e dada "naturalmente".

Na fala dos judeus da SIC, apesar de diferir em pequenos detalhes, as três categorias analíticas que usei (*tradição, convertidos e pretensos)* pensam da seguinte forma sobre o que é ser judeu:

I.5.2 - O Ser Judeu (para os participantes da SIC)

- "Ser judeu é simplesmente um fato hereditário"
- " Eu não sei ser outra coisa. Eu gosto de ser judeu. Eu gosto."
- " Eu acho que o judaísmo é grupo, as pessoas têm que trabalhar mais em grupo."
- "Princípio judaico é uma coisa de alma."
- " O judaísmo é um grande psicodrama religioso."
- " É grupo, é sociodrama, é fazer parte de uma sociedade (...) é ajudar o próximo; isso é filosofia do judaísmo."
- " É você ser feliz, é você lutar por uma alegria, por uma paz, é você acreditar nisso."
- " É uma filosofia de vida! É a religião mais antiga do mundo. É mais ético que religioso até!"
- " O princípio judaico é você tentar ajudar sem criticar."
- " Antes de me converter, eu tinha um conhecimento cultural do judaísmo."
- "Acho que judaísmo está na alma sabe, ou você tem, ou você não tem!"
- "Judaísmo é família. O núcleo familiar é que perpetua esses valores."
- " Ser judeu é muito complexo né, eu nasci judeu, então isso é uma questão muito pacífica, ao contrário de outras pessoas que eventualmente escolheram ser judeus."
- "Sou judeu, recebi uma tradição que é muito importante para mim, até intelectualmente, uma tradição muito valiosa e acho que ela deve ser mantida, preservada e perpetuada. Temos muito que aprender com ela, não que a gente deva se amarrar a essas tradições, mas ela deve ser o ponto de partida para muitas coisas, ela pode ela é um excelente ponto de partida. Quando você fala em ética judaica, até no modo de pensar judaico. São coisas que trazem uma contribuição muito grande pra quem herda essa tradição."

Na fala dos judeus da SIC, eles apontam para o judaísmo como sendo uma religião, uma etnia, uma filosofia, uma hereditariedade, uma nação. Isso mostra a complexidade do conceito mesmo para os nativos da religião. Os *judeus de tradição* enfocam a hereditariedade e a presença de um lar judeu como determinantes para assegurar-lhes o caráter identificatório com o judaísmo. Entre os *judeus convertidos e os pretensos*, observo

BH/UFC

uma tentativa de trazer a identidade para a religião ou para questões metafísicas, como questões de alma, "quem tem, tem, quem não tem não tem", aspectos filantrópicos, sociais, etc.

I.6 – De Epitáfios e Exéquias.

Minha pesquisa não poderia deixar de enfocar, mesmo que não seja esse seu objetivo principal, a presença dos judeus na cidade de Fortaleza em períodos históricos anteriores a fundação da SIC. Acho que isso seja necessário, pois sempre que apresentava meu trabalho em algum grupo de estudos ou congressos existia uma pergunta que sempre era dirigida à mim: " - E a presença de judeus em Fortaleza antes da SIC?"

Foi-me muito difícil encontrar dados consistentes sobre o tema, pois a bibliografia é escassa e, ao contrário de outras regiões do Nordeste como Recife por exemplo, nada foi escrito sobre a presença dos judeus no estado do Ceará, nem tampouco na cidade de Fortaleza[10]

No entanto, seguindo informações obtidas a partir de uma entrevista realizada com um participante da SIC nascido na cidade de Fortaleza resolvi fazer uma visita ao cemitério São João Batista - o mais antigo da cidade, com o intuito de verificar essas informações e mapear a presença desses indivíduos no cenário da antiga Fortaleza.

Para falar sobre o que encontrei no cemitério da cidade, mostrarei como a ortodoxia judaica prescreve os rituais fúnebres para então mostrar de que forma interpretei os dados encontrados. Para isso utilizarei a literatura judaica sobre funerais encontradas no livro *" Le Livre Juif du Porquoi II"* – O Livro dos Porquês do Judaísmo II. Esse livro tem como proposta sanar as dúvidas dos judeus sobre rituais e posturas diversas. Como se portar em uma sinagoga, como realizar um ritual fúnebre, como realizar a circuncisão, qual a opinião do judaísmo sobre a eutanásia, sobre o suicídio, sobre a homossexualidade, etc. Esse livro é editado em vários idiomas, e já o vi em inglês, francês e português. A edição que li foi-me emprestada por um judeu francês que mora em Fortaleza que usa-o sempre com manual para resolver quaisquer questões sobre os ritos.

---

[10] Existe um grupo de pesquisa na Universidade Federal de Pernambuco – no Recife, encabeçada pela prof.a. Tânia Kaufman que busca mapear a presença dos judeus sefaradim no Nordeste do Brasil. Apresentei partes de meu trabalho à esse grupo em um congresso da ABA Nordeste em 2.001.

Segundo esse livro, preparar dignamente um defunto antes do enterro é um ato revestido de grande importância dentro da ótica do judaísmo.

Para a tradição judaica o ser humano é tão sagrado quanto um rolo da Torá. Como essa, deve ser tratada com o mesmo respeito. O ser humano tem direito ao respeito quando sua vida terrestre está acabando.

Quando as comunidades judaicas na diáspora estavam bem estruturadas, com vilas, cidades e mesmo com simples sinagogas, possuíam sua própria sociedade funerária para cuidar dos enterros. A associação conhecida em hebraico sob o nome de *Chevrá Kadisha*, que significa literalmente "Santa Confraria", é composta de pessoas que se consagram à tarefa de preparar o corpo para o enterro. Tarefa vista como sagrada para os judeus.

A *chevrá kadisha* funciona sob os auspícios de uma comunidade religiosa, ou ao serviço de uma companhia de pompas fúnebres. Depois que o responsável das exéquias obtêm do médico o atestado de óbito, e depois de transportar o corpo ao local funerário (em caso de morte em casa é nesse lugar que o corpo é tratado), a *chevrá kadisha* é chamada para assumir a missão. Um *chomer* (religioso que passa a noite ao lado do defunto) fica aos pés do morto e recita salmos enquanto outros membros da *chevrá kadisha* lavam e vestem o defunto como o prescrito na lei (pág. 186)

Os judeus ortodoxos, tem aversão a autópsias, transfusões de sangue e amputações - nesse caso o membro amputado deverá ser enterrado em solo sagrado e posteriormente o corpo deverá ser enterrado no mesmo local.

O corpo volta do *Chevra Kadisha* envolto em uma mortalha branca de linho. Se o cadáver é de um homem, envolvem-no em seu xale de orações (*talit)* sem as franjas rituais (*tzit tzit)*. Segundo a tradição, reconhecida pelo rabinato ortodoxo, um corpo não deve ser transladado para outra cidade a menos que seja para Israel e somente nesses casos admite-se um tempo superior a 24hs para o enterro.

No cemitério os judeus necessitam de um *minian* para as orações fúnebres. Recitam o *kadish* e colocam o cadáver em um caixão simples e sem adornos - todos são iguais na morte. A cova deverá ser profunda e o caixão deverá ficar em contato com a terra.

A disposição geográfica dos cemitérios judaicos e a localização onde essa ou aquela pessoa irá ser enterrada obedece também a rigorosas prescrições religiosas. O suicida por exemplo, não poderá ser enterrado dentro do cemitério, mas sim numa área especial e à

parte. O descumprimento dessa prescrição tornaria todo o cemitério impuro. A eutanásia também é severamente condenada. Os *Cohanim* - que segundo a tradição seriam os descendentes diretos dos primeiros sacerdotes hebreus são os sacerdotes por excelência para o povo judeu. A eles o cemitério é vetado a visitas pois tornar-se-iam impuros e, consequentemente, incapazes de realizar suas funções religiosas.

Enquanto descem o caixão à sepultura acontecem mais orações enaltecendo a memória do morto. Cada parente próximo atira um punhado de terra sobre o morto e então retiram-se para suas casas onde cumprirão o ritual do luto que varia de 7 dias até 30 dias em casos de parentes muito próximos.

A partir das leituras dessas tradições, observei o cemitério S. João Batista e os túmulos encontrados, deduzindo certos fatos.

O cemitério foi construído no ano de 1867, posteriormente, em 1949 ocorreu uma reforma. Situa-se hoje no centro da cidade de Fortaleza (bairro Jacarecanga) com parcial vista para o mar e está envolvido pela turbulência da cidade, com uma parada de ônibus na frente e venda de flores e acessórios para velórios - como coroas e velas por cambistas; além de comércios variados como botequins e borracharias. Hoje em dia (dezembro de 2.002) o cemitério está com sua lotação esgotada e não é mais utilizado para enterros; salvo às famílias que já possuem jazigos perpétuos ou mausoléus - esses são vários e não raro suntuosos, com colunas de materiais como mármore, portas douradas, etc.

O cemitério possui vários caminhos no seu interior que se cruzam em inumeráveis aléias e travessas, com túmulos dos nobres da época do império, sepulturas de políticos, escritores, urbanistas que emprestam seus nomes à várias ruas da cidade. Também existem túmulos verticais com gavetas para proletários, mausoléus para sindicalistas e até para estivadores do passado.

No fundo do cemitério, do lado direito – em relação ao portão de entrada, localizei alguns túmulos de judeus numa área que, segundo o administrador, antigamente era distante dos túmulos cristãos que foram sendo ocupados da entrada para o fundo do cemitério.

Considerei como "túmulos de judeus" aqueles que portavam alguma inscrição no idioma hebraico, possuíam algum símbolo utilizado pelo judaísmo ortodoxo como: estrelas de David, candelabros, mãos se tocando em um aperto ou abençoando na posição cabalista

sacerdotal - mãos espalmadas, polegares se tocando e os dedos indicador e médio separados do anular e do mínimo em formato de um pássaro voando; além da observância aos nomes e sobrenomes e a proximidade de um túmulo com essas características para outro.

O espaço onde se encontram eqüivalem a duas metades de ruas do cemitério, com cerca de uns 60mts quadrados. Os túmulos registrados por mim são em número de 30. São baixos, com cerca de 1,5mt de altura - com exceção de três que possuem uma estrutura semelhante a um obelisco de uns 2mts de altura onde fixavam a placa de identificação. Todos eles contando com lápides e inscrições em hebraico e/ou português em estados de conservação variados.

A maioria deles encontra-se bastante deteriorado e apenas 02 possuem ainda fotos. Nos demais restam apenas o local onde estas haviam sido fixadas e parecem ter sido arrancadas. A cor dos túmulos varia do branco marmóreo até o cimentado sujo.

Nesses túmulos percebi uma certa preocupação com a memória e a perpetuação de sua história. Praticamente todos os túmulos traziam inscrições com o local de nascimento, data da morte, idade que se encontrava o indivíduo na ocasião da morte, nomes dos pais e em um caso a profissão do indivíduo. Isso facilitou consideravelmente a coleta e a interpretação dos dados. Através dessas pistas, descobri que o mais antigo dos túmulos israelitas da cidade de Fortaleza data de 1890. E o mais recente de 1972. Após esse ano, aparentemente não enterraram mais judeus nesse cemitério. Não localizei nenhum outro túmulo judaico em outra parte do mesmo, nem há registros por parte do administrador.

Verificando essa data (1972), volto a atentar para a informação de *Yakoov(53)*, que me disse que se houvese existido a presença de judeus aqui em Fortaleza eles acabaram se assimilando à população local e se desligando da tradição mosaica.

Na verdade, existe um túmulo entre os demais registrados que é de um bebê falecido com 8 meses de idade datado de 1933, onde vê-se acima do nome do garoto e entre arabescos em formato de folhas, uma cruz; o que sugere que seus pais já não estavam tão presos à tradição religiosa judaica ou por algum motivo não conseguiram esculpir uma lápide conforme as prescrições.

A maioria dos túmulos pesquisados pertencem a pessoas provenientes da França, notadamente da região da Alsácia. Esses túmulos possuem inscrições grafadas em hebraico e em francês e com detalhes sobre o falecido com datas e estrelas de David em alto relevo.

Encontrei um túmulo de uma senhora falecida com trinta anos de idade proveniente da Rússia, precisamente da Bessarábia. Pela data de sua morte – 1930, e considerando a hipótese de que ela não morreu no ano que chegou ao Brasil, encontro algum tipo de ressonância com estudos sobre a chegada de judeus no país nas décadas de 10 e 20 do século passado provenientes dessas regiões - Alsácia e Bessarábia, como os estudos de Jefrey Lesser , Evaristo de Moraes e Afrânio Peixoto. Segundo Evaristo de Moraes, os motivos para a mudança dos judeus da Bessarábia para o Brasil :

> *"Ao final do século XIX, a população judaica no Brasil era pequena, consistindo oficialmente de apenas 300 pessoas. É mais provável, porém, que o número ficasse em algo próximo dos três mil. Alguns eram descendentes de norte-africanos sefaraditas que falavam haquitia e ladino e haviam migrado para a Amazônia, a fim de participar da emergente economia da borracha na segunda metade do século*

XIX. Outros eram homens solteiros provenientes da Bessarábia rural, que vinham com a idéia de ganhar dinheiro e voltar para casa ou trazer a família."

(Moraes,1936: 105)

Foto do túmulo de Marieta L. Fiterman, natural da Bessarábia, falecida em 1930, em Fortaleza, Ceará.

Pierre Defontaines aponta que a chegada dos judeus da Alsácia Lorena para o Brasil eram baseados em problemas econômicos:

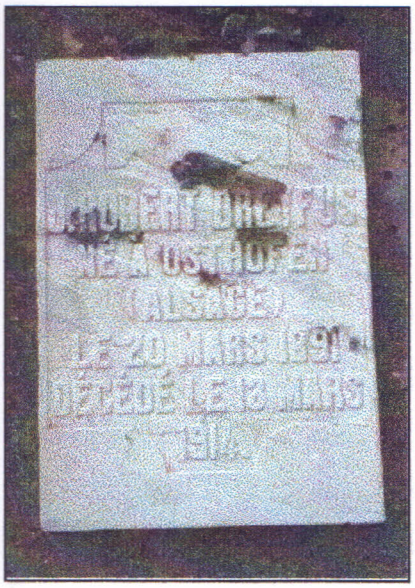


Foto do túmulo de J. Robert Dreyfus, falecido em 1914.

"Os judeus da Inglaterra, Alsácia-Lorena, Alemanha e Estados Unidos faziam parte de uma classe média de imigrantes composta por comerciantes, trabalhadores especializados e profissionais que dominavam o comércio e a manufatura (...) a maioria havia se estabelecido no Brasil por razões econômicas".

(Defontaines, 1936: 28)

O estudo de Jefrey Lesser destaca a chegada de judeus nos portos de Salvador e Recife, com relação de números e estatísticas mas sem nenhuma referência à presença deles em Fortaleza.

Surpreendeu-me também a idade que esses indivíduos faleciam - a maioria entre trinta e cinqüenta anos, bem como a quantidade de sepulturas de crianças alguns inclusive com menos de um ano.

Foram encontrados 4 túmulos, entre os 26 registrados, construídos basicamente no mesmo formato. No entanto, não encontrei nenhuma identificação das pessoas ali enterradas pois as sepulturas estão muito deterioradas e com inscrições ilegíveis.

Levanto a suposição de que os túmulos sem indicação da procedência do indivíduo são brasileiros pois todos estão escritos em português e hebraico.

Descreverei agora os nomes, datas e procedências dos judeus grafadas nos túmulos por mim observados:

BH/UFC

NOME	MORTE	PROCEDÊNCIA	OBS.
Ádrien Bóris	12/03/1890	Chambrey/Alsácia	mais antigo
Emma Georgettte Bóris	12/05/1899	Alsácia	Esc.francês/heb.
Olga Levy	05/09/1897	Coblentz/Alsácia	Esc.em francês
Ambrósio Mathias	13/01/1922	(?)Artista (34 anos)	português/heb.
George Bloc	26/10/1955	Dijon	francês
Dina Levy	28/02/1898	Soultz sous Forêt/Alsac. (49 anos)-fr.	
Joshephine Levy	10/02/1897	Soultz sous Forêt/Alsac. (32 anos)-fr.	
Leôncio Spector	12/03/1932	(?) (2 anos)	hebraico/português
Henri Meiboom	24/05/1919*(17:30h)*	Anvers/Alsácia	francês
Jaime S. Israel	08/12/1933	(?) (7 meses) (cruz)	português.
J. Robert Dreyfus	13/05/1914	Osthofen/ Alsac.	Francês
Reveca Tsaham	19/04/1935	(?) (01 ano)	português/heb.
Aron Braun	18/11/1894	Ingviller(Alsácia)	português.
Antônio Caramuru Braga	(Ilegível)	(?)	

Marieta Lecht Fiterman	23/12/1930	Bessarábia/Rússia	português.
Sara Sonia Musy	24/12/1962	(?)	português.
José Adler	01/12/1936	(?)	port/hebraic.
Alfredo Cohn	21/04/1972	(?)	português
Louise Cohn	07/08/1964	(?) (68 anos)	português.
Eugênia Kligman	11/06/1955	(?)	port/ hebraico.(foto)
Isaías Kligman	09/03/1958	(?)	port/hebraico. (foto)
David Baruel	19/07/1929	(?)	port./hebraico..
Jules Bloch	12/06/1927	Mulhouse/Als.	port/francês
Rutta Peltesohn	24/01/1967	Sokolowsky (85 anos)	francês.
Henrique Peltesohn	31/07/ ?	(?)	francês.
Samuel Salomão Marques	31/12/1941	Belém do Pára (49 anos)	port/hebrai.

Se os judeus que aqui habitaram se preocuparam em deixar esses dados em seus túmulos, estruturas como a *Chevra Kadisha* pode ter existido na cidade; ou algum rabino convidado ou um encarregado que conhecia suficientemente das tradições pode ter cuidado do tratamento religioso dos corpos. Quanto as orações, epitáfios e arabescos encontrados nas lápides, deduzo que foram grafadas em outras cidades e enviadas para cá. Pois além de ser uma prática na época, inclusive entre os cristãos (havia carência de artesãos na cidade[11]), as inscrições em hebraico e francês demandavam alguém que soubesse escrevê-las nesses idiomas. Além do que, as lápides em sua maioria são em mármore ou granito de boa qualidade que resistiram relativamente bem ao tempo principalmente os dos franceses.

[11] segundo informações do administrador do cemitério.

I.6.1 – Da permanência na cidade: a SIC e a Chevrá Kadisha.

A Sociedade Israelita do Ceará, em seus 10 anos de fundação e hoje já se sentindo mais forte e potente, tem planos para a instauração de *Chevrá Kadisha* na cidade.

Segundo *Yakoov,* presidente da SIC, um terreno já fora adquirido no cemitério da Paz - eminentemente cristão, onde pretendem instalar um espaço para a comunidade. Alguns dos sócios já teriam participado com algum dinheiro. Outros sócios contestam essa afirmação e dizem que já se falou disso mas não sabem se foi levado adiante.

Recentemente, em um serviço religioso de *kabalat shabat* realizado na SIC, o Sr. *Shlomo* levantou uma interessante questão sobre esses túmulos do cemitério S. João Batista. Segundo o Sr. *Shlomo*, alguns desses túmulos estavam em débito com a prefeitura e com anos de atraso e talvez isso implicasse na retirada dos restos mortais desses de suas sepulturas. A fala foi dita, mas nenhuma expressão por parte dos participantes presentes foi observada por mim, nem verbal nem facial. A idéia do Sr. *Shlomo* era que a SIC pagasse por essas dívidas mas, parece-me que nada aconteceu.

Reflito aqui sobre a preocupação que os judeus imigrantes, descritos à partir de seus túmulos, tiveram em marcar suas lápides com inscrições e símbolos que afirmassem seu judaísmo afim de perpetuar sua memória nessa cidade e não se perder ou se misturar à outros grupos. No entanto, anos mais tarde, um outro grupo que reivindica uma identidade e um legado comum a esses indivíduos, alguns se convertendo ao judaísmo, acendem velas para lembrar e perpetuar a tradição judaica, discutem ascendência *sefaradi ou askenazi*, lamentam os "seis milhões" de judeus mortos na Segunda Guerra Mundial e não manifestaram nenhuma expressão para com esses túmulos. Nem registros eles tinham, pois quem registrou-os fui eu. Isso me remete novamente , e sempre, e tanto, à questão do dito, do feito e do manifesto que foi o pilar central de minhas observações.

A maioria dos participantes da SIC que entrevistei é a favor da instalação de *chevrá kadisha* na cidade, menos por motivos religiosos que para manter um diferencial social. A

idéia de alugar um terreno no mais caro cemitério da cidade de Fortaleza deriva desse escopo. A fala de *Esaú(57)* revela esse intuito:

"Seria muito interessante se tivéssemos um cemitério judeu aqui(...) é, para não ficarmos misturados com os goim,(...) e aquele cemitério antigo é muito cheio deles"

(Esaú (57) dados de entrevista)

BH/UFC

CAPÍTULO II

"Guardarás o Shabat e as Festas Sagradas"

II.1 - De Lua e Sol : o calendário judaico

Por mais de 5.000 anos o calendário Judaico é a referência do tempo para o Povo judeu. O calendário é utilizado em Israel como um verdadeiro marco a ser seguido. Nas comunidades da diáspora o calendário é utilizado para marcar as datas das festas religiosas e seguir seus respectivos preceitos.

Sem muita esquematização, há uma diferença fundamental que salta aos olhos, entre a concepção do tempo utilizada pelos judeus, pelos cristãos e pelos muçulmanos. O calendário cristão, herdeiro do mundo greco-romano, escolheu como base a revolução solar. O calendário muçulmano, proveniente do meio oriental, se prende às revoluções lunares. O judaísmo, colocado, senão no fluxo da história, pelo menos de acordo com a posição de seu berço bíblico, entre Atenas e Babilônia, baseia seu calendário em uma ponte ousada, mas resistente a toda prova, lançada entre o sol e a lua.

Antes, porém, é necessário determinar que na balança que mantém em equilíbrio o ano e o mês, os judeus conseguiram colocar, sem lhe destruir o equilíbrio, mas de maneira muito original, os dois elementos primários da medida de tempo: o dia e a semana.

Me-erev ad erev (Lev.23,32): *desde á tarde até á tarde seguinte,* é assim que se conta o dia judaico, segundo o próprio princípio da criação, em que a tarde precede a manhã: *"E fez-se tarde e manhã, o primeiro dia"*. (Gen.1,5). Assim decorrem seis dias de acordo com a narrativa do Gênesis e nenhum deles leva nome, pois sua característica é conduzir ao *sétimo dia*, selo e conclusão da obra divina. E o sétimo dia, precedido da

seqüência de seis dias constitui com eles a *semana judaica*. (Neher, 1976).

É esse o ponto de partida da medida judaica do tempo. É simples, na sua divisão do dia e da semana. É imutável, porque tem suas raízes na narrativa da Criação. É original pela importância atribuída à vigília, ao fato de a noite preceder o dia. Todas as festas judaicas levam essa marca dos preparativos durante o dia que as precede. Em seguida, ao cair da tarde e ao surgirem as primeiras estrelas, uma passagem da atividade ao descanso, do profano ao sagrado. A entrada da noite é solene. E certas noites de introdução, como a de cada sétimo dia, do *Séder* da festa de Páscoa, do *Yom Kipur*, cujas vinte e quatro horas são dedicadas à oração e ao jejum, possuem uma poética a qual os judeus sempre recorrem em seus relatos.

Quando o sol nasce, o ritmo diário é como que virado por esse escalonamento das três orações de uma tarde à outra: oração da noite, oração da manhã, oração da tarde. Os judeus cabalistas acreditavam que o fato dos dias serem anônimos, escapariam das influências mitológicas ou astrais que o nome deles exerce sobre os indivíduos nos calendários não-judaicos. Todos os nomes que poderiam ser atribuídos aos outros dias da semana, são imantados para o sétimo dia, o único que tem um nome: *shabat*, repouso, concentração da atividade humana num núcleo purificador, momento principal que absorve as energias passadas e lhes inspira uma carga nova para o futuro.(Neher, 1976).

Mas o Sábado não é só hebdomadário. Ele capta o tempo em toda a sua pulsação e se articula numa verdadeira pirâmide temporal animada pelo número sete. Cada sétimo ano é um ano sabático. Requer o descanso da terra, o perdão das dívidas, a libertação dos escravos, o reequilíbrio entre a vida agrícola e a vida social. Quando se acaba de celebrar o ciclo de sete anos sabáticos, portanto, de quarenta e nove anos, entra-se no qüinquagésimo, ano jubilar cujo poder de redenção é mais profundo ainda do que o ano sabático.

A base do ano judaico é o ciclo lunar: *"Este mês será para vós o princípio dos meses, será o primeiro dos meses do ano"*. Esse versículo bíblico (Ex. 12,2) reuniu de uma só vez, na consciência judaica, a noção de mês lunar e ano.(Neher, 1976) Ligou também essas duas noções ao tema do êxodo, e a saída do Egito representava na

consciência judaica o papel de uma Segunda nova criação.

Os meses judaicos como disse acima, são contados a partir do ciclo lunar, a equivalência do calendário judaico com o calendário gregoriano é a seguinte:

Mês	Duração	Equivalência ao calendário gregoriano
Nissan	30 dias	Março- Abril
Iyar	29 dias	Abril- Maio
Sivan	30 dias	Maio- Junho
Tammuz	29 dias	Junho-Julho
Av	30 dias	Julho-Agosto
Elul	29 dias	Agosto- Setembro
Tishrei	30 dias	Setembro- Outubro
Heshvan	29/30 dias	Outubro- Novembro
Kislev	30/29 dias	Novembro – Dezembro
Tevet	29 dias	Dezembro- Janeiro
Shevat	30 dias	Janeiro – Fevereiro
Adar	29-30 dias	Fevereiro – Março.

II. 2 - O Shabat.

O shabat ocupa um lugar central no Judaísmo. Sua imagem e seu múltiplo conteúdo encontram sua expressão na literatura judaica[12]. A noção do shabat foi-me de difícil apreensão, e por não ser judeu encontrei alguma dificuldade.

A idéia do Shabat e sua importância são ressaltadas na Bíblia, a começar pelo relato da Criação, e pelo lugar que ocupa nos Dez Mandamentos, dados supostamente durante a revelação no Monte Sinai. É o shabat que tem sido um dos fatores principais da característica judaica do "Povo de Israel", durante os longos séculos de sua diáspora. A libertação semanal da opressão cotidiana aliviava a aflição do *Galut* (diáspora, dispersão), até reduzi-lo a seis dias semanais, pois o shabat proporcionava um intervalo. Uma das idéias do shabat, é de que o desligamento do grande mundo e o recolhimento para o ambiente íntimo criado por um dia, podem assegurar a liberdade espiritual do indivíduo.

II. 2.1 - O Shabat como ideal de liberdade.

Segundo a ideologia judaica, um dos princípios fundamentais do Shabat, que os judeus celebram como "lembrança do êxodo do Egito", é o êxodo que resultou não apenas na alteração da condição física do povo, que passou da escravidão para a liberdade, mas também na mudança da característica do povo. De um povo nômade para o sedentarismo.

O objetivo do Shabat é também mencionado no quinto livro (Deuteronômio /*Devarim*) da Torá: " *E lembrar-te-ás que fostes escravos na terra do Egito, e o Eterno, teu Deus, te tirou de lá com mão forte e com o braço estendido. É por isso que o Eterno, teu Deus, te mandou fazer o dia do shabat". (Deut.5,15)*. A passagem semanal do profano para o sagrado, do trabalho para o descanso, é semelhante à da escravidão para a liberdade. Ao se desligarem do dia a dia, concretizariam a idéia da liberdade do homem. Não basta a desistência de atividades e do trabalho no Shabat. O que seria preciso, seria dar ao shabat elevado conteúdo espiritual.

---

[12] Para a discussão sobre o Shabat, ver: HESCHEL, Abraham Joshua :O SHABAT, seu siginificado para o homem moderno. Perspectiva, São Paulo, 2000.

Embora a idéia do descanso seja um dos denominadores comuns da totalidade dos princípios de Shabat, isto não implica inatividade pura e simples ou ociosidade sem conteúdo espiritual e social. Entre as finalidades do descanso estão as de revigorar e inspirar o ser humano para a continuidade de sua atuação normal e sadia. Assim o descanso alcançaria seu objetivo físico, espiritual e mental.

II. 2.2 - O Shabat como ato de Fé.

Outro princípio representado pelo Shabat é o da fé em Deus, o criador do Mundo, conforme o motivo mencionado nos Dez Mandamentos: *"porque seis dias o Eterno fez o céu e a terra, o mar e tudo quanto há nele, e descansou no dia sétimo. Por isso o Eterno abençoou o dia de shabat e o santificou"*. A idéia seria a de que ao interrompermos nossas obras, à chegada do shabat, estaríamos atestando a obra do criador: *"e descansou no dia sétimo de toda sua obra que fez"*. (Gen.2,2). O mito de origem judaico - a Divina Criação, descrita no livro do Gênesis (*Bereshit*), era um ato único, modelo para o andamento e a existência do mundo e da vida humana. O ciclo de sete dias da semana não está vinculado a nenhum fenômeno natural da criação. Seu significado é o de lembrar o ato da criação. O ciclo anual decorre da volta do mundo em torno do sol, que é completada em um ano. O ciclo mensal é determinado pela órbita da lua em torno do mundo, e o ciclo de 24 horas pelo giro do mundo em torno de seu próprio eixo. O ciclo semanal foi criado, segundo a cosmogonia judaica, porque está escrito na Torá: *"porque seis dias o Eterno fez...e descansou no sétimo". (Ex.20,11)*

No judaísmo a centralidade do shabat é expressa também pelo fato de os outros dias da semana não terem nomes próprios, mas apenas números. O único dia com nome é o shabat. Os outros dias são como uma ante-sala para o shabat. Por outro lado, o shabat irradiaria seu espírito e sua influência espiritual sobre os dias da semana vindoura.

A interrupção da produtividade – não porque terminam o trabalho – é o sinal da fé no criador do mundo e de que confiam que ele não os deixará faltar o sustento, já que ele é a única causa da cessação das atividades.

Dois princípios – a sensação de liberdade e a idéia da fé em Deus, conforme as encontramos no *kidush* do shabat *"...e Teu shabat sagrado nos deste com amor e de bom*

grado, lembrança da obra da criação. Pois que Ele é o primeiro dos dias da santa convocação, lembrança da saída do Egito, pois a nós escolheste e a nós santificaste dentre todos os povos... " – têm acompanhado o povo judeu, desde que se tornou povo.

II. 2.3 - O Shabat como mensagem de igualdade

Segundo um rabino de São Paulo que esteve na sinagoga em Fortaleza para uma palestra, a mensagem do shabat também procura ser uma mensagem de igualdade de todos os seres. No shabat todos são iguais – ninguém trabalha e ninguém faz trabalhar. "O homem foi criado à imagem de Deus, e deve imitar Deus". Esta idéia é manifestada na Torá, como por exemplo*: "seis dias faz tua obra, e no sétimo deixarás de trabalhar para que descanse teu boi, teu jumento e repouse o filho de tua serva e de teu boi e teu jumento e todos os animais e de teu estrangeiro que está dentro de teus portões, a fim de que descanse teu servo e tua serva como tu". (Deut. 5,14)*

O shabat tem a idéia de exercer sua influência sobre a família judaica. No shabat, uma das pretensões é que se fortaleça a célula familiar, quando todos os seus membros se encontram em torno da mesa para as refeições sabáticas, passando juntos o dia, estudando, cantando e conversando cordialmente.

Há na Torá duas expressões que se complementam, a saber: *"lembra o dia do shabat, para santificá-lo" (Ex.20,8) e "guarda o shabat, para santificá-lo (deut.5,12).* As duas expressões são atribuídas como sendo faladas por Deus. Uma das interpretações possíveis, segundo dizem os sábios rabínicos: *"guarda e lembra" foram pronunciados juntos". Mas expressam os dois aspectos do Shabat. "lembra" nos ensina como lembrar a condição especial do Shabat e como dar-lhe uma característica de santidade, diferente dos outros dias da semana, como acender as velas, o kidush e havdalá, roupa festiva, etc. "Guarda" implica o respeito pelas proibições referentes ao shabat.* (Herschel, 2.000)

II.2.4 - O Shabat em Israel e na SIC.

O shabat , dia de descanso semanal, se caracteriza em Israel por ser um dia passado com a família e os amigos. O transporte público não funciona, o comércio está fechado, os

serviços essenciais funcionam com um mínimo de pessoal, e o maior número possível de soldados recebem folga. A maioria dos habitantes do país, constituída de não-observantes, aproveita o dia de folga para se divertir nas praias, lugares de entretenimento, ou fazendo excursões ao ar- livre. Os religiosos devotam muitas horas e refeições familiares festivas e aos serviços na sinagoga; eles se abstêm de viajar, de fazer qualquer trabalho ou de usar aparelhos elétricos. *(Centro de Informação de Israel, Maio de 97)*

Na SIC, o shabat é o dia de encontros semanais na sinagoga. A descrição de como são os procedimentos religiosos realizados no serviço de *Kabalat Shabat*, encontram-se descritos no primeiro capítulo desse trabalho, quando descrevo também minha primeira incursão na sinagoga, ocasião em que presenciei essa atividade pela primeira vez.

Na parte religiosa da SIC o serviço de *kabalat Shabat* varia apenas no cantor que conduz os serviços. O ritual é o mesmo, o livreto utilizado para o acompanhamento das orações é o mesmo. Nas vezes que outros conduziram o serviço – que não o *chazan* habitual, as diferenças ficavam pela entonação de voz ou uma e outra melodia que se altera devido ao aprendizado que o cantor em questão teve.

Mas os *shabatot* – plural de *Shabat,* por mim presenciados na SIC, eram mais que observações. Eu participava com eles. Eu me sentava junto com eles, eu aprendi vários cânticos e salmos. Eu estava com eles!

As diferenças observadas entre o que cada um dos participantes da SIC imagina e respeita como sendo atributos do shabat também é uma faceta bastante curiosa. No shabat, alguns preceitos religiosos são exigidos dos observantes da lei. Assim, não se deve fazer fogo no shabat, não se deve cozinhar, não se deve carregar caneta, escrever, pagar contas, lidar com dinheiro, realizar mudanças ou concertos. Antes, deve-se fazer uma refeição em família, comer preferencialmente peixe, ler a Torá e várias outras observações. Como a SIC congrega indivíduos de várias partes do Brasil e de algumas partes do mundo, não é de se admirar que existam diferenças na forma de interpretar e se portar durante o dia de descanso semanal.

Shaul (38), é um *judeu convertido* e natural do estado do Ceará. Ele não teve uma família judaica, no entanto, sua forma de conceber o judaísmo, conduzem-no a certas práticas associadas a santidade do dia. Por exemplo, ele não carrega caneta nem manipula

dinheiro nesse dia. Por ocasião de uma festa religiosa pedi-lhe que posasse para uma fotografia. Ele disse não se deixar fotografar no shabat.

Ester(48) também convertida, disse-me que não sai de casa sem antes acender as luzes do shabat, assim como, normalmente faz uma refeição de peixe no retorno da sinagoga. Ela também não utiliza ferro elétrico, nem faz fogo novo nesse dia.

Entretanto já presencie ocasiões interessantes, como a de um casal de *judeus de tradição* residentes em Fortaleza, que recebiam visitantes em sua casa e ao final do serviço de *kabalat Shabat* convidou os amigos para comer camarão que é impuro para a Lei judaica.

Alguns guardam, aparentemente, poucos preceitos e não respeitam as interdições com relação ao dia, indo aproveitar seu sábado nas praias, lendo, indo à cinemas ou mesmo fazendo mudanças ou pequenos reparos domésticos.

Essa forma individual de dar sentido a essa ou aquela prescrição sabática causa situações insólitas. Normalmente, a sexta-feira é o dia onde todos se encontram na sinagoga. A SIC segue o calendário judaico, e por isso, às vezes encomendam materiais e alimentos para serem consumidos nas festas, como a *matzá* para a festa da Páscoa, ou garrafas de vinho *kasher*, além de outros *souveniers* que eles vendem na própria sinagoga, como *mezuzot*, camisetas, artigos religiosos, alguns livros, etc. Como só se encontram na sexta-feira, as vezes algum participante quer levar algum desses produtos e o ato da venda fica limitado devido a prescrição de não manipular o dinheiro após o início do shabat. As vezes o que quer comprar não toca em dinheiro na noite do shabat. Em outros casos, o que está vendendo as mercadorias é que respeita esse princípio religioso.

Já presenciei situações em que a solução encontrada foi que o interessado levasse a mercadoria e pagasse na sexta-feira seguinte, antes do serviço do *kabalat shabat*.

Outra forma original encontrada para resolver a questão do preceito religioso e de burlar esse tipo de interdito aconteceu comigo. Na ocasião de *Rosh Hashaná* – o Ano Novo judaico, a SIC, seguindo o exemplo de outras sinagogas do país, aproveita para reforçar sua receita financeira com a venda simbólica das cadeiras. Assim, você "compra" a cadeira que irá se sentar nos serviços de *Rosh Hashaná e de Yom Kipur*. A diferença de datas entre as duas festividades é de 10 dias.

BH/UFC

Pois bem, quando fui comprar minha cadeira, a moça responsável pela venda nessa época tinha urgência com o dinheiro, pois precisava dele para a compra de materiais que seriam utilizados na festa, decorações, comida, etc. Assim, eu não pude deixar para pagar na próxima Sexta-feira, pois além da urgência do dinheiro, ela não tinha intenção de me conceder o crédito até a semana seguinte. Eu estava com o dinheiro na hora, entretanto ela não tocava em dinheiro no shabat. A solução encontrada por ela foi a seguinte: Abriu a bolsa que usava à tiracolo, e me disse: " *bote ai dentro"!* Dessa forma, ela teve o dinheiro para suas urgências sem quebrar o princípio do shabat de uma forma engenhosa.

Alguns são mais religiosos e mais observantes. Um judeu francês, que se mudou para Fortaleza há pouco tempo, disse comer *kasher* em Fortaleza. Ele me disse que compra carne *kasher* de São Paulo. Segundo ele, compra 30kg, por vez, pagando por isso R$ 300,00. Ele congela a carne e a consome paulatinamente. Ele também guarda o shabat em outros aspectos. Possui um pequeno negócio de informática na cidade e seus funcionários são dispensados no shabat. Quando seu negócio estava no começo ele me disse que trabalhava no domingo mas, de sexta-feira à tarde até o sábado à tarde, ele guarda o shabat.

O shabat, segundo a orientação encontrada nos livros litúrgicos, pede um serviço religioso na sexta-feira à tarde (*kabalat shabat)*, um serviço matutino realizado no sábado, *(shaharit),* e um serviço no final do shabat (*havdalá).* Cada um deles é rico de preceitos e de formas para a execução dos rituais.

Na SIC o serviço de *kabalat shabat* é o mais importante e mais freqüentado. O serviço religioso de sábado de manhã (*shaharit)* presencie poucas vezes. Na maioria dos casos não se reúnem, pois não conseguem formar *minían.* Assim, eles normalmente suprimem esse serviço religioso. As únicas vezes que presenciei serviços matinais, foram em situações muito específicas, como quando havia um rabino passando pela cidade, por ocasião da chegada da Torá do *Sr. Slomo* ou um dia de festa que caísse no shabat como o *Yom Kipur* de 2.002 por exemplo.

No serviço de shaharit há algumas diferenças do serviço de *kabalat shabat.* No *shaharit,* as preces começam bem cedo - teoricamente antes do nascer do sol - um dos motivos para a ausência de *minían.*

Na oração matinal, todos os homens que o possuem, fazem uso do *talit* – xale ritual e caso não fosse shabat, colocariam os *tefilim* – filactélios. No shabat entretanto, o uso dos

tefilim é vetado. Entram na sinagoga rezam alguns cânticos e havendo *minian*, abrem a Arca da Aliança, retiram os rolos da Torá colocam-nos encima de uma grande mesa e começam a procurar a *parashat* daquele dia.

A *parashat* é uma porção predeterminada para ser lida em cada sábado. A *parashat* é dividida em 7 partes, sendo que não correspondem necessariamente a um número de capítulos específico. Até atingir o número de sete, os homens presentes são convidados pelo rabino ou *chazan* pra fazer a *aliá*, ou seja, subir até o púlpito e ler um trecho da Torá. Na verdade o que observei é que o indivíduo não precisa saber ler em hebraico. O condutor do serviço lê para todos os chamados.

A chamada à Aliá é um sinal de distinção e é vista como uma honra, tanto é, que ao final de cada *parashat,* o homem que desce é cumprimentado por todos.

Depois da leitura da Torá, fecham-na, e ela desfila nos braços de um homem entre as cadeiras, tanto no lado masculino como no feminino, para ser adorada e tocada. Volta então para a Arca. O serviço termina com cânticos finais e saudações de *shabat shalom*. As vezes que presenciei algum serviço de *shaharit* sempre havia um lanche para os participantes no final do serviço.

O terceiro serviço de Shabat é a *Havdalá* - serviço de encerramento do shabat, realizado no sábado à tarde. Durante os cindo anos de minha pesquisa na SIC nunca presenciei nenhum serviço de *Havdalá*.

Nos encontros religiosos do shabat, notadamente no *kabalat shabat,* eu pegava carona de volta com alguns participantes e isso me aproximou de muitos deles. Dentro do carro ouvia suas histórias, suas impressões e seus comentários sobre os fatos ocorridos durante o serviço. Era nas reuniões do *kabalat shabat* que eram discutidas de que forma seriam realizadas as festas judaicas e qual seria a programação.

II.3 – As Festas Judaicas

A maioria das festividades judaicas se originaram na antigüidade, outras na modernidade, como o Dia da Recordação dos Mártires e Heróis do Holocausto. Essas festividades são guardadas de várias maneiras pelos fiéis. Os dias santos judaicos servem de marcos através dos quais os israelenses e israelitas registram a passagem do ano. Eles são

parte da vida dos indivíduos que se reconhecem como judeus e são um elemento diferenciador e demarcador da identidade judaica.

Elaborei um quadro com os nomes e datas de todas as festividades judaicas comemoradas no calendário judaico. As festas na diáspora são comemoradas em dois dias devido a dificuldade encontrada na antigüidade de definir se a data estava certa com relação a Jerusalém. Outras festas, com *Pessah*, *Chanuká* e *Sucot*, tem sua comemoração um número maior de dias. Segue quadro[13]:

Nome da Festividade	**Data Hebraica**
Rosh Hashaná	1 – 2 de Tishrei
Jejum de Guedaliá[14]	3 de Tishrei
Yom Kipur	10 de Tishrei
Shemini Atzeret – Simchá	22 de Tishrei
Chanuká	25 de Kislev – 2 de Tevet
Jejum de Dez de Tevet	10 de Tevet
[15]Tu Bishav	15 de Shevan
Jejum de Ester	13 de Adar
[16]Purim	13, 14 de Adar
Pessah	15-21 de Nissan
Dia da Recordação dos Mártires e Heróis do Holocausto	27 de Nissan
Dia da Recordação	4 de Iyar
Dia da Independência de Israel	5 de Iyar
Lag BaOmer	18 de Iyar
Dia de Jerusalém	28 de Iyar

BH/UFC

[13] Fonte: Centro de Informação de Israel, Maio de 1997)

[14] *Recorda o assasinato do governador judeu, Guedaliá, pondo fim à esperança de autonomia nacional sob a ocupação balilônica (séc. VI a.E.C.)*

[15] Recorda o início do cerco a Jerusalém pelos conquistadores babilônicos (séc.VI a . E.C.)

[16] Recorda os três dias de jejum da Rainha Ester, em seus esforços por persuadir o rei da Pérsia a não matar os judeus (séc. VI a.E.C.)

Shavuot	6 de Sivan
Jejum de dezessete de Tamuz	17 de Tamuz
Tishá Be Av	9 de Av.

Existem várias festividades judaicas, das listadas acima, que não são comemoradas na SIC; seja pela própria estrutura da festa, pelo que ela demanda, seja mesmo pela crença no ato que estão realizando. As festas judaicas que participei junto aos judeus da SIC em Fortaleza, foram : *Purim, Pessah, Shavuot, Sucot, Rosh Hashaná, Yom Kipur, Simchá Torá e Chanuká.* Dessas festas, selecionei para a descrição as festas *de Purim, de Pessah, de Rosh Hashaná e o Yom Kipur.*

Essa escolha se deu a partir de alguns fatos: primeiro, são as festas mais comemoradas pela SIC no sentido de número de participantes; segundo, foram as festas que eu tive oportunidade de acompanhar de forma mais presente (em algumas outras ora eu não estava na cidade na data ou algum empecilho aconteceu me impedindo de participar. Nessas que resolvi selecionar, durante o tempo de pesquisa, estive presente no mínimo três vezes em cada uma delas, sendo que a festa de *Purim*, nos cinco anos da pesquisa, estive presente em todos os anos). O terceiro motivo é que essas festas são mais intensas e mais demoradas e isso gerava mais observações, mais tempo de conversa. Sobre as outras festas que se comemoram na SIC, farei breves referências esclarecendo de que se tratam mas me aterei às festas selecionadas acima.

II.3.1 - De Serpentinas e Confetes: Purim – O Carnaval Judaico.

O que descrevo sobre as Histórias das Festas, foi elaborado à partir de um livro que se chama "Nossas Festas", uma publicação comunal da Congregação Israelita Paulista de 1979 que conta de forma detalhada a origem de cada festa judaica que relatarei aqui. No caso de Purim me baseio na *Meguilá Ester*. Após explicar de que forma se dá a festa, trarei a discussão para confrontar com meus dados etnográficos recolhidos durante a pesquisa.

O relato de Purim mostra como os judeus escaparam do extermínio no reino da Pérsia no século V antes da Era Comum. A Pérsia (atual Irã) era governada pelo rei Assuero (*Achashverosh)*. Havia uma festividade na qual os deuses sorteavam o destino dos

seres humanos para aquele ano. Então o primeiro ministro Hamán, o mais influente no governo depois do rei, tirou a sorte e através desse subterfúgio conseguiu com que o rei concordasse em marcar um dia que mandaria assassinar todos os judeus do reino. Supõe-se que Hamán tinha alguma diferença específica para com esse povo, mas isso não é retratado. A palavra *Purim*, é plural de *pur*, que significa sorte, destino, e sua história é contada no Livro de Ester (*meguilá Ester*). Os planos de Hamán foram derrubados pela rainha Ester e seu primo Mordechai. Ester, ouvindo os conselhos de seu primo Mordechai, assumiu sua condição de judia e intercedeu junto ao rei em favor de seu povo. Assim, da tragédia fez-se triunfo e as lágrimas de dor se converteram em lágrimas de alegria.

Por um lado então, Purim é uma festa de caráter mórbido, pois tem como tema histórico o anti-semitismo. Por outro lado, algumas restrições feitas em outros feriados judaicos são arrefecidas nessa época.

A festa de Purim deve ser comemorada com muita comida, bebida e muitos doces. Os judeus mais abastados costumam nessa época fazer doações aos mais necessitados para que esses também possam comemorar. Apesar dos preceitos severos das leis judaicas, nesta festa é permitido beber até um pouco além da conta[17]. As proibições das grandes festas como dirigir, trabalhar, etc. Não precisam ser observadas.

Normalmente a festa de Purim coincide com o carnaval no Brasil. A data da festa é no 14º dia do mês de Adar no calendário judaico (fevereiro/março). Assim, a festa é chamada de "carnaval dos judeus", e crianças e adultos costumam se fantasiar e usar máscaras, hábito esse inspirado nos judeus italianos do final do século XV e que hoje é uma característica da comemoração que se realiza em todas as comunidades judaicas do mundo.

Neste dia, é lido nas sinagogas a *Meguilá Ester*. Na véspera, em 13 de Adar, muitos judeus fazem jejum de Ester, lembrando os judeus da Pérsia que jejuaram para apoiar a rainha que, no dia seguinte, iria pedir ao rei pelo seu povo. Esse ato – o de dirigir-se ao rei sem permissão prévia, era punido com a morte.

Curiosamente a *Meguilá* Ester é o único livro da Bíblia em que não aparece o nome de Deus, pois foi escrito em forma de rolo e enviado como uma carta para todas as regiões da Pérsia (Glasser:1979). O nome de Deus foi omitido para evitar possíveis profanações. A

---

[17] Segundo o Rabino Henry I. Sobel – da SIP: *" É uma mitsvá beber*(em Purim) *ao ponto de não distinguir entre as frases: "bentido seja Mordechai" e " maldito seja Haman"*, fazendo um trocadilho do Ídiche de complicada tradução literal.

BH/UFC

leitura da *Meguilá* é tradicionalmente acompanhada de muito barulho quando pronunciado o nome de Haman. As pessoas usam chocalhos, batem os pés no chão, assopram cornetas e apitos para "apagar" o nome do malfeitor.

Segundo a interpretação da orientação liberal do judaísmo atual, o multifacetado feriado de Purim espelha a própria vida e história do povo judeu, com seus altos e baixos, seu riso e seu pranto, suas esperanças e temores, suas vitórias e derrotas.

Sob o ponto de vista religioso, argumenta a *Mishné Torá* como preceito afirmativo de nº 54 que: *"Alegrar-se nas festas como está escrito: "E deverás alegrar-te em tuas festas, tu, teu filho e tua filha".(Dt 16:14)*. Esse "alegrar-se", deverá ser sincero, de coração e apenas gozando a alegria de amar à Deus.

II.3.1.1 – O Carnaval judaico em Fortaleza.

Os feriados de Purim acompanhados na SIC se deram da seguinte forma:

O feriado de Purim do ano (2.002 / 5762), caiu na Terça feira, dia 26/02/02. No entanto, a SIC comemorou a festa no dia 24/02/02 – Domingo, para facilitar a presença de todos.

Na entrada da sinagoga, havia uma caixa de papelão contendo "kits" confeccionados pela *Naamat*- voluntariado de mulheres, contendo confete e pequenos pandeiros que eram distribuídos entre as crianças que chegavam. Eram 18:00hs.

No salão principal da sinagoga o chão estava coberto de confete e serpentina para comemorar o carnaval judaico.

O espaço escolhido para se reunirem foi no fundo da sinagoga onde há uma pequena casa assobradada. Se reúnem no térreo, aberto como uma pérgola. Nesse espaço, dispuseram mesas e cadeiras informalmente. Tudo em volta estava decorado com cartazes temáticos realizados pelos alunos da escolinha *Atid* , como pinturas de dedos, cartazes com letras hebraicas, etc..

Os convidados presentes, cerca de 30 pessoas sentavam-se por ali e trocavam idéias e impressões entre si. Apesar da religião judaica permitir a ingestão de bebidas alcoólicas, nessa festa não foram observadas.

Em anos anteriores houve teatrinhos infantis nos quais crianças interpretavam a saga da Rainha Ester. Havia distribuição de doces para as crianças e alguns adultos foram fantasiados. A *Meguilá* foi lida por uma criança nessa época. Esse ano, as organizadoras preferiram uma atividade com os adultos pois, segundo os motivos apontados por elas, as crianças matriculadas na escolinha hoje em dia são muito pequenas para decorar textos e interpretar papéis teatrais.

Para o feriado do ano de 2.002 criaram dois tipos de atividades: em uma delas, pedaços de papel com números escritos foram distribuídos a todos na entrada e eram sorteados por uma das *morot* - professoras. A pessoa que tivesse o número correspondente ganhava um presente simbólico que acompanhava um pequeno texto sugerindo que o ganhador oferecesse esse presente a alguém importante para ele na congregação, ou por respeito, ou amizade, ou simpatia, etc. O objetivo do jogo era passar o presente para outra pessoa e exercitar a generosidade.

A segunda atividade foi uma gincana de conhecimentos sobre a M*eguilá* Ester. A audiência foi dividida em dois times e cada um deles respondeu cerca de 6 perguntas. No final de cada bateria de perguntas, pequenos prêmios – como agendas telefônicas, lanternas e pingentes foram sorteados entre a equipe vencedora.

Depois da gincana, com os participantes mais relaxados, foi liberada a mesa do tradicional "banquete" de Ester. Havia desde os tradicionais *oznei haman* – doces assados recheados com ameixa e sementes de papoula que representam as orelhas de Haman, e os *hamantaschen* – doce triangular recheado lembrando um chapéu até saladas de frutas que as devotadas *iídiche mama* fazem para perpetuar a tradição. Haviam também outras guloseimas como saquinhos de batata industrializada e refrigerantes. Não havia bebida alcoólica disponível, nem vinho.

Chegaram nesse momento jovens fantasiados de muçulmano, jogador de futebol, bruxa, mexicano e outros com várias máscaras. Os foliões mais animados passaram a dançar marchinhas de carnaval junto com as crianças.

Como a festa fora celebrada antes da data judaica de Purim, a *meguilá Ester* não foi lida no dia da festa. Ficou estabelecido que cada participante deveria lê-la em casa com os seus.

A festa de Purim do ano de 2.003 foi realizada um dia depois da data religiosa prevista, pois havia um feriado cristão no dia seguinte e deliberaram que seria melhor assim. Ficou marcado para o dia do feriado cristão às 18:30hs para começar às 19:00h[18]

Quando cheguei havia poucas pessoas. Encontrei *Ester(48)* no vestíbulo com um cesto de máscaras confeccionadas por ela para seguir a *mitsvá* de se alegrar na festa da Rainha Ester. No lado das mulheres, na frente , havia uma mesa montada com as atividades da escolinha *Atid*, composta de máscaras de gaze e gesso decoradas por cada aluno de forma individual. Cartazes com símbolos da festa estavam fixados acima dessa mesa. Nas janelas havia máscaras gigantes de papelão, representando o Rei Momo e um Pirata.

Ester preparou também um cesto de chocolates com um papelucho anexado escrito - *chag sameah Purim* - Feliz feriado de Purim. Saí do vestíbulo e fui até o fundo, lá estavam outros participantes. Havia um cartaz escrito – Purim, no início da escada e serpentinas decoravam a sacada da casinha dos fundos.

Percebi que não acenderam as velas apesar de ser um dia festivo. A *Nel Tamid* dessa vez estava acesa, ao contrário da festa de *Chanuká* passada, que não estava.

Na festa de Purim desse ano (2.003), optaram pela leitura da Meguilá de Ester que nunca tinha sido feita antes na SIC.

Foram feitas cópias de xerox da história de Ester e cada participante recebia uma cópia com alguns grifos de "marca-texto". Cada xerox tinha um grifo em uma parte do texto. A leitura era iniciada e quando chegava a parte onde estava o grifo, a pessoa lia em voz alta. Isso transcorreu durante todo texto e a cada vez que se pronunciava a palavra *Haman* – o vilão da história, as crianças faziam barulho com pandeiros, matracas e gritos. Após a leitura fomos para o lanche "lá nos fundos".

Na mesa de lanches nesse ano havia: "orelhas de Haman", refrigerantes, torta de ricota, bolos, docinhos, pães recheados de creme de limão, frutas, antipasti de berinjela e cerveja. Todas as iguarias foram levadas pelos participantes.

Nessa festa, a socialização com as pessoas foi muito gratificante. Fiz várias fotos, pois como fui o único que levou máquina fotográfica, fiz fotos em conjunto de várias pessoas.

---

[18] Essa prática de marcar compromissos meia hora antes é muito comum em Fortaleza, pois ninguém nunca chega na hora certa.

Terminada a festa, pequei carona com *Ester* até minha casa e ganhei dela um brinde pelo feriado de Purim.

II.3.2 -De Gefilte Fish e Ázimos – Pessah: A Páscoa Judaica

Na primavera, em 15 de Nissan, festeja-se *Pessah* – a Páscoa Judaica, que comemora o Êxodo , aproximadamente séc. XIII A.E.C. e a libertação da escravidão dos judeus pelos egípcios. A liberdade é o tema dominante de Pessah. Os preparativos para a festa se iniciam bem antes da data, quando as famílias se dedicam à limpeza do *chamets* – fermento e todo alimento que o contenha conforme está prescrito pela Torá em Êxodo 12:15-20. A véspera da festa é devotada às práticas preparatórias que incluem a queima cerimonial dos alimentos proibidos. À noite, é realizado o *Séder* que inclui a leitura da *Hagadá* - narração elaborada da escravidão e do êxodo do Egito. Nesta refeição festiva, a família se reúne para comer os alimentos tradicionais, particularmente a *matzá* – pão sem levedura. As observâncias do dia seguinte são semelhantes às outras festividades de peregrinação.

Pessah é a festa judaica mais observada na SIC de pois de Yom Kipur, mesmo pelos não-religiosos.

Na primeira festa que participei com eles, a festa foi realizada em um *buffet* suntuoso da cidade. Dos meus cinco anos de pesquisa, nos dois primeiros anos, não pude participar. No primeiro, quando comecei a freqüentar a sinagoga, a festa de *Pessah* já havia acontecido. No segundo ano, não fui pois não tinha condições financeiras. Cada convite custava R$ 50,00 na época. Só pude então participar das festas de P*essah* dos anos de 2.001, 2.002 e 2.003.

Na festa de 2.001 os rituais judaicos foram seguidos de acordo com as concepções dos participantes. A dinâmica da festa se consiste em ler o texto que remonta a saída dos judeus do Egito, em um livro chamado *"Hagadá de Pessah"*, que conta de forma minuciosa a trajetória dos judeus desde sua escravidão até de que forma Deus (supostamente) libertou-os do jugo egípcio. A Páscoa judaica é cercada de muito simbolismo e cada ação realizada é pensada como uma verdadeira saída cotidiana do Egito.

A festa de Páscoa judaica, que coincide com a primeira lua cheia posterior ao equinócio da primavera, recorda como alguns escravos fugiram para o deserto. As famílias judias reúnem-se à mesa para uma refeição sagrada. Falando em termos bem gerais, contam de novo a antiga história do Êxodo do Egito. Com pão ázimo e vinho santificado, comemoram a libertação dos escravos do jugo do faraó.

A festa é realizada com todos os convidados sentados em uma mesa de jantar onde existe uma variedade de pratos que devem ser comidos de forma ritual. E cada um desses pequenos pratos tem um significado. Por exemplo, eles comem uma massa feita de tâmaras com farinha de *Matzá* e maçãs para lembrar a argamassa que os escravos faziam no Egito. Consomem também folhas amargas para lembrar as agruras do povo sob o jugo do faraó. Mergulham essas folhas amargas (na verdade salsa) em um pratinho com água salgada para lembrar das lágrimas do povo escravo. A *matzá* é o pão ázimo – sem fermento. Esse pão tem o formato de um biscoito água e sal só que quatro vezes maior. Esse alimento deve ser consumido pelos judeus durante todos os dias de festa de Pessah que dura oito dias.

A SIC compra os ingredientes para a culinária de Páscoa de uma revendedora de São Paulo. Os judeus da SIC consomem *matzá*, vinho kasher e farinha de *matzá* - usada para as confeccionar patos típicos de *pessah* como o *Gefilte Fish* - bolinha feita com peixe e farinha de *matzá*. Pode ser servida fria ou quente. Essa receita é tradicional na cozinha *askenazi* e é presença constante nos jantares de Pessah realizados pela SIC. Durante o jantar o vinho também é várias vezes santificado e há um momento que relembram as dez pragas do Egito, que supostamente Deus lançou contra o faraó do Egito. Cada praga é contada com uma gota de vinho tirada de dentro da taça que cada um está tomando.

O serviço religioso de *Pessah* é bastante longo e as crianças ficam brincando enquanto os comensais dividem-se entre um gole de vinho e outro e uma mordida de *matzá* e outra. No final do serviço religioso servem um banquete. Nesse banquete, além do *gefilte fish*, comem também carneiro assado ou ensopado, saladas de batatas, um molho de beterraba com raiz forte, saladas de folhas, arroz com castanhas e mais vinho.

No serviço de Pessah de 2.003 levei uma amiga (*goi)* para o jantar comigo. Nesse ano o convite para não-sócios foi no valor de R$ 53,00. Quando chegamos, a maioria já estava sentada e o serviço estava iniciando. Sentamos na ponta de uma grande mesa em forma de "U". O número de participantes era em torno de 80 pessoas. Todos estavam

animados e fomos recebidos com sorrisos. A única observação foi feita por uma amiga da sinagoga ao perguntar-me quem era a mulher que estava comigo. Depois disso tudo ficou bem.

A festa seguiu a *Hagadá* que tinha sido distribuída no ano anterior pela própria comunidade. A *Hagadá* de Pessah utilizada por eles é um livro bastante bonito com ilustrações e encadernação luxuosa. A festa transcorreu com as orações e rituais elaborados pela *Hagadá*.

Minha convidada fez algumas observações interessantes, como por exemplo, ela percebeu que a importância do ato de estar jantando era maior que o fator religioso. Ela sentiu falta de grandes cânticos e louvações que realmente não acontecem. Como a comunidade não conhece todos os cânticos de Pessah, o *chazan* tem que cantar a maioria deles sozinho. Os convidados estavam todos muito bem trajados para o jantar com boas roupas, jóias e vestidos bem cortados. O uso do branco é um costume judaico para a festa de Pessah, no entanto outras cores são notadas. As *kipot* oferecidas no entanto, eram brancas.

II.3.3 -De Maçãs e Mel : Rosh Hashaná – o Ano Novo Judaico

A festividade de Rosh Hashaná marca o início do ano novo judaico. Sua origem é bíblica: *"descanso solene, memorial de toque do shofar, convocação de santidade". (Lev. 23:23-25)*. A expressão Rosh Hashaná, "começo do ano", é rabínica, como o são os temas inerentes a esta festividade: arrependimento, preparação para o dia do julgamento divino e oração por um ano frutífero.

A festa, de dois dias de duração, cai nos dois primeiros dias do mês de *Tishrei* do calendário judaico, que coincide geralmente com o mês de setembro no calendário gregoriano, e seu início se dá no anoitecer do dia anterior, conforme ocorre com todos os feriados judaicos. Entre os principais costumes de Rosh Hashaná incluem-se o toque do *shofar* (chifre de carneiro), durante o serviço mais prolongado, que focaliza os temas do dia santo, e refeições festivas em homenagem ao novo ano. À liturgia, acrescentam orações de arrependimento. O *Halel*, uma coletânea de bênçãos e salmos, é recitado no início de cada mês lunar, nas três festividades de peregrinação e em ocasião de ação-de-graças pública.

Durante o período que convivi com a Sociedade Israelita do Ceará presenciei duas vezes a festa de Rosh Hashaná. Na verdade eu cheguei a ir uma terceira vez, ainda na sede antiga, mas, como eu estava no início da pesquisa e conhecia muito pouco as pessoas, quando cheguei o salão de orações estava muito cheio o que me deixou constrangido em entrar. A esse fato, soma-se os olhares de reprovação de alguns para mim. Como me sentia muito mal fui embora assim que cheguei.

No entanto no primeiro Rosh Hashaná na sede nova (2.001) eu estava. Esse serviço foi ministrado por um rabino ortodoxo de S. Paulo que foi convocado pela SIC para realizar a liturgia religiosa do Ano Novo e do Yom Kipur. Esse rabino era bastante jovem , usava uma longa barba, se vestia de preto e usava *talit katan*.

No início do serviço, a noite, era comemorado também o início das atividades na casa nova. Nessa ocasião, quando cheguei, o presidente da SIC me procurou e pediu-me para ler um texto que eu tinha escrito parabenizando a SIC pela nova casa. Esse marco foi muito importante para a pesquisa, pois algumas pessoas passaram a me olhar de uma forma menos constrangedora que antes.

Nas festas de Rosh Hashaná, como eu disse, as cadeiras são vendidas para que os freqüentadores colaborem de alguma forma com as despesas da sinagoga. No ano de 2.001, a cadeira para não-sócio era no valor de R$ 50,00, contra R$ 35,00 para os sócios.

Nos serviços de Rosh Hashaná, a casa normalmente fica lotada. O serviço da noite é parecido com o *kabalat shabat*. Todos rezam por cerca de uma hora e voltam para o dia seguinte para a reza que se inicia às 07:00h da manhã do dia seguinte. Esse serviço é muito demorado.

Nesse serviço ficam envolvidos por muito tempo e praticamente o dia todo. Durante o dia eles tocam o *shofar*. As notas (100 toques durante o dia todo) do *shofar* expressam sentimentos que emergem durante a solenidade. Simbolizam o coração arrependido e submisso; são um chamado para despertar a consciência do homem, e para aqueles que se extraviaram. Na antigüidade, o *shofar* era tocado para avisar a população que o novo ano se iniciava.

Rosh Hashaná é também rico em simbolismos, sendo o mais conhecido deles o costume de desejar-se um ao outro *"Leshaná tová ticatevû vetechatêmu"* (sejam inscritos e selados para um bom ano). Esse é um costume que os judeus da SIC guardam, o de

expressar nesse voto a esperança que todos os amigos tenham assegurado para si um ano de vida e felicidade. Tão popular é esse costume, que, nos poucos cartões que recebi de Rosh Hashaná, começam sempre com este desejo, escrito: *Shaná Tová*.

Outro costume de Rosh Hashaná, e também no Yom Kipur, é o uso de uma vestimenta branca como uma túnica, amarrada na cintura por uma fita branca, de nome *Kitel*. Essa vestimenta, segundo exegetas judeus, representa o ideal de pureza e da imaculada confiança dos judeus de que o perdão de Deus chegará, junto com a sua própria decisão de não mais pecar.(Flidin:1997). Na SIC, observei o uso do *kitel* por apenas uma pessoa. *Efraim, o judeu de tradição* que colocou o anúncio no jornal para a formação da comunidade. Quanto aos outros participantes ninguém usava.

Na mesa de Rosh Hashaná , após a benção do vinho, repartem-se romãs a todos e invoca-se de Deus que os méritos multipliquem-se como as sementes dessa fruta.

A *chalá* (pão) é feita redonda e não trançada. A explicação que me foi fornecida para esse fato, é para se fazer uma analogia ao ano, um círculo sem princípio nem fim, e é molhada no mel, e não no sal. Do mesmo modo, come-se um pedaço de maçã com mel, e pede-se a Deus que nos mande um ano doce e prazeroso.

O serviço de Rosh Hashaná do ano de 2.002 foi ministrado pelo próprio *Efraim*. Em todos os anos, é normalmente ele que conduz o serviço, a exceção foi a do ano de 2.001 que fora presidida pelo rabino ortodoxo, como disse acima. Nesse ano de 2.002 havia 68 homens presentes ao serviço religioso, isso é suficiente para encher o espaço. Havia também um enorme contigente feminino. Não as contei pois me ative à contagem do *minian*.

Nessa festa aconteceu um fato que remonta novamente a questão das fronteiras étnicas. Quando cheguei a sinagoga para a parte religiosa do Ano Novo procurei o *chazan* e pedi-lhe permissão para fazer umas fotos da festividade para o meu trabalho. Ele, apesar de não ser a pessoa que oficiou o serviço, me disse que isso não seria possível pois não é permitido fazer fotos nessa data. Entretanto, três dias depois, nos jornais locais da cidade, aparece uma matéria de capa enfocando o Ano Novo Judaico em Fortaleza com a foto de *Efraim* na capa da matéria com a audiência ao fundo, inclusive eu.

II.3.4 - De Jejuns e Expiações – Yom Kipur: o dia do Perdão.

"...Aos dez dias deste sétimo mês é o dia das expiações;
convocação de santidade será para vós, e afligireis
as vossas almas (através do jejum)...
Dia de descanso solene é para vós, e afligireis as vossas almas
Aos nove dias do mês, à tarde, de uma tarde à outra,
Celebrareis o vosso dia de descanso".
(Levítico 23)

Este é o mandamento bíblico concernente ao Yom Kipur, o dia da expiação, no qual o jejum, a oração e a penitência denotam sua santidade e solenidade. Este dia assinala o auge dos Dez Dias de Penitência, chamados de *Yamin Noraim,* que são os dez dias entre Rosh Hashaná e Yom Kipur. O dia do Yom Kipur chega a distinguir-se como o dia mais importante do calendário judaico.

O jejum e a abstinência de todo alimento e prazer físico pelo período de 24 horas, chega a ser uma verdadeira expressão externa de completa submissão ao domínio do espírito. Segundo o rabino essa não é uma data negra; não há nada de teórico ou lúgubre em um dia em que se aproximam do "Trono celeste" para buscar expiação e perdão para os pecados adquiridos. Seria antes, uma data radiante, que assegura ao pecador a absolvição e o perdão caso a mudança em seu coração seja sincera e sua resolução de abandonar o caminho errado seja terminante. (Flindin:1997),

Os judeus admitem que o pecado é devido com freqüência à satisfação de apetites materiais. Embora jejum por si só seja considerado uma ajuda inapreciável no processo de ruptura com o pecado. Ele não tem nenhum valor a menos que acompanhado por um sincero arrependimento.

O judaísmo salienta ao pecador arrependido que aproxime-se de seu Deus sem intermediários. Na crença judaica entretanto, o poder "expiativo" do Yom Kipur não se estende nem se aplica às ofensas contra o próximo, a menos que tenhamos feito tudo que está em nosso alcance para retificar os erros, conforme disse Rabi Eleazar ben Azaria (Talmud babilônico, tratado Iomá 85b):

"As transgressões do homem contra Deus – o Dia do Perdão as absolve; porém, as transgressões contra o próximo, o Dia do Perdão não as expia a menos que, e até que, este reconcilie-se com o próximo e repare o erro cometido."

Os judeus acreditam que as proibições do Yom Kipur vão além da trabalhar, comer e beber. Como o mandamento bíblico diz *" e afligireis as vossas almas"*, isto inclui em seu sentido mais amplo a abstinência de todo o prazer e comodidades físicas, como: lavar-se e tomar banho, untar o corpo, usar sapatos de couro, jóias além de não manter relações conjugais.

Na SIC, o feriado de Yom Kipur é observado por praticamente todos os associados. A casa fica sempre cheia nesse dia e mesmo os que não rezam em Rosh Hashaná, há 10 dias atrás, estão presentes na festividade de Yom Kipur.

Em um serviço de Yom Kipur dois acontecimentos me deixaram impressionado pela forma que se deram. Como freqüento a sinagoga há muito tempo, as pessoas que chegaram depois de mim, confundem-me com judeu muito facilmente. Sempre me perguntam de onde sou, se sou judeu *sefaradi* ou *askenazi*, e coisas nesse sentido.

Na festa de Yom Kipur os judeus ficam de jejum durante 24 horas, com a intenção de expiar os pecados, não tomando nem água. Na SIC esse costume é seguido pela maioria.

Na qualidade de pesquisador, achei que eu não deveria participar tanto do evento, e obviamente não guardei o jejum. Cheguei cedo para o início do serviço matutino, que se estende até o final do dia, depois de tomar café da manhã em casa. Como a manhã estava muito quente, fui direto na cozinha tomar um copo d'água. Todos estavam de jejum desde ontem. Na cozinha, encontrei-me com *Chaim* (40), *judeu convertido*. Quando me dirigi para o bebedouro ele me interpelou dizendo: *" Tu vais beber água cara"?* Com essa frase, me senti ao mesmo tempo embaraçado pela observação que ele fez, mas ao mesmo tempo me senti mais próximo do objeto de pesquisa. Era como se me "vissem" como um deles. Diante dessa prova de aceitação, achei mais conveniente não tomar o copo d'água e ir para o salão onde já iniciava-se a oração matinal.

O serviço religioso de Yom Kipur é realmente uma expiação de pecados! Os serviços religiosos duram o dia inteiro! As pessoas ficam cansadas, as crianças impacientes, e muitos vão e voltam várias vezes pelo salão. Tudo isso de jejum!

BH/UFC

Durante a liturgia a Arca da Aliança é aberta e fechada várias vezes para a contemplação dos rolos da Torá. Em outras situações, desfilam com a Torá nos braços entre as pessoas para que todos a toquem. Acontecem toques de shofar durante o serviço. Eu estava sentado bem na frente, pois quando cheguei as cadeiras já estavam ocupadas, então, me sentei junto com o presidente da SIC defronte a Arca da Aliança. O *chazan* que estava ministrando o serviço naquele dia desconhecia o fato de eu não se judeu. Em determinados momentos da cerimônia o *chazan* chama os homens presentes para abrirem a Arca, numa tentativa de faze-los participar também. Em um certo momento, ele falando em hebraico uma oração, aponta para mim e me pede para abrir a Arca. Por um *istmo* de segundo fiquei meio "sem-ação", olhei para o presidente da SIC, que não me indicou nada no seu olhar. Fui então até a Arca e abria-a! Achei que alguns olhares na audiência não apoiaram minha atitude, mas a consideração do *chazan* serviu-me de subsídio para encarar o fato como um sinal de consideração e de proximidade com o grupo.

O final da festividade de Yom kipur é marcada por mais um toque de *shofar* e depois a congregação se reúne para a benção do vinho e para um jantar coletivo que foi realizado na sinagoga em sua área de convivência. Nesse ano, houve um *buffet* contratado para servir-nos e houve muita comida, saladas, pães, tortinhas e também bebida, como cerveja, vinho e uísque.

CAPÍTULO III

Da Atualização da Identidade

Esse capítulo foi escrito na tentativa de mostrar como a SIC convive com pequenas situações cotidianas, bem como as soluções encontradas para certos embates que fazem com que a tradição seja fixada e o mosaico de conhecimentos sobre o judaísmo que compõe a SIC seja constantemente botado à prova na hora de fazer valer as múltiplas concepções do Ser Judeu na especificidade observada por mim na cidade de Fortaleza. Ou seja, de que forma os integrantes da SIC atualizam a identidade judaica a que se propõem.

O capítulo foi escrito a partir de três ensaios que se articulam em um final comum.

III.1. De Estrangeiros e Mulheres

"E amareis ao estrangeiro;
porque estrangeiros fostes
na terra do Egito".

(Devarim/ Ékev 19, 20)

"A graça é enganosa e a
beleza vã; a mulher que
teme a D'us é que será
louvada".

(Provérbios 31, 30)

Essas duas citações acima são do *Tanah* - conjunto de textos que formam os livros sagrados do judaísmo e eqüivalem ao Antigo Testamento cristão.

O primeiro é atribuído ao próprio Deus, possivelmente a Moisés, no séc. XIV A.E.C. Esse extrato está no quinto livro sagrado da *Torá* - o Deuteronômio ou *Devarim* em hebraico. Mas, segundo a *Mishne Torá*, é pronunciado o respeito e a hospitalidade ao estrangeiro por trinta e seis vezes em toda a *Torá*.. A segunda citação é atribuída a Salomão, Rei de Israel - reconhecido pela Bíblia judaica e cristã como homem extremamente inteligente e dotado de sensos de justiça e misericórdia mitológicos.

O propósito da colocação desses dois trechos no início desse texto, é que pretendo fazer um paralelo entre o que a religião judaica prega acerca desses dois temas e comparar esse discurso formal e religioso com as observações que fiz na SIC durante o tempo de pesquisa.

Os extratos bíblicos que iniciam esse texto, revelam, no primeiro momento que, percebendo o sentido que eles foram escritos e vendo a posição da religião judaica com relação a fé, a mulheres e a estrangeiros ao longo dos anos, esses trechos poderiam nos revelar um contra-senso entre o discurso e o ato. Seria discutir coisas como: "se eles pensam assim, por que aparentemente não agem assim?" E ai cairíamos em um emaranhado de considerações que não nos levariam a nada e sucumbiríamos ante o qualificativo de anti-semitas.

Antes que isso aconteça, vale a pena lembrar que esse tipo de contra-senso entre o discurso formal e o "real", não é prerrogativa do povo judeu.

Malinowski, já chamava a atenção para esse tipo de fato em suas pesquisas etnográficas. É o que ele chamava de "imponderáveis da vida cotidiana", que são outros aspectos da realidade social. Estes aspectos refletem uma percepção da divergência sistemática entre o que as pessoas dizem acerca do que fazem, e o que elas realmente fazem e o que pensam. A compreensão da regra e da ação deve ser posta no contexto do modo característico de pensar da cultura, pois a meta final "que cumpre ao etnógrafo nunca perder de vista" é "apreender o ponto de vista do nativo, sua relação com a vida, e perceber a visão que *ele* tem de *seu* mundo". O antropólogo Malinowski citado aqui a partir de seu primeiro ensaio sobre as ilhas Trobiand, intitulado *"Baloma"*, publicado em 1916 descreve em termos vívidos a divergência entre as descrições dos informantes do adeus solene aos espíritos mortos e a realidade observada:

"Quando se ouviu o saka'u, *todos se afastaram em silêncio - os jovens em pares, e ali permaneceram para o adeus a baloma, apenas cinco ou seis moleques com tambores, eu mesmo e o meu informante... Não posso imaginar uma representação mais indigna, se levarmos em conta que se dirigiam a espíritos ancestrais! Eu mantinha-me a certa distância para não influenciar o* ioba...*mas havia muito pouca coisa que pudesse ser influenciada ou estorvada pela presença de um etnógrafo! Rapazes de seis a doze anos faziam soar os tambores e, depois, os mais novos começaram a dirigir-se aos espíritos nas palavras que me haviam sido previamente fornecidas pelos meus informantes. Falavam com a mesma mistura característica de arrogância e timidez com que costumavam dirigir-se-me, mendigando fumo, ou fazendo algum comentário brincalhão, de fato, com a desenvoltura típica dos garotos de rua quando realizam algum ato desordeiro sancionado pelo costume e a tradição.* (MALINOVSKI, 1978: 28-29)

Essa citação de Malinowski em seu artigo antropológico é boa para pensar os perigos que os antropólogos correm quando tentam deduzir atitudes psicológicas, em face de eventos religiosos e políticos, das descrições formais.

Os extratos bíblicos, que encabeçam esse texto, revelam, entretanto, uma proposta de relacionamento interpessoal específica e geradora de sentidos proposta por uma religião, no caso o judaísmo. Seria como se houvesse um ponto de partida universal que fosse comum a todos os judeus do mundo. Um *marco zero*. A partir desse imaginado "marco zero" os judeus poderiam estabelecer e fazer com que toda uma cultura girasse em torno desse marco, como um novelo...girando, girando e acrescentando e agregando e "naturalmente" derivando a cultura. O que sabemos, é que isso não é possível de acontecer.

BH/UFC

A cultura é todo um conjunto de sentidos - que podem ser inclusive, mas não somente: olfato, visão, audição, tato e paladar, que orientam e determinam as representações sociais nos grupos humanos. Esses sentidos são dados, ou formados, ou inventados, ou arranjados de acordo com os ajustes que os indivíduos vão fazendo de forma institucionalizada ou não-verbalizada dentro da própria sociedade. Podemos encontrar comunidades judaicas que apontam para outras direções, que não as ortodoxas, que não comem *kasher*, que nem rezam; e mesmo assim reivindicam o direito de serem consideradas como "legitimamente judaicas".

Vejamos como a Sociedade Israelita do Ceará, através de suas ações, corroboram ou não com essas considerações.

A SIC é uma sociedade onde a presença das mulheres é bem marcante. Elas estão na escolinha, elas estão na preparação (ou na compra) do pão do *Shabat*, elas estão na diretoria, na secretaria e elas estão na *Naamat* - voluntariado de mulheres pioneiras de cunho sionista.

Algumas delas possuem ascendência judaica, outras são prosélitas e outras estão em processo de conversão. Cada uma dessas categorias aponta um sentido para o "ser mulher e judia". E o sentido que elaboram e representam através da participação ou não das atividades propostas pela sociedade, bem como sua forma de se relacionar com o "outro" determinam um código de posturas e condutas interpessoais dificilmente perceptível para quem imagina os judeus como um grupo coeso e fechado.

Para um melhor entendimento, utilizarei novamente as categorias do grupo pesquisado da seguinte forma:

III.1.1 - A Judia de Tradição

Chamo de "judia de tradição", aquela que nasceu em uma família judaica com pais judeus, que estudou em colégios judaicos na infância, que se relacionou com outros judeus uma parte da vida, se casou com um marido também de família judaica. É uma tipologia nativa, pois se definem assim.

As judias de tradição pertencentes à SIC, são casadas, tem filhos e as mais velhas tem filhos casados residentes em outras cidades. São emigrantes - aqui não há nenhuma família cearense de tradição judaica que se enquadraria nessa categoria, pois os nativos da cidade não tiveram o conjunto de atributos listados para categorizá-las como tal.

Durante a realização dos serviços religiosos, elas ficam do lado de fora, gostam de um bom bate-papo com os amigos nos jardins da sede da Sociedade. Algumas mais velhas assistem ao serviço religioso e estando alguma delas presente no salão de orações, indubitavelmente será ela a laureada com a honra de ser chamada a acender as velas nas ocasiões de festas e do *shabat:*

" O acender das velas em vésperas de Shabat *terá lugar pelo menos vinte minutos antes do pôr-do-sol, na mesma habitação em que se servirá a ceia.*

Uma vez tendo terminado seus preparativos (vestimenta, etc.), que é conveniente que sejam semelhantes aos que se realizaram para receber os convidados de categoria, tem a missão de acender as velas, para o que cobrirá os olhos com as mãos, e pronunciará as bênçãos correspondentes.

Na véspera dos dias de festa (salvo de Yom Kipur) é permitido acender velas ainda mais tarde.

A responsabilidade de acender as velas recai sobre a Dona da Casa[19]*, porque as luzes do* Shabat *e dias de festa simbolizam serenidade e alegria; e é a dona de casa a pessoa mais indicada para encher o lar de luz e felicidade." (Munk y Schwarz.1972:75)*

Algumas sabem pouco sobre a religião, outras sabem o idioma hebraico por formação escolar ou porquê moraram em Israel em alguma parte de suas vidas. Outras entendem o *iídiche* por que os pais falavam. Uma delas acha que Deus não vê o que você está comendo. Considera a alimentação exclusivamente *kasher* como um exagero. Revelam um comportamento cortês com os demais, seguras que estão da sua "judaicidade".

A fronteira étnica para elas é bem clara, elas sabem e declinam a pertença judaica dada hereditariamente. Acreditam que um "lar judaico" é fundamental na formação da identidade judaica e esse "algo mais" que elas acreditam que os judeus possuem, seja derivado disso.

III.1.2 - A judia Prosélita

O prosélito é aquele que se casa com um indivíduo judeu e que se converte a essa religião por esse ou outro motivo. O termo deriva de Proselitismo, que segundo o dicionário Aurélio significa:

Proselitismo: *sm.* Atividade diligente em fazer prosélitos.

Prosélito: *sm.* Indivíduo convertido a uma doutrina, idéia ou sistema; sectário.

---

[19]grifo meu.

As freqüentadoras da SIC que fazem parte dessa categoria normalmente usam pingentes com a estrelas de David e o *chai*[20] judaico em ouro pendurados nos pescoços em dias de festa. São jovens, entre 30 e 45 anos. Preocupam-se com a confecção (ou compra) do pão na noite do *shabat*. Estão envolvidas na diretoria cultural, nas manifestações culturais, na organização de bazares de caridade, na confecção de *falafel* - um prato judaico (mas aí contam com as judias de tradição, pois atribuem a elas um conhecimento maior da culinária *kasher*). Normalmente sabem o hebraico o mínimo para a benção das velas, mas riem fartamente de piadinhas ou chistes ditos por visitantes judeus nesse idioma.

Desdobram-se em gentilezas para os visitantes judeus, como rabinos, cônsules, embaixadores de Israel ou qualquer outro que esteja de *talit katan* e tenha um sobrenome tradicional. Como exemplo, lembro-me de uma vez em que eu fazia uma entrevista gravada com uma delas antes do serviço religioso começar qundo, no meio de uma frase que ela ia concluir, chega um rapaz europeu dizendo-se judeu e querendo uma *kipá* para entrar no serviço religioso. Minha entrevistada então, que era uma *judia convertida,* sem se despedir ou pedir licença prontamente se levantou e foi sanar o problema do visitante – judeu.

As *judias convertidas* preocupam-se com o fato de suas crianças entrarem na sinagoga sem a *kipá* e assistem a todos os serviços religiosos. Choram em cerimônias que recordem as atrocidades sofridas por judeus no Holocausto ou algum outro *pogrom.* Possuem caráter eminentemente sionista e de certa feita entabulei uma discussão sobre o conflito árabe/israelense com uma delas e ao ouvir suas posições contundentes sobre a política de Israel – a qual ela julgava adequada e justa, em contrapartida à política de Arafat, então *premier* palestino, em suas palavras, um "monstro desumano", mostrei-me divergente às suas colocações e parti para uma relativização. Ela olhou-me e quase irritada sugeriu-me que procurasse uma mesquita para terminar meu trabalho e não uma sinagoga, já que pensava daquela forma.

As prosélitas em geral se mostram ríspidas com os *goim* e em vários casos presenciei cenas desagradáveis como em uma ocasião em que uma delas tomou um livro de orações (*marzor)* das mãos de um estrangeiro em processo de conversão durante um serviço de *Yom Kipur* alegando precisar dele para dá-lo a um "judeu de verdade", nas palavras dela, que acabara de chegar. Assim como, em uma tentativa de adquirir um produto judaico que me interessava como material de pesquisa e *souvenir*,

[20]Palavra judaica que significa vida. É composta pelas letras hebraicas *Chei e Youd.*

foi-me vetado a compra pelo fato de eu "não ser judeu". Dito exatamente dessa forma pela mulher do *chazan, judia convertida,* a mesma que tomou o livro no caso citado acima.

Essas atitudes são contrárias à proposta ortodoxa do judaísmo, onde a presença da mulher e do estrangeiro são incomparáveis, pois ao estrangeiro devem todo o afeto pois está sob seu teto. A mulher - guardadas as devidas proporções, é vista quase como um cidadão de segunda categoria onde o serviço do lar é o máximo que se esperam delas como mostro nas citações no início desse texto.

No livro *"Le Livre Juif du Porquoi II?"* – citado anteriormente quando falei dos rituais fúnebres no capítulo I, mostra em um trecho, porque o *Talmud* considera as mulheres no mesmo nível que os escravos e os menores (de idade), da seguinte forma:

*" As mulheres são consideradas do mesmo nível que os escravos e os menores, porquê, ao contrário dos homens, nenhuma dessas três classes está obrigada a cumprir os 613 princípios religiosos (mitsvot).(...) Uma outra razão possível liga as mulheres aos escravos e às crianças: como os últimos, as mulheres não são indivíduos totalmente independentes. As mulheres estão atadas a seus esposos pelo casamento, e em um certo sentido, elas são propriedade de seus maridos (*proprieté de leurs maris) *; os escravos deviam fidelidade total à seus mestres, e as crianças, estavam sob vigilância de seus pais".*

(KOLATCH, 1996:328)

No livro de preces judaicas, o *sidur,* uma das primeiras bênçãos matinais diz o seguinte:

"Bendito sejas, ó ETERNO, nosso Deus, Rei do Universo que não me fizeste nascer mulher".

Segundo a interpretação de Kolatch (1996), durante séculos, esta oração foi considerada pela maioria dos judeus como sendo uma expressão de agradecimentos por parte do homem pela boa sorte de ter nascido do sexo masculino e então ter o privilégio de seguir mais mandamentos que uma mulher.

Esse autor observa que a primeira referência a esta prece se encontra no *Talmud,* onde o Rabino Yehouda dizia:

"Um homem deve recitar três bênçãos a cada dia:

1. Bendito sejas Deus, ó ETERNO ....que não me fizeste idólatra.

2.Bendito sejas Deus, ó ETERNO...que não me fizeste mulher.
3.Bendito sejas Deus, ó ETERNO...que não me fizeste escravo.
(KOLATCH:1996:332)

Segundo esse mesmo autor, os movimentos reformistas e conservadores consideram essa oração injusta com as mulheres e a suprimiram da liturgia.

De qualquer forma, as atitudes das mulheres prosélitas referidas acima, são perfeitamente compreensíveis se pensarmos a realidade dessas pessoas como indivíduos formando uma tradição que nem mesmo eles sabem "como" é feita. E não percebem que são essas atitudes que fornecem o substrato para essa formação. É negando e distanciando o "outro", que me vejo como um de "nós".

Elas (as prosélitas) apontam sempre para a conversão formal na religião como fundante do "marco zero" e a condição *sine quoi non* para o estabelecimento da identidade judaica. É a forma de se tornar parte do "Povo Eleito".

III.1.3 - A Judia pretensa à conversão

Em hebraico há uma expressão que se chama: *Baal Teshuvá* - aquele que quer voltar, ou se converter. Essa personagem é a mais socialmente desqualificada na hierarquia social da SIC. No período que convivi com a comunidade, acompanhei o processo de conversão de dois casais. Um deles casados realmente (marido e mulher) e o outro de amigos. Para o casal casado pareceu-me menos doloroso, pois os judeus lhes eram mais complacentes. Quer pela idade dos dois - eram mais velhos (53 a 55 anos contra os 35 a 40 dos amigos), quer pelo fato de terem melhores condições sócio-econômicas, além de que um dos cônjuges era europeu.

O fato é que a mulher *teshuvá* que gostaria de ilustrar, faz parte da outra dupla de *pretensos a conversão.*

Sarai (36) tem uma família toda convertida ao judaísmo morando hoje em uma grande capital no sudeste do Brasil - sua cidade natal. Ela por sua vez começou a freqüentar a sinagoga cerca de um ano depois que iniciei minha pesquisa. E sempre deslumbrada com o que via e sentia. Muito religiosa, descasada, aceitava todas as situações que a ela se apresentavam com uma resignação impressionante.

A comunidade na época estava bem menor e mesmo assim sua presença como uma "possível" judia não era aceita, notadamente por uma *judia prosélita* – novamente a mulher do *chazan.* Suas filhas foram recusadas na escolinha por não serem judeus. Em todas as vezes que tentava algum tipo de aproximação era sumariamente destratada em atos, em alguns casos palavras, e o visível desdém das demais. E ela marcava presença em todas: reuniões que o *chazan* convidava a diretoria, ela ia, em grupos de estudo sobre a *Torá* ela ia, festas, bazares e *falafel,* ela sempre ia. Fez-se ser aceita como sócia. Nunca a vi esquecer de beijar a *mezuzá* na entrada e na saída da sinagoga e seus cumprimentos de *shabat shalom* quase sempre eram retribuídos com um seco "boa noite" pelos demais participantes do *kabalat shabat.* Nunca conseguiu resolver seu problema de conversão, devido aos custos financeiros que isso implica e também pela pouca ajuda que obtinha, nesse sentido, dos participantes e diretores da SIC.

No entanto, ela se sente absolutamente judia a ponto de não entender como os demais nunca a ajudaram financeiramente ou com algum tipo de auxílio em seus momentos mais duros, que por sinal não foram poucos. Sempre ria alto, era gentil com as pessoas, trazia textos de internet sobre judaísmo, na tentativa de conseguir simpatia à sua causa, acirrando mais o desprezo das prosélitas. Ela finalmente se mudou de Fortaleza sem conseguir a tão sonhada conversão.

O caso do rapaz é semelhante, pois sempre participara da vida judaica na cidade onde morou vários anos de sua vida - uma capital sul-americana. Cearense, baixo, bailarino, barba cerrada. 40 anos. Chegou a Fortaleza, tomou conhecimento da coletividade judaica através de uma feira das nações acontecida no Náutico Clube onde a SIC, na época, montou um *stand* de informes, comidas e tradições de Israel. Desde então passou a freqüentar as atividades da sinagoga.

Assim que chegou, organizou um grupo de dança folclórica judaica - *know how* adquirido na antiga comunidade que pertencia. Fez-se associar à SIC com muitas dificuldades e empecilhos, pois assim, os custos de mensalidade lhe sairiam mais leves que as entradas nas festas para não sócios[21].

Após essa apresentação de dança ele nunca mais foi convidado a participar de nada e suas falas nunca eram levadas a sério, talvez pela sua simplicidade - vai à sinagoga de sandálias de borracha tipo "havaianas" e camiseta de propaganda de ração

[21] No último ano da pesquisa, um convite para a ceia de *Pessah* custava R$ 53,00 para não-sócios, contra R$ 35,00 para sócios. A mensalidade era de R$ 35,00.

canina. Ele acha que não podem proibi-lo de nada, pois se sente como um verdadeiro judeu. Foi dele o livro que prosélita dita anteriormente tomou no *Yom Kipur*.

Ou seja, para ele e para a moça mencionada acima, o importante e o que fornece a identidade judaica são os atos religiosos *(mitsvot)* e não o batismo em uma religião formal ou a hereditariedade e o convívio em um lar judaico - apesar de muito almejarem um. Esse rapaz ainda aparece de forma muito esporádica na sinagoga, mas os participantes mantêm uma certa distância dele, pois acham-no inconveniente. Ele sempre fala na conversão, mas geralmente não tem uma proposta concreta para resolver esse anseio.

III.2 - De Histórias de Vida: Percebendo a Identidade entre as Gerações.

Esse texto foi escrito baseado em uma entrevista significativa realizada com *D. Mazaltov* e *Tsepóra*, mãe e filha, *judias de tradição.* Selecionei as duas como informantes, pois me pareceu que a diferença de idade é uma variante a ser considerada quando pensamos os valores e as várias interpretações nativas da identidade judaica.

Fiz um bom relacionamento com *D. Mazaltov* na SIC. Senhora muito simpática, gentil, 88 anos, olhos muito azuis, essa judia romena viveu até a idade de 20 anos em seu país de origem. Hoje mora com *Tsepóra* sua filha caçula na cidade de Fortaleza, com visitas periódicas aos outros filhos que moram em Israel e em São Paulo.

Tsepóra (56), é brasileira, desenhista técnica, carrega um sotaque arrastado como o da mãe até hoje e é casada com um engenheiro agrônomo.

Fiz a entrevista com as duas ao mesmo tempo, na casa de *Tsepóra*. As perguntas foram feitas com um roteiro muito aberto, no qual deixei as entrevistadas falarem o quanto quisessem sem serem interrompidas por mim em seus devaneios. Como a entrevista foi realizada em conjunto, optei por interpretar as falas à medida que eram respondidas numa tentativa de comparar a percepção de cada uma delas sobre o tema da pergunta. Procurei manter as expressões em *iídiche* e hebraico por elas utilizadas para dar um caráter o mais fiel possível à interpretação e para facilitar a leitura. As duas falam os dois idiomas e *D. Mazaltov* fala também, obviamente, o romeno.

Quando se trata do lugar de origem, *D. Mazaltov* remonta a Romênia como um lugar pequeno, frio e pobre, em comparação ao Brasil, que é grande e rico. Em sua aldeiazinha *(stelt)*[22] haviam apenas duas ruas de *iídish* e o restante era *goim.* Ela fala do

[22]stelt - significa pequena aldeia em iídiche. Era comum o uso dessa designação para as pequenas aldeias

nível de escolaridade, e diz que fez o *héder* - colégio de cunho absolutamente judaico, com o propósito de ensinar os rituais e as leis judaicas, como o T*anah,*[23] a Torá e matemática, apenas aos garotos e prepará-los para o *bar-mitsvá.* Ela ia para acompanhar o irmão:

"Meu irmon mais novo, a gente era cinco em casa e era a mais velho. Meu irmão queria ir ao héder[24]*, mas sem mim ele não ia. Então mandavam ele para lá, e eu fui com ele. Sentava com ele. Escutava tudo que eles rezavam. Aprendi tudo que ele ensinava".* *(Mazaltov – dados de entrevista)*

D. Mazaltov teve um contato com um tipo de judaísmo voltado para a religiosidade muito mais premente que a filha. Além de viver em uma comunidade judaica na Europa, ela tinha o avô *shoret*[25] e o pai era um mediador. Segundo sua filha, um mediador era:

"...É quando tem duas pessoas discutindo por questões de negócios, de família, do que for, ele era a pessoa que é... não tendia para nenhuma das partes, que ouvia ambas as partes e decidia o que fazer". (*Tsepóra*)

Ela diz que a comunidade era pequena, mas havia sinagoga, ela freqüentava sinagoga desde pequena. *D. Mazaltov* era a mais velha dos irmãos . O pai dela tinha 5 filhos, trabalhava e tudo "mas não deu". Para casar os filhos ele precisava de pagar um dote, e ele não tinha dinheiro para um dote:

"... Meu pai non tinha dinheiro, e minha mãe tinha uma irmã no Brasil, Maranhon. Então eles tiraram meu pai de lá. Então meu pai veio para o Maranhon. Depois foi meu irmon. Depois mamãe ficou com três filhos mais um irmão". (*Mazaltov*)

D. Mazaltov considera que os parentes do Brasil "tiraram ele de lá", como se lá fosse uma prisão, ela transmite uma idéia de pobreza e dificuldades muito grandes, como se fosse muito ruim. O que é corroborado por vários depoimentos de judeus que

---

habitadas basicamente por judeus que existiam no leste europeu.

[23]Significa todos os livros do antigo testamento, e não só o pentateuco que significa *Torá.*

[24]Colégio judaico voltado especialmente para os meninos para o ensino da língua hebraica e os preceitos religiosos, algo como um catecismo.

[25]Pessoa autorizada ritualmente para praticar a matança e divisão de cortes de uma animal para conferir-lhe um caráter *kasher* - puro ritualmente.

estavam no Leste Europeu na década de trinta do século XX. *D. Mazaltov* diz, a respeito da viagem de navio da Romênia até o Recife onde ela chegou em 1935:

"...Viemos de navio, mas que navio... era tão difícil, tão triste a comida, não foi a primeira classe. A gente foi na... como chama? Nem sei. Muito, muito triste, muito difícil". (D. Mazaltov).

D. Mazaltov tem uma posição tradicional com relação à ajuda mútua judaica: baseada no apoio da família que ela tinha aqui, é que veio para o Brasil, foram através das relações de parentesco que tiveram o apoio necessário para tirá-los de lá. E mudou-se do Maranhão para o Recife por não haver rapaz *Iídiche* para casar lá. Ou seja, ela foi atrás de um casamento que fora imposto pelos pais e pela própria cultura, logo, ela estava mais envolvida na tradição que *Tsepóra* que após casar com o marido foi fazer uma aventura.

"Quando chegamos ao Maranhon, papai já estava lá. Rapaz iídiche só tinha dois. Naquele tempo não se casava (mistos). *Aqui hoje tá tudo misturado, mas no meu tempo, Deus me livre! Enton, minha tia disse para minha mãe: O que vai fazer com essa menina? Ela vai fazer 20 anos. Naquele tempo se casava muito cedo. Então, mamãe tinha um irmon em Natal, enton me mandaram para Natal. De navio. Passei dois meses para aprender a língua português e de lá fui para Recife. Recife meu pai tinha um parente, fui para a casa dela, gente muito rica, que me receberam muito bem. (...) tinha só três rapazes para casar, três ou quatro.(...) Ele era mascate, e falou com minha parente, disse que tinha gostado de mim e veria me buscar a tarde (ele falava em iídiche).(...) foi 8 dias seguidos (...) depois de seis semanas estava casando". (D. Mazaltov)*

D. Mazaltov enfatiza muito a diferença entre os casamentos iídiche e os mistos. Ela diz ter feito todo esse deslocamento que ela fez até Natal para se casar, toda essa coerção dada pela cultura que pertencia, para ela é muito difícil aceitar a história desses casamentos mistos. Quando elas discutem sobre isso (mãe e filha) a filha diz que *D. Mazaltov* impedia que suas filhas tivessem amigas não-judias, para evitar assim que conhecessem rapazes *goim*. Isso é muito emblemático, pois *D. Mazaltov* com isso pretende salvaguardar o judaísmo na forma que apreendeu e que dá sentido à ela. Já

Tsepóra conviveu com um outro tipo de socialização com relação ao judaísmo. Então, ela tem uma outra interpretação.

Tsepóra nasceu em Natal- RN, assim como todos os seus irmãos. Mudou-se para o Rio de Janeiro quando cursava o segundo primário. Do segundo primário até o final do ginásio, foi feito no Colégio Liese - colégio judaico filiado a "A Hebraica" congregação religiosa a qual se filiaram ao chegar ao Rio. Sobre a escolha do colégio ser judaico ela diz:

"...Era natural. E era um bom colégio". Só passei a conviver com não-judeus quando passei para o científico, que não era em colégio iídiche.(Tsepóra)

Quando se mudaram para o Rio, os filhos logo se envolveram na tradição judaica carioca. Sua mãe falava em *iídiche* com o pai, o que garantiu o conhecimento desse idioma a todos os irmãos de *Tsepóra*. Quando pergunto a ela se as tradições judaicas eram seguidas dentro de casa, ela diz que:

BH/UFC

"Não, a gente não era religioso de ir sexta-feira à sinagoga não, só nas festas. Mas em casa, ela falava só iídiche com o papai, então todos nós sabemos o iídiche perfeitamente, entendemos fluentemente, falar é um pouco difícil, mas entendemos tudo muito bem, porque cresceu ouvindo.(...) Eu não fiz o Bat-mitsvá, na minha época não se fazia bat-mitsvá ainda (o costume é relativamente recente nas meninas)*; mas meu irmão fez, e tinha tudo: no Yom Kipur passava o dia na sinagoga, Rosh Hashaná, em Pessah tinha o séder de Pessah, quer dizer: as festas eram comemoradas". (Tsepóra)*

Pergunto então a *Tsepóra* se nessa tradição que foi forjada dentro de casa, se sua mãe tinha alguma objeção a casamentos mistos. Ela então dá o exemplo da irmã mais velha:

*"Minha irmã tinha amigas não-judias, mais velha que eu 7 anos, e ela (*apontando para a mãe*) não fazia gosto dessa amizade, pois ela tinha medo que minha irmã conhecesse rapazes não-judeus, se isso acontecia, era uma briga muito grande. Ela impedia essa amizade". (Tsepóra)*

As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade de outra, estabelecendo distinções, freqüentemente na forma de oposições, nas quais as identidades são construídas por meio de uma clara oposição entre "nós" e "eles". A marcação da diferença é, assim, o componente chave em qualquer sistema de classificação.

Ao me revelar que o filho mais velho (de *Tsepóra*) se casou com uma católica, apostólica romana e praticante, *Tsepóra* parece provocar a mãe que diz:

"Ahhh, o que eu sofri...., o que eu passei!"(D. Mazaltov)

D. Mazaltov sofre com o fato da nora de *Tsepóra* ser *goi* "o que eu passei"- para admitir essa situação para si; mas *Tsepóra* mostra que independente do fato da nora ser não-judia, não a impede de ser:

"uma moça maravilhosa" e ela (apontando D. Mazaltov) adorou a moça também quando a conheceu".(Tsepóra)

D. Mazaltov dá uma dissimulada, (dando a entender que já discutira muito por aquilo) :

" Sim, sim é uma moça maravilhosa, muito dada, sabe como é?...Sabe como se comportar. Gostei dela. Gostei mesmo! (D. Mazaltov)

Quando ela se refere ao "modo de se comportar", é claro que além de recato, decoro e presteza da esposa do neto, *D. Mazaltov* espera também que se comporte o mais próximo possível como uma judia.

"Ela é uma boa moça, mas"... Mas. Essa conjunção adversativa é que caracteriza "o outro" para *D. Mazaltov.* Ela marca a diferença. A nora é aquela que é aceita, MAS com algum tipo de condescendência, reserva, suspeita, receio e em alguns casos dissimulação e mesmo violência. Diferencia o outro e marca a identidade que *Mazaltov* possui de judia. Identidade dada a partir de um substrato baseado em uma época histórica específica (Leste Europeu- Romênia, 1930), de uma mulher que comeu

chalá, uma mulher que comia peixe no *Shabat*, quer dizer, tudo isso da tradição judaica é muito pleno de sentidos para ela. Toda essa tradição! Então para ela, essa história de "adorei a moça mas, ela é *goi*"! Quando pergunto a *Tsepóra* se a nora se converteu ao judaísmo, ela diz que não. Imediatamente, *D. Mazaltov* me diz que ele (o neto) também não se converteu à religião católica! A filha se contrapõe a mãe e diz:

"Ele não impede ela de praticar a religião dela". (Tsepóra)

D. Mazaltov aceita o argumento mais acrescenta:

"sim, mas ele não acredita"! (D. Mazaltov)

E *Tsepóra* arremata:

"Ele não vai, mas não impede ela de ir". (Tsepóra)

Tsepóra me disse em um ponto da entrevista que morou em Israel por dezoito anos. Quando pergunto como foi essa ida para Israel, ela me diz que:

"Não tinha muito de judaísmo aí não", foi mais uma aventura e tal". (Tsepóra)

Em um ponto adiante na entrevista ela se diz *sionista*. Que tipo de discurso *Tsepóra* utilizou para defender a opção por Israel já que "não tinha nada de judaísmo aí não"? Ela argumenta que viajou pois não tinha filhos ainda nessa época. Mas ela já falava um pouco de *ivrit*, ouvia *iídiche* desde menina, tinha uma ascendência judaica inquestionável, já tinha estudado em colégio *ivrit*. Esses mecanismos que fazem parte determinante na escolha de *Tsepóra*, me parecem passar desapercebidos por ela em seu discurso. É como se ela não tivesse noção disso - creio que não tenha. Quer dizer, a percepção de judaísmo de *Tsepóra* é muito mais voltada para a hereditariedade do "Ser judeu". Ela não percebe no entanto, a teia de significados e representações que ela guarda que foram determinantes nessa escolha da viagem para Israel.

Quando pergunto as vantagens de morar em Israel, *Tsepóra* diz que tinha amigos lá, que se *identificava* com Israel. Que aprendeu a falar o *ivrit*, mas não tinha nada a ver com a questão da religiosidade, ela diz entretanto, que já esteve algumas vezes em uma

sinagoga em Israel. Cita uma única vez que esteve. Não sabe nem se era ao certo *Yom Kipur* ou *Rosh Hashaná.* Quanto a questão da religião, *Tsepóra* diz uma frase lapidar:

"Aqui a gente é mais religioso do que era lá, por que lá exige menos de você. Aqui se exige mais de você. Religiosidade. Aqui exige mais entendeu? Aqui você se une mais, lá você não tem essa necessidade, porque você vive dentro de um país que é judeu"

(Tsepóra)

O que ela quer dizer com isso? Que o judeu na diáspora se une mais: "em Israel não há necessidade, pois já está em um país que é judeu". Então a questão se inverte. Antes, os judeus eram os "outros" e não pertenciam à categoria dos "nós" gentios. Isso gerava a "necessidade" de se unir de marcar a diferença. Viver na marginalidade pedia união para a sobrevivência. Isso faz-nos perceber que em Israel não precisam se esconder, procurar um gueto, não precisam procurar uma proteção, pois o próprio Estado garante isso. Então, tem um viés sionista sim, que o judeu trás de se prender a terra para se tornar uma grande nação e de novo cidadão.

Já que foi uma aventura, que ela não é religiosa, então por que ela foi para Israel? E não outro país qualquer? Em Israel, segundo ela mesma:

"Eu já tinha uma base, eu não precisei aprender a escrever letras, eu sabia conjugar alguns verbos, é o básico né. Que eu aprendi aqui no colégio." (Tsepóra)

O básico. O básico para a representação que ela faz do judaísmo. Depois o discurso dela fica como o discurso de um estrangeiro que muda de país e diz que se aprende a língua depois de certo tempo e no convívio. Mas no primeiro momento, a opção foi Israel, pois ela não precisava desenhar letras, ela já sabia a letra, ela tinha uma relação cognitiva com aquilo lá. Uma relação dada. Uma relação baseada numa estrutura de sentidos fornecidos pela mãe, pelos amigos e pela história.

Ao chegar em Israel, *Tsepóra* percebe a necessidade de pertença a algum grupo. Diz:

"Eu nem sabia que era askenazi! Em Israel há uma grande diferença"

(Tsepóra)

Não tem experiência com cultos religiosos, tem um caráter fortemente sionista, e diz "não saber que era *askenazi*". Vamos ver como ela negocia isso nas relações interpessoais.

Imbuída de uma certa carga de preconceito, *Tsepóra* justifica a mim, qual é a origem do preconceito existente em Israel que envolve os *askenazim* e os *sefaradim*. Ela diz que os *askenazim* - ditos intelectuais, ao xingarem e depreciarem os *sefaradim*, chamando-os de *obret*, que segundo ela:

"... são os escuros daqui, gente mais ignorante, de gente menos...é outra estrutura da solidariedade". (Tsepóra)

O conceito que se faz dos judeus *sefaradim* em Israel, através do olhar de *Tsepóra*, tem a mesma natureza depreciativa do preconceito às minorias aqui no Brasil. Seria uma "sub-cultura", um povo inculto, sujeito e passível de arbitrariedades. Alguns judeus da SIC, que já estiveram em Israel, acreditam que esse preconceito existe no país, pois após a segunda guerra mundial os primeiros judeus que lá chegaram, vieram do norte da África, e de países de origem *sefaradim*. Já os *askenazim*, seriam os judeus que chegaram da Alemanha, que eram intelectuais, professores, artistas, cientistas, músicos e administradores.

Há um aparente contra senso na idéia de *Tsepóra*, pois ela remonta que o preconceito existe, mas ao mesmo tempo ela diz:

"Que apesar de que hoje em dia não existe isso".(Tsepóra)

Ela diz que hoje um *sefaradi* dá aulas em faculdade e pode chegar a qualquer posto, no entanto ela mostra que existe um certo tipo de "perseguição" até no emprego e em cargos. Nesse ponto, ela mostra de que forma cambiava sua identidade de judia de forma universalista e passa a tratá-la como uma identidade particularista. Ela diz levar uma grande vantagem, pois eles não sabiam "situar" o que ela era. Segundo ela, quando se chega em Israel, a primeira coisa que é perguntada, é se você é *askenazi* ou *sefaradi*. Então a identidade judaica é desmembrada em duas categorias: *Askenazi* ou *Sefaradi*, e

dentro dessas, existem as categorias que determinam o nível de religiosidade do indivíduo, que pode ser: ortodoxo, conservador ou liberal. Essas categorias e subcategorias são montadas e instauradas a partir da chegada de indivíduos de várias e diferentes culturas, não só a judaica, mas também aquelas trazidas do seu país de origem. Quando ela diz que não sabem situá-la, é muito curioso, pois ela não chega nem do Leste Europeu (que caracterizaria a princípio o *askenazi*), e nem da Península Ibérica, (o que caracterizaria a princípio o *sefaradi*), mas sim do Brasil, da América do Sul. Ela ainda faz um contra ponto com a mãe, pois diz que:

"Quando sabiam que mamãe era da Romênia" então logicamente é askenazi". Mas quando eu dizia que nasci no Brasil, eles não sabiam situar o Brasil o que era!"

(Tsepóra)

Então ela lança mão da identidade nacional (brasileira, não mais judaica), e diz :

"...Então, com os sefaradi eu era sefaradi, e com os askenazi eu era askenazi" (risos).

(Tsepóra)

Ela desliza da identidade judaica para a brasileira e dessa para a de *askenazi* ou *sefaradi* de acordo com as necessidades e circunstâncias. Ela é judia em um país de judeus "aqui é menos exigente a religião"; quando demandam uma localização geográfica ela é brasileira e quando lhe convém assume as identidades de *askenazi* ou de *sefaradi*. Logo, ela assume pluri-identidades, dentro de uma identidade que aparentemente é uma só e estática, a identidade de judia.

"As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constróem para nós.(Hall, 1999).

Isto é, as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir - embora "sabendo" sempre, que elas são representações, que a representação é construída ao longo de uma falta, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do outro e que, assim, elas não podem nunca, ser ajustadas aos processos de sujeito que são nelas investidos.

Curioso, que *Tsepóra* desfila tranqüilamente em todas as situações que se apresentam, e quando eu pergunto sobre a doxa, entre os *sefaradim* e *askenazim* - é bom lembrar que até agora, ela se define como: judia, brasileira, não religiosa, ao mesmo tempo se mudou para *Erets Israel*[26] porquê "não precisava aprender a desenhar as letras", ela diz que :

"Foi em Yom Kipur ou Rosh Hashaná se não me engano!". Foi em Tsion. E eu queria assistir uma reza na sinagoga, eu me acostumei aqui à sinagoga. E eu andei com minha sobrinha por todo o bairro que ela morava e não encontrei uma sinagoga askenazi. Só tinha sinagoga sefaradi". (Tsepóra)

Mas ela não lembra se era *Yom Kipur* ou *Rosh Hashaná*, que reza ela queria rezar então? Ela queria assistir uma reza, não era fervorosa a ponto de lembrar que festividade se comemorava; ela queria assistir uma reza como turista, já que morou 18 anos e nunca ia!? O mais interessante é que ela estava em um bairro na casa da irmã, e ela diz: *"eu andei por todo o bairro e não encontrei uma sinagoga askenazi."* Ora, se ela é brasileira, se ela é judia em um país de judeus que não são tão exigentes com a religião como ela mesma diz, se ela consegue cambiar a identidade tanto como *askenazi* como *sefaradi* a qualquer momento, que diferença faz ela andar dentro de um bairro *sefaradi* e não encontrar uma sinagoga *askenazi*? Quando ela reclama disso, eu pergunto se tem alguma diferença de culto, de liturgia, difere em que? Ela diz *"olha, o acento, o sotaque é diferente, eu não entendo nada de culto"*. Ora, se não entende nada de culto, porque estava preocupada com o fato da sinagoga não ser *askenazi*? Ela diz:

"Eu não entendo nem de um nem de outro, mas você nota que é completamente diferente a reza !" (Tsepóra)

Olha o que ela chama em favor dela: a reza! Ela chama a reza como determinante como se ela fosse religiosa o suficiente para invocar isso em seu favor, ela chama: a canção, o sotaque, a prosódia como diferenciais, *"é uma outra coisa"* ela diz, e aqui ela dá a resposta:

"As pessoas que estão presentes são outras". (Tsepóra)

---

[26]Do hebraico: "Terra de Israel", "nosso lar Israel".

Ora, se ela diz que os *sefaradim* tem uma diferença com os *askenazim* que são vistos como intelectuais e os *sefaradim* como "inferiores", ao mesmo tempo Israel não consegue situá-la e ela desfila entre um e outro ambiente. Pergunto: por que faz diferença para ela "quem está presente"? Por que a reza faz diferença já que ela não é religiosa?

D. Mazaltov intervém de forma excepcional dizendo:

"Eu ia na sinagoga em Israel e tinha sinagoga"! (D. Mazaltov)

Tsepóra retruca dizendo que:

"...em Rishom tinha várias sinagogas em torno da nossa casa, e eram askenazim"

(Tsepóra).

Para *D. Mazaltov,* "ela ia na sinagoga e tinha sinagoga". Então a reflexão de *D. Mazaltov* é muito mais profunda, pois ela teve uma história de judaísmo ortodoxa - teve um avô *shoret,* um pai mediador em uma cidadezinha pequena, é contra casamentos mistos, comia *kasher* na infância, ao contrário da filha, que nem distingue uma forma de rito de outro. Para *D. Mazaltov* o importante é estar em uma sinagoga, fazer sua reza e praticar o que ela chama de judaísmo. Para *Tsepóra*, que se diz espiritualista, pouco religiosa, importa quem está na sinagoga, qual o rito religioso praticado na sinagoga, e ser um dia de festa (apesar de não se lembrar qual!), para só assim ir praticar o que ela chama de judaísmo. E é com esse tipo de referencial do judaísmo, que *Tsepóra* veio para o Ceará.

Quando indagada como é que veio parar aqui no Ceará, ela me diz que chegaram de Israel no Recife, o marido trabalhou um ano e meio em Petrolina-PE e depois mais um ano e meio em Mossoró-RN. Ficaram entre voltar para Israel e ficar no Brasil por conta própria, já que o dinheiro tinha acabado e o trabalho também. É interessante observar, que para *Tsepóra* e o marido, era muito importante ficar onde tivesse um trabalho e a possibilidade de ganhar dinheiro acenasse para eles de alguma forma. Ela disse também que o filho de 16 anos (nascido em Israel) já tinha recebido o primeiro aviso do exército (todo jovem israelense serve o exército por quatro anos, sem distinção

de sexo), no entanto ele iria entrar no pré-vestibular, e isso era determinante para as escolhas da família. Perguntei se a situação política em Israel contribuiu para a decisão, ela disse que não, que o marido dela sempre gostou muito do Brasil. Sua única dúvida foi que seu irmão e sua irmã estavam em Israel, mesmo assim, ela ficou com o marido que é brasileiro. Quando pergunto por que Fortaleza, ela argumenta que o marido especulou a possibilidade de morarem em Curitiba-PR e novamente a influência do colégio parece ter sido o fundamental, pois segundo ela, havia aqui em Fortaleza, o colégio GEO, que tinha número de aprovados no vestibular de São Paulo superior ao de Curitiba. Quando pergunto a ela se conhecia alguém aqui, quando veio para cá, nesse momento *D. Mazaltov* intervém e diz:

"tinha iídiche, mas a gente não conhecia ninguém". (Mazaltov)

E *Tsepóra* faz uma ressalva importante, ao associar as relações judaicas com o estereótipo de auto-ajuda atribuído aos judeus:

"Não conhecia ninguém, inclusive, meu marido teve dificuldade de arrumar trabalho", ele trabalhava no interior de Pernambuco e eu tinha que... eu ficava sozinha com os meninos." (Tsepóra)

Ou seja, apesar de ser uma mulher que não é uma judia religiosa, uma mulher que foi para Israel por "aventura", uma mulher que para ela os casamentos mistos tem o mesmo valor que os casamentos endogâmicos; mas, ao mesmo tempo, é uma mulher que procura uma sinagoga em Israel para rezar, apesar de não lembrar se era *Yom Kipur* ou *Rosh Hashaná*, para ela isso não era importante, mas o era, localizar uma sinagoga *askenazi*. Ela "desliza" sobre todas essas identidades e possibilidades de sociabilidade tendo o judaísmo como pivô central. Por isso, ela atribui à união dos judeus da diáspora - *"que exige mais religiosidade da gente e mais união"*, um corporativismo - que fora cultivado em colégio *iídiche* onde estudou, nas influências sionistas, em Israel. Portanto, ao reclamar que por não conseguir trabalho aqui o marido teve que procurar no interior de Pernambuco e ela teve que ficar só com as crianças. Ou seja, "teve dificuldade de arrumar trabalho"; quer dizer que se houvesse uma comunidade judaica já organizada e legitimada em Fortaleza por ocasião de sua chegada, e ela tomasse conhecimento disso, ou viesse indicada, tendo portanto, oportunidade de fazer agir seus mecanismos de

relações - por ela atribuídas ao judaísmo, certamente poderiam ajudar o marido a conseguir uma colocação mais facilmente. Quando indagada se chegou a procurá-los, ela me disse que não, pois não sabia onde procurá-los.

Com relação à tradicional informação dada pelos participantes da fundação da SIC - que diz que tudo começou na reunião convocada por *Efraim* para comemorar a festa de *Chanuká*, *Tsepóra* diz que se lembra da reunião, mas não se lembra do anúncio que foi publicado, não se lembra se leu ou o marido leu. Enfim, eles (ela e o marido) foram às primeiras reuniões. Segundo ela, na segunda reunião decidiu-se formar a sinagoga e logo já se abriu o primeiro endereço na Av. Santos Dumont. Então a resolução se deu na casa do *Samuel*.

"Foi na casa do Samuel que *nós passamos a conhecer mais gente e começamos a participar das reuniões".*

(Tsepóra)

Sobre a formação da SIC, *Tsepóra* chama a atenção para um incidente ocorrido com um certo Sr. *Yeshua* que estava participando nas primeiras reuniões:

"Quando começou a cogitar o nome da sinagoga, ele queria fazer da sinagoga sefaradim, ai eu dei um pulo, eu disse que isso não existe aqui, que não seja nem só sefaradim, nem só askenazim, porque eu, já com a experiência de Israel desse confronto eu achei que tão poucas pessoas é um absurdo fazer uma sinagoga sefaradi ou askenazi! Que fosse uma sinagoga sem... pender para nenhum dos dois lados. E é isso... se resolveu a alugar uma sala (...) e num instante abriu.". (Tsepóra)

Ora, essa observação de *Tsepóra* nos faz ver que as categorias *sefaradim* e *askenazim* são muito importantes para eles - que estão formando uma tradição, tanto é que chegou-se a levantar essa possibilidade. Então, o fato de ser *sefaradim* ou não, *askenazim* ou não, é um corte simbólico determinante na concepção que o indivíduo judeu tem de si. Concepção essa, que os que aqui se dizem judeus reconhecem. Mesmo que a grande maioria deles nunca tenha colocado os pés em Israel e não percebam a diferença que lá existe entre as duas formas, os judeus remontam (de acordo com suas concepções subjetivas sobre o judaísmo) seu passado: quem é marrano, quem veio para

cá por causa da II guerra, etc. Então eles reconhecem o Ser *sefaradi* e o Ser *askenazi* através desse corte.

Para *Tsepóra*, o motivo inicial da formação da SIC foi religioso, mas também com o escopo de se unirem e encontrarem os judeus aqui residentes. E quando pergunto a ela por que é importante os judeus se unirem ela diz:

" Eu vou lhe dizer uma coisa muito difícil de explicar. Eu por exemplo fui criada não dentro da religião judaica, mas dentro de um lar judeu!" (Tsepóra)

Então aqui ela não usa o caráter universalista do judaísmo - como fez em Israel, ela se apropria de um discurso particularista da religião. Então não é a religião que fornece os elementos para a formação de sentidos que levam à formação da identidade judaica, mas um "lar judeu". *Tsepóra* lança mão de um neologismo ao justificar-se dizendo:

"Não consigo me ***"afinidar"*** *com uma pessoa - uma mulher da minha idade que não tem uma coisa no passado como a Rivká*[27]*. Nós nos pegamos às vezes falando alguma palavra em Iídiche que lembra nossos pais". (Tsepóra)*

"Na medida em que não existe nenhuma "comunidade natural" em torno da qual se possam reunir as pessoas que constituem um determinado agrupamento nacional, ela precisa ser inventada, imaginada. É necessário criar laços imaginários que permitam "ligar" pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum "sentimento" de terem qualquer coisa em comum. A língua tem sido um dos elementos centrais desse processo". (Hall, 2.000)

Quer dizer: "o *iídiche* lembra nossos pais". O idioma que nossos pais falavam era língua de judeu. Isso acentua o caráter hereditário que *Tsepóra* posteriormente caracteriza como a definição maior para o "ser judeu". Ela diz que essa hereditariedade fornece coisas que:

---

[27]Rivká é membro da SIC também e amiga de Tsepóra.

*"Eu não tenho com a minha vizinha, que é uma mulher maravilhosa, mas com a Rivká essa afinidade que vem da nossa criação que não dá para ela (*a vizinha) *me entender".* (*Tsepóra*)

Ela disse que só teve amigos não- judeus quando entrou no segundo grau. Disse que teve uma grande amiga não-judia no colegial mas para ela "fazia falta". Curioso que esse "fazer falta" para *Tsepóra*, podia ser que pudesse ser encontrado buscando identificação em uma amiga do Rio de Janeiro, ou do Recife. Não era ai que ela ia buscar, ela encontraria essa "identificação" em uma pessoa judia. Uma pessoa que não tivesse uma Pátria assim como ela, que fora criada pensando em um Estado sionista assim como ela. Então ela não é potiguar, israelense ou carioca, ela não procura pernambucanas ou cearenses, ela procura judeus! E o corolário usado por ela para todas essas afirmativas é que:

"...essa centelha que vejo em Rivká, dificilmente vejo em alguém, não é uma questão de religião, é uma questão de criação judaica". (Tsepóra)

É esse *locus* , esse *mundo vivido* de J. Habbermas, que é fornecido pelo colégio judeu, formação de pai e mãe, pelas amigas judias é tudo isso que fornece a "centelha" que *Tsepóra* busca.

Para conseguir a união almejada, *Tsepóra* diz que começou a freqüentar a sinagoga (SIC) como um clube social, tanto é que hoje, quando eles vão (ela e o marido), ele só entra se obrigado quando falta *minían*. Ela também não entra, diz inclusive que acha "altamente aborrecido e chato", pois segundo ela:

"Não precisa ir na sinagoga para ter contato com Deus". (Tsepóra)

Essa afirmação é análoga à do "cristão não praticante". Que reza mas não vai à igreja. Ora, para o judaísmo ortodoxo um dos preceitos básicos da religião (apesar de ser uma religião que se diz sem (?) dogmas), é que não dá para praticar o judaísmo sozinho. É necessário *minían*. Isso foi elaborado com um propósito claro da religião de unir os fiéis. No entanto para *Tsepóra* para "rezar", ela não precisa da sinagoga. Ela "precisa" para essa "outra" identificação. Então a identificação não está na religião - ela não se identifica com quem está lá dentro rezando; ela se identifica com quem teve uma

*"Eu não tenho com a minha vizinha, que é uma mulher maravilhosa, mas com a Rivká essa afinidade que vem da nossa criação que não dá para ela (*a vizinha) *me entender".* (*Tsepóra*)

Ela disse que só teve amigos não- judeus quando entrou no segundo grau. Disse que teve uma grande amiga não-judia no colegial mas para ela "fazia falta". Curioso que esse "fazer falta" para *Tsepóra*, podia ser que pudesse ser encontrado buscando identificação em uma amiga do Rio de Janeiro, ou do Recife. Não era ai que ela ia buscar, ela encontraria essa "identificação" em uma pessoa judia. Uma pessoa que não tivesse uma Pátria assim como ela, que fora criada pensando em um Estado sionista assim como ela. Então ela não é potiguar, israelense ou carioca, ela não procura pernambucanas ou cearenses, ela procura judeus! E o corolário usado por ela para todas essas afirmativas é que:

"...essa centelha que vejo em Rivká, dificilmente vejo em alguém, não é uma questão de religião, é uma questão de criação judaica". (Tsepóra)

É esse *locus* , esse *mundo vivido* de J. Habbermas, que é fornecido pelo colégio judeu, formação de pai e mãe, pelas amigas judias é tudo isso que fornece a "centelha" que *Tsepóra* busca.

Para conseguir a união almejada, *Tsepóra* diz que começou a freqüentar a sinagoga (SIC) como um clube social, tanto é que hoje, quando eles vão (ela e o marido), ele só entra se obrigado quando falta *minían*. Ela também não entra, diz inclusive que acha "altamente aborrecido e chato", pois segundo ela:

"Não precisa ir na sinagoga para ter contato com Deus". (Tsepóra)

Essa afirmação é análoga à do "cristão não praticante". Que reza mas não vai à igreja. Ora, para o judaísmo ortodoxo um dos preceitos básicos da religião (apesar de ser uma religião que se diz sem (?) dogmas), é que não dá para praticar o judaísmo sozinho. É necessário *minían*. Isso foi elaborado com um propósito claro da religião de unir os fiéis. No entanto para *Tsepóra* para "rezar", ela não precisa da sinagoga. Ela "precisa" para essa "outra" identificação. Então a identificação não está na religião - ela não se identifica com quem está lá dentro rezando; ela se identifica com quem teve uma

criação judaica que recebeu os mesmo preceitos que ela interpreta como preceitos que a distinguem como judia em oposição aos não-judeus.

Insistindo nessa questão da criação judaica, pergunto a ela o que acha da importância da alimentação *kasher* ela diz que :

" Acho que Deus não tá nem aí para o que eu como". (Tsepóra)

Já *D. Mazaltov* diz uma frase que já foi observada em outra pesquisa com um grupo de judeus realizada pela antropóloga Vívian Flanzer,. Essa autora atribui entre os imigrantes judeus, a alimentação *kasher* ou sua não observância, uma ruptura entre o passado e o presente. Sobre isso, *D. Mazaltov* diz:

" Quando eu estava com minha mãe e meu pai na Romênia, e era kasher, então eu era kasher. Mas agora, desde que estou no Brasil, aqui nesse mundo , não tem kasher".

(D. Mazaltov)

Com isso ela quer dizer que não tem *kasher*, mas ela continua judia, ela atualiza a religião dela a partir das vicissitudes e das necessidades que se apresentam. E é nessa atualização da religião, que ela traz de volta a tradição. Mas ao mesmo tempo ela diz que:

" não como kasher mas não como essas coisas... porco eu não como!"

(D. Mazaltov)

Curioso que *Tsepóra sua* filha diz:

Mamãe come camarão, que é tão tref (impuro) como a carne de porco. Não come o porco, mas o feijão da feijoada que foi cozido o porco ela come!". (Tsepóra)

D. Mazaltov me olha com a cara de menina pega em mentira e diz:

"É, camarão eu como!" (Mazaltov)

Como se na sua idade isso não fizesse mais diferença. Então, ela era *kasher* pelo contexto, era *kasher* pelo que dava identificação na época do *stelt* perdido no frio da Romênia. Hoje, apesar de serem judeus, guardarem o *iídiche* ainda na memória, apesar da preocupação que tinha com os casamentos mistos, ter essa preocupação de cultivar os valores judaicos, ela não se reconhece como judia na hora de comer *kasher* ou não. Ela se considera judia comendo camarão, mas não porco, sendo que os dois tem a mesma interdição levítica.

"Os sistemas de alimentação estão, assim, sujeitos às classificações do processo de ordenação simbólica bem como as distinções de gênero, classe e idade".

(Hall, 2.000)

Tsepóra valoriza a importância do caráter religioso dentro da SIC, mas sem sombra de dúvida o mais importante é o social. Disse que conheceu outras pessoas na SIC que não tem a mesma identificação que ela e *Rivká*, mas nem por isso deixam de ser simpáticas. Proponho a ela uma contradição: se ela é uma mulher que ouviu *iídiche* a vida toda, estudou em colégio hebraico, mudou-se para Israel já sabendo desenhar as letras, sabe distinguir entre um *sefaradi* e um *askenazi*, desfila e lança mão das identidades de : judia, brasileira, israelense, *askenazi* e até *sefaradi* quando lhe convém, e ao mesmo tempo para se identificar com ela é necessário ter essa criação judaica, e não religião - já que ela não se importa com religião (apesar de perder horas atrás de uma sinagoga *askenazi* em Israel). Pergunto então como é a relação dela com os convertidos, já que entre eles, não irá reconhecer esse passado *iídiche* que traz a identificação. Ela diz:

BH/UFC

"Eu não vou encontrar, mas não é o fato de ser convertido que eu vou encontrar isso que eu encontro em Rivk, mas não é por isso que eu gosto menos deles entendeu? Eles foram convertidos há um tempo atrás e eu gostava deles antes e não passei a gostar mais depois da conversão. Para mim, ***conversão não diz nada****, não é importante!" (Rivká)*

Quando faço a mesma pergunta para *D. Mazaltov* a resposta é:

" Eu gosto dessa gente. Olha só naquela sinagoga: eu nem sei quem é judeu e quem não é sabe? não sei. Está sentada junto de mim essas senhoras que rezam comigo. Sabem rezar. Mas se são nascidos ou são convertidos, não sei. Se são iídiche, não sei". (Mazaltov)

O corte de *D. Mazaltov* é muito mais no "saber rezar" que na própria hereditariedade. Ela reclama que na sinagoga não se conhecem as pessoas. Mas não faz diferença se são *ivrit* ou não. *Tsepóra* acrescenta que :

"Não que eu tenha preconceito, não é isso! Fazer novas amizades é que é difícil, chegar a um grau de intimidade que elas me entendam, é... muito tênue isso, não sei explicar!" (Tsepóra)

D. Mazaltov completa: *"a gente só conversa lá, assim, às vezes."* Para ela, fica faltando uma laço de intimidade maior, um laço que vem do *stetl*, um laço de quem viajou junto em um navio. Para *Tsepóra* não. Para ela é nessa criação comum que você adquire a identidade. Apesar da distância entre os membros da SIC - reclamada pelas duas, a filha diz que não freqüenta a casa de ninguém e não recebe-os em casa. *D. Mazaltov* diz que *"só vai quando convidam a gente"*. Ou seja, apesar das críticas, *D. Mazaltov* está mais aberta a possibilidades de encontro.

Quando lanço a pergunta final às duas: O que é ser judeu? *Tsepóra* - coroando tudo que disse anteriormente responde :

"É simplesmente um fato hereditário". (Tsepóra)

Já *D. Mazaltov diz:*
"Eu gosto. Eu não sei ser outra coisa. Eu gosto de judeu. Eu gosto". (D. Mazaltov).

III.3 - De Salgados, Crianças e Velas

Em um k*abalat shabat* realizado ainda na velha sinagoga na rua Carlos Vasconcelos, aconteceu um dos fatos que ilustra bem a questão da atualização da identidade através de incidentes, que é a proposta desse capítulo.

Normalmente o serviço vespertino do *shabat* realizado na SIC na Sexta-feira, tem início entre as 18:30h e 19:30h no máximo. Hora em que aparecem as primeiras estrelas no céu. Ora, a sinagoga estava localizada em um bairro distante da cidade dificultando o acesso. Considerando também o horário de *rush* caótico na cidade de Fortaleza, às vezes, o *chazan* se atrasava. Outras vezes não havia ainda *minían*. Nesse dia em especial, o *chazan* não havia chegado até às 19:00hs.

Existe um preceito no judaísmo que diz que as velas do *shabat* (que são duas e significam " lembrar" e " perpetuar" a tradição – conforme dito no capítulo II), deverão ser acesas antes do aparecimento das estrelas, acendendo-as depois, estariam fazendo" fogo novo" já durante o *shabat*. D. *Mahala* – uma senhora *judia de tradição* natural de Manaus/AM, sempre obedecendo os horários dos serviços religiosos, chegava antes de todos e prevendo os usuais atrasos, acendia as velas e deixava-as esperando até que a audiência se reunisse para o início do culto e a respectiva benção das velas.

Nessa mesma época, participava da comunidade , o *Sr. Ytzac*, um judeu israelense, de seus 66 anos, teoricamente conhecedor da lei judaica. Esse senhor, ao chegar a sinagoga naquela noite, senta-se e fica a espera da chegada dos demais para o início do serviço. Enquanto espera, ele observa (e eu o observo) que as velas já estavam acesas e se consumindo devido a demora do *chazam* . Numa atitude então inusitada, pois esse feito era-me inédito, o Sr. *Ytzak* levanta-se, vai até a mesa onde estavam as velas e assopra-as. Esse fato, segundo ele nos disse, era com a intenção de poupar as velas para o serviço que não tardaria a começar. O que aconteceu causou bastante constrangimento entre as pessoas presentes, revelado pela discussão que se travou em seguida. *D. Mahala*, a senhora que tinha aceso as velas ficou indignadíssima e muito irritada. O *Sr. Gurion*, seu marido, segundo suas próprias palavras, achou uma "tremenda falta de respeito" para com sua esposa. Ainda mais, segundo ele, "que quem acende ou apaga velas na tradição judaica são as mulheres, preferencialmente as mães"! A discussão ainda continuou um pouco. O *Sr. Ytzac* disse que não havia problema algum, pois em outras sinagogas que ele já fora era assim, que em Israel isso não seria problema. Os demais presentes ficaram na dúvida sobre o que fazer pois acreditavam que realmente tinha sido um grande desrespeito aquele fato. De qualquer forma, esperaram o *chazan* chegar para tirar essa dúvida a limpo.

O *chazan* chegou e conduziu o serviço da forma habitual. Em determinado ponto do serviço, quando ele faz uma pequena prédica, a questão foi novamente levantada dividindo a audiência. O *chazan* tentou parlamentar e acalmar os ânimos, *D. Mahala* estava à beira do choro e seu marido muito transtornado. Os diretores da sinagoga acharam por bem consultar compêndios e *sidurim* disponíveis, para ver se era pertinente a queixa ou não. A situação naquele momento ficou como estava e apenas nos bastidores se ouvia ainda algum comentário.

Na semana seguinte, assim que o *chazan* chega, a questão foi novamente posta à prova e materiais e artigos de INTERNET surgiram onde se lia comentários de rabinos e calendários impressos que contêm o horário previsto para o acendimento das velas em várias cidades do Brasil e do mundo. Esses calendários são distribuídas pela Congregação Israelita do Brasil e por outras entidades, como o *Beit Chabad* e outras entidades laicas pertencentes a judeus, como atacadistas, lojas, bancos, etc.

O que quero salientar nesse trecho, é que para resolver um problema aparentemente pequeno, todos se mobilizaram de forma contundente. Eles tiveram que procurar em um calendário para conferir o horário preciso de acender as velas para não haver erro ou uma interpretação que arranhasse o que eles imaginam ser uma "forma judaica de pensar o mundo e a religião".

Uma atitude por mim bastante observada na sinagoga *Beit Yaakov*, sempre foi a presença das crianças nos serviços religiosos e como essas crianças eram traquinas – ou, "hiperativas". Correm o tempo todo, gritam, brigam, pulam, choram, riem alto. Tudo isso durante todo o serviço religioso do *kabalat shabat* ou em qualquer outro! Indaguei das pessoas mais íntimas, se aquela era uma atitude comum nas crianças judias quando em locais religiosos. Entre várias respostas, obtive do próprio *chazam* da SIC, que : "em todas as sinagogas era daquela forma e crianças barulhentas são sinônimo de crianças saudáveis".

Quando percebi esse fato ainda estava no meio da pesquisa e inferi, a partir da fala do *chazan*, que os judeus tinham as crianças em alta conta e eram tão permissivos a eles pelo fato de terem perdido tantas crianças durante todas as perseguições, holocausto e *pogroms*. Uma mulher da comunidade, *judia convertida*, ajudou-me a pensar dessa maneira, ao me dizer que os judeus já tinham ouvido tanto choro e tanta dor que preferiam que os serviços religiosos fossem perturbados por algazarras pueris a repreendê-los; além de (com essa atitude) tornar a sinagoga um lugar de recreação e

assim estimular nas crianças o gosto pelas idas à sinagoga. O que constatei, é que essa opinião não é comungada por todos.

Conversando com *D. Regma,* uma senhora dos seus 62 anos, mãe do *chazan,* durante a noite de R*osh Hashaná* percebi que sua postura para com as crianças não era condizente com a realidade por mim imaginada. Sentindo a ausência de *Dan,* seu neto de 3 anos de idade, perguntei a *D. Regma* por que ele não estava presente na festa. *D. Regma* com um jeito exagerado e dramático, com muitos gestos e expressões faciais, foi peremptória: "Festa de adulto não é lugar de menino!" A partir dessa fala, começou a discorrer sobre a falta de educação das crianças de hoje, em como as mães são relapsas e que "no seu tempo" as coisas não eram assim! Disse que em congregações bem maiores como a Sociedade Israelita de São Paulo, as coisas não são bem assim, que não se vê crianças correndo por todo lado! Não! Aquilo era uma falta de decoro! Era só aqui que se via aquilo!

Após essa conversa fiquei com a intenção de reatá-la novamente com *D. Regma,* para perceber melhor a sutileza da informação dada por ela, e tentar analisar a forma como os judeus se relacionam com as crianças a partir dessa idéia da liberdade dentro da sinagoga.

Na semana seguinte, durante o *kabalat shabat*, as crianças estavam particularmente impossíveis! Brigas, gritos, choros, arrastar de cadeiras e correrias! Vendo que a situação não amainava, olhei de soslaio para *D. Regma* e essa fazia caretas de raiva, entoava salmos e fazia gestos de beliscão para as crianças! Como se não bastasse, uma mãe, *judia de tradição*, mais jovem levantou-se para dar um aviso. O aviso era um comunicado a todos que após o serviço haveria uma festinha para *Yossef*, um dos garotos presentes, que faria aniversário. Quis o destino que a mãe que dava o aviso estivesse do lado de *D. Regma* e quando aquela começou a dar o aviso, o aniversariante chega do meio da bagunça das crianças e começa a pular em cima da mãe, puxando sua saia e fazendo um grande estardalhaço na tentativa de atrair sua atenção. A mãe por sua vez não parou de falar e nem atendeu aos apelos do filho, o que tornou a situação um caos! A mãe falando, a criança gritando e *D. Regma* se abanando com o livreto de orações!

Terminado o serviço, procurei *D. Regma* que estava sentada em um banco do jardim, vermelha como um pimentão, esperando apenas uma pergunta para descarregar toda sua ira:

- *D. Regma*, a sra. estava com uma cara tão ruim lá dentro. O que foi? Perguntei na intenção de atiçá-la a despicar seu ódio.
- *" Francamente! Eu fico me perguntando: o que essas mães estão fazendo que não olham essas crianças? Esse menino é muito mal educado! Terminantemente, não venho mais aqui se for desse jeito! Estou muito cansada para isso!"* (e aqui ela diz a pérola): *" Venho aqui para me encontrar com Deus, para me encontrar, não para ver um festival de crianças sem educação!"*

(Regma)

A atitude de *D. Regma* criou uma consternação profunda entre as mães das crianças envolvidas. Algumas ainda tentaram argumentar que "seus filhos não estavam na bagunça", outras que "criança é assim mesmo" mas não teve jeito! *D. Regma* admoestou-as o quanto quis, dado seu *status* de velha mãe judia! Nem mesmo os apelos do próprio filho (o *chazan)* fizeram-na ir comer um pedaço de bolo do aniversário do garoto.

-" Isso nunca!" Disse a rancorosa *Iídiche Mama*.

D. Regma aponta em suas falas e gestos uma outra possibilidade de se pensar a identidade. A mãe judia é vista pela tradição judaica como uma mãe super-protetora e amável sempre preocupada com os filhos e sempre disposta a defendê-los se isso se fizer necessário. A mãe judia trabalha com a lógica judaica ao fazer uma dicotomia entre o bem/mal, o justo/misericordioso, a que protege/a que cobra.

Ao ouvir a fala de outras mães judias da SIC e a fala do *chazan*, que faz as vezes de chefe espiritual da comunidade, poderia se pensar que a tradição judaica é voltada para uma conduta permissiva com as crianças e que o ato de deixá-las completamente livres é uma prática hegemônica. O que percebi na fala e nas atitudes de *D. Regma*, é que existem outras formas de pensar a educação das crianças judias através de uma forma que contemple não só a total liberdade, mas também com a imposição de alguns limites. *D. Regma* ao não concordar com a postura das demais mães da SIC, não se torna menos judia por isso, ela mostra apenas que pode-se ser judia sem ter que agir de forma permissiva.

A festa de *Chanucá* do ano de 2.001 foi realizada no dia 15 de dezembro, ou no primeiro dia do mês de *Kislev* do ano de 5762.

Nessa ocasião, os judeus que participam da Sociedade Israelita do Ceará, comemoraram a inauguração de sua nova sede. Casa grande, com um jardim na frente, um salão de orações bem maior que o da casa antiga no bairro Dionísio Torrres. Com essa mudança, os associados da SIC conseguiram um lugar mais acolhedor para a realização de seus rituais. A localização geográfica da sede, situada agora no bairro do Papicú, facilitou o acesso das pessoas e com isso o número de participantes hoje em dia é bem maior que nos anos anteriores[28].

Várias famílias judaicas passaram a freqüentar a sinagoga, o que muito agradou a diretoria. Assim, resolveram fazer uma grande festa de *Chanuká* com as presenças de *Samuel* – sócio benemérito que doou a casa à comunidade, *Efraim* – o primeiro judeu que convocou a união da comunidade através do anúncio de jornal e o próprio Embaixador de Israel no Brasil.

No dia da festa, realizada ainda à tarde, o jardim da sinagoga estava repleto de pessoas! Havia, inclusive, seguranças de terno preto do lado de fora para garantir a integridade física do Embaixador.

Os homenageados estavam de terno e a maioria estava bem vestida para a solenidade. As mulheres ostentando suas jóias e os garotos brincavam com os presentes que tradicionalmente ganham por ocasião dessa festa[29].

No primeiro momento realizou-se o serviço religioso de *Chanucá* com o acendimento das velas. As velas são acesas em um candelabro chamado *Chanukiá*. Esse candelabro possui 8 braços para ser aceso uma vela a cada dia em casa. No último dia acendem todas as velas na sinagoga.

A festa comemora o triunfo dos judeus, sob a liderança dos Macabeus, contra os dominadores gregos (164 E.C.). A santidade da festa deriva desse aspecto espiritual da vitória e do milagre "do vaso de óleo", quando uma pequena quantidade de óleo de oliva consagrado, que bastava para manter o candelabro do Templo aceso apenas por um dia, durou oito dias, o tempo necessário para que o Templo fosse reedificado.

---

[28] vide capítulo I.

[29] Alguns exegetas judeus norte-americanos atribuem a troca de presentes nessa época, a uma analogia com o Natal cristão, que normalmente coincide com a dada dessa festa. Isso para que as crianças judias não se sentissem constrangidas com os presentes ganhados pelas crianças gentias. Como podemos observar, "inventar tradições" não é peculiaridade dos judeus daqui.

Depois da cerimônia passamos para outra parte do jardim da sinagoga para o descerramento de uma placa comemorativa da inauguração da sede, fixação da *mezuzá* e os discursos protocolares enaltecendo a iniciativa da diretoria, dos sócios fundadores, etc, etc.

Após o descerramento das placas o Embaixador deu uma palestra sobre a atual situação de Israel no momento e abriu-se para perguntas. Após essa solenidade, sessão de fotos, brindes com *champanhe* e distribuição de salgadinhos.

A diretoria da SIC, tem em seu quadro, uma Diretora Cultural, que tem entre outras atribuições a de organizar as festas, alugar materiais, contratar *buffets*, garçons, enfim: cuidar do protocolo de qualquer recepção realizada pela SIC.

Nesse dia aconteceu algo impensável dada à especificidade do evento e a presença do Embaixador além de alguns judeus mais ortodoxos que observam as leis da *Kashut.*

Pois bem, enquanto os garçons distribuíam os salgadinhos - alguns deles realmente *kasher*, feitos pelas senhoras judias, como: bolinhos de peixe frito ao limão, *latkes* de batata, *sufganiot.* Além dos indefectíveis canudinhos, empadinhas e coxinhas. Já no meio da recepção, quando todos já estavam mais descontraídos pelo champanhe, acontece um fato ao meu lado bastante significativo para se pensar o sentido e as formas de se representar a identidade:

Estava em uma roda com mais três pessoas conversando trivialidades, quando uma das senhoras, felizmente ao meu lado, ao morder em um inócuo folheado, solta uma exclamação de repulsa:

- *" Mas isso aqui é presunto!"* - disse a *Rivká* (55) já nesse momento "impura"!

O corre-corre foi geral: procuram a Diretora Cultural, especulam quem encomendou os salgadinhos, cochicham sobre a eficiência da diretora, repudiam o *buffet*, massacram o *maitrê* e finalmente fazem recolher todos os salgados folheados da festa na tentativa de manter o "impuro" fora do recinto sagrado da cultura judaica.

Aquilo envergonhou alguns, irritou outros. O Embaixador acabou não tomando conhecimento do acontecido, ou sua diplomacia fora maior que sua fé, pois não se manifestou à respeito.

Nessas passagens mostradas ao longo desse capítulo, tentei mostrar as dificuldades que sofre uma coletividade que está em processo de formação e tentando inventar uma tradição. Por tradição inventada, remonto novamente o autor H. Hobsbawm:

" um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado".(pg.09)

Quando surgem dúvidas como a hora do *shabat*, quando não sabem bem se acender as luzes após o escurecer é fazer fogo novo ou não, quando não sabem muito bem que conduta impor às crianças dentro de um espaço religioso ou quando "esquecem" um princípio religioso como o consumo da carne de porco; estão, através desses aparentes "descuidos", preservando, movimentando e legitimando aos poucos a cultura judaica aqui na cidade de Fortaleza. A ausência de um profissional religioso como um rabino, talvez seja mais um fator complicador para a tentativa de sanar questões litúrgicas e espirituais dos fiéis, pois um parecer vindo de um líder legitimado em ritual (como um profissional oriundo de um seminário rabínico) ajudaria a "amarrar", a elucidar essas dúvidas que a comunidade tem de uma forma clara, precisa e principalmente: aceita por todos. A SIC trabalha e age, com relação aos assuntos e dúvidas relacionados à religião e exegese, através do conhecimento, da tradição, dos costumes que os judeus trouxeram de suas famílias alhures – ou através da representação simbólica subjetiva que fazem do judaísmo enquanto sistema religioso.

Concluindo: através da repetição, das vicissitudes cotidianas, das idiossincrasias de cada um e do conhecimento que têm sobre a religião judaica eles colam, montam, armam, estruturam, constróem, formam, dispõem toda uma tradição mosaica revista em um local que nem sequer " existiam" enquanto grupo religioso significativo.

CONCLUSÃO

Essa dissertação foi escrita na tentativa de dar um enfoque à identidade judaica numa capital da região Nordeste do Brasil. Em cinco anos de pesquisa, participei de forma sistemática dos encontros desses indivíduos numa sinagoga na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará. Minha intenção era perceber o que levava aqueles indivíduos nascidos na cidade e em outras capitais do Brasil a se reconhecerem, se agruparem e passarem a professar a fé na religião judaica num contexto regional no qual todas as possibilidades de acesso a outras manifestações religiosas levavam à religiões de orientação cristã.

Para pensar a possibilidade de uma comunidade judaica no Ceará, a literatura científica utilizada fora fundamental. Pude perceber e analisar de perto a construção e a "invenção" de uma tradição. Como a comunidade não existia de forma institucionalizada, acompanhei de perto os processos passados por esses indivíduos para legitimar um espaço dentro da gama de expressões de religiosidades no estado do Ceará.

A dificuldade de encontrar subsídios bibliográficos para a pesquisa foram sanadas pelo tempo de campo e pela importância que dei aos discursos dos informantes. Entretanto, a identidade dos judeus se revelou para mim de forma plural e não estática.

Pensar a identidade como uma coisa que é dada de forma hereditária, é uma possibilidade que os integrantes dessa coletividade insistem em apontar. Outros, que são chamados de convertidos, vêem a identidade judaica como sendo associada diretamente às práticas religiosas. Minha pesquisa me mostrou que a identidade judaica é composta por esses dois aspectos e muitos outros.

Em fortaleza, os judeus da SIC, diferenciam-se da população local através da categoria *"nós"*. Apesar dessa categoria se opor aos *não-judeus*, as personagens identificam-se também como *judeus de tradição*, *convertidos* ou *sefaradim* ou *askenazim* em algumas circunstâncias determinadas.

Esta ambigüidade é condizente com a forma de organização social estipulada pela SIC. Quando ouço um depoimento de um participante membro fundador da SIC, percebo que essas categorias de identificação surgem a partir do que aquele indivíduo traz em sua experiência - em seu *Mundo Vivido* , sua representação à cerca do ser judeu.

Ao contrário de outros judeus que por ventura tenham habitado - ou ainda habitem na cidade de Fortaleza, os judeus associados à SIC se organizaram formalmente na cidade. Essa institucionalização só foi possível, graças a um estatuto e a toda uma elaboração dos sentidos que foram lançados para ativar determinadas práticas que se associam à identidade judaica. Suas relações básicas na cidade, com amigos e colegas, não se restringem às pessoas de origem judaica. Entretanto, com essas pessoas compartem atividades sociais e um estilo de vida, a partir dos quais organizaram-se formalmente constituindo um grupo.

Essa forma de organização social permite que a SIC seja chamada de "*nossa sinagoga*", ou ainda que considerem de suma importância a escolinha religiosa existente na Sociedade.

Embora os judeus da SIC não mencionem muito amigos *"não-judeus"*, alguns trazem recordações de amigos *goim* que os ajudaram quando chegaram ao Ceará. Foi através dessas relações interétnicas (?) que o grupo preencheu um nicho na estrutura de oportunidades ocupacionais e encontrou condições de inserção, reprodução e manutenção na sociedade local.

Ao se referir à Fortaleza, as personagens se auto-identificam como judeus. A fronteira étnica (Barth, 1976) que dá característica aos judeus da SIC é a inseparabilidade do grupo religioso do social.

Ao mesmo tempo que a categoria de identificação aponta uma apropriação particularista da religião judaica, eles organizaram-se formalmente de modo universalista: os judeus tem uma sinagoga para rezar conforme os rituais judaicos, uma comunidade organizada de forma oficial com tarefas e funções divididas; mantém uma escolinha para os rituais judaicos e uma associação de mulheres voluntárias voltadas para a filantropia, além da comunidade ser representada junto a outras minorias da cidade por um presidente.

Apesar de ressaltarem que suas relações com os outros habitantes da cidade seja estável e amigável, não vêm com bons olhos a presença de estranhos na sinagoga. E quando lhes pergunto se são cearenses, ao invés de chamarem apenas a identidade judaica a seu favor, assumem uma outra identidade quer seja: paulista, carioca, brasiliense ou outra qualquer, mesmo que morem aqui há vários anos. Nesse momento não me dizem: sou *askenazi* ou sou *convertido*. Nesse momento, nessa circunstância, a identidade de brasileiro é que está em jogo, não a de judeu.

Na cidade de Fortaleza, através da SIC, os israelitas iniciaram um convívio com judeus de origens distintas, contribuindo para a universalização da religião judaica. A emigração permitiu aos personagens passarem por uma fronteira. Quando chegavam em Fortaleza identificavam-se como judeus. Quando encontram a comunidade, identificam-se como *askenazi* ou *sefaradi*. Quando já pertencem ao grupo, identificam-se como paulistas ou brasilienses, argentinos, etc.

O período que as personagens recém-chegadas esforçam-se para adaptar-se à nova cidade não coincide necessariamente com o desaparecimento da comunidade de origem. A invisibilidade que caracteriza o grupo em Fortaleza também aparece, de certo modo, quando seus membros revisitam o passado. Eles dão um caráter perene ao passado e ao legado deixado pelos antepassados em outros locais. Isso me sugere que a possibilidade de se mudar de Fortaleza é uma constante entre eles. Nada lhes fornece um caráter de permanência na cidade. Mesmo quando os negócios vão bem, existe a possibilidade da partida. Falam com muito mais ênfase numa possibilidade de ir para Israel, ou voltar para São Paulo, ou mudar-se para o Recife do que discutir a possibilidade de um cemitério judaico aqui. Os judeus estrangeiros gostam muito do Brasil e de estar aqui, mas o Ceará não é um sinônimo de Brasil para eles, pode ser aqui, mas pode também ser Porto Alegre, Vitória ou qualquer outro local.

A segunda geração de judeus da SIC, os filhos dos participantes, reproduz o grupo ao mesmo tempo que o integra na sociedade cearense e reforça um judaísmo universalista: as crianças estudam em escolas com outra orientação religiosa e convivem com outras crianças. Enquanto que os jovens namoram, casam-se e relacionam-se com os cearenses de modo geral. As crianças freqüentam a sinagoga levadas pelas mãos dos pais; os adolescentes e jovens entretanto são mais raros nos eventos religiosos.

No âmbito religioso, os judeus emigrados para Fortaleza, em sua maioria, me disseram que seus laços com a prática religiosa se fortaleceram em Fortaleza. Alguns apontam que a identidade judaica se dava de forma quase automática, morando em comunidades maiores, participando da vida cotidiana e laica. A necessidade da religião, para esses indivíduos se deu em Fortaleza, onde o religioso é inseparável do social.

Um amigo, argentino, *judeu de tradição*, me disse que hoje em dia suas relações se baseiam em sua família - mulher e filhos, que se mudaram com ele para Fortaleza, e nos amigos que conheceu através da SIC. Outras relações sociais ainda lhe são poucas. Uma outra informante me disse que adquiriu o hábito de ir à sinagogas depois de se mudar para Fortaleza, e que isso lhe agrada muito. Isso mostra que a SIC hoje funciona

como uma espécie de "porto seguro" para os judeus que vêm de fora do Estado, mais até que para os judeus que residem em Fortaleza que, segundo os informantes, não se sentem à vontade em contatar a SIC e participar de seus eventos.

No âmbito doméstico, e mais especificamente com relação à comida, aos costumes religiosos e a ausência de uma segunda língua (hebraica) na formação dos jovens é que vai se percebendo a formação de uma cultura judaica na especificidade observada por mim na cidade de Fortaleza. A inclusão (ou a ausência) desses elementos é vista como uma adaptação à Fortaleza. Poucos comem *kasher* o ano todo - alguns em *Pessah*, apenas algumas mães fazem as orações e o acendimento das velas em casa com as crianças e praticamente nenhuma das crianças ouve hebraico ou *iídiche* em casa. No entanto, isso não as desqualifica como crianças judias. É só um jeito!

A categoria *dos nossos* significa mais que *judeu*. Significa *askenazi* quando aparecem novos judeus na sinagoga ou algum estrangeiro vem passar uns dias aqui que se identifica com essa referência ao rito *askenazi*. No caso dos *sefaradim* a mesma coisa. Nesse sentido, há uma acepção universalista: o que define o grupo social nesse momento é a sua origem comum e ele não se confunde com o grupo religioso. *Sefaradim* e *askenazim*, no entanto, unem-se em questões de interesse comum, cujo exemplo significativo encontra-se no próprio nome da Sociedade Israelita do Ceará. Não uma sinagoga de um ou outro rito, mas uma só para ambos.

A categoria dos nossos restringe-se ora ao plano familiar, ora aos *sefaradim*, ora aos *askenazim*, ora aos *judeus de tradição*, ora aos convertidos. Ou, ainda, abrange os paulistas enquanto diferentes dos "demais".

Percebemos através das narrativas que as personagens se identificam, negociam, lançam mão da identidade nos vários contextos que vivem, fazendo um uso situacional e seletivo das categorias de sua identificação: *judeu, sefaradim, askenazim, judeu de tradição ou judeu mesmo, judeu de origem, judeu observante, judeu convertido, judeu-em-processo-de-conversão, judeu de sangue, judeu que foi convertido por ortodoxos, baal teshuvá e goim.*

ANEXO

DISTRIBUÇÃO DE SÓCIOS

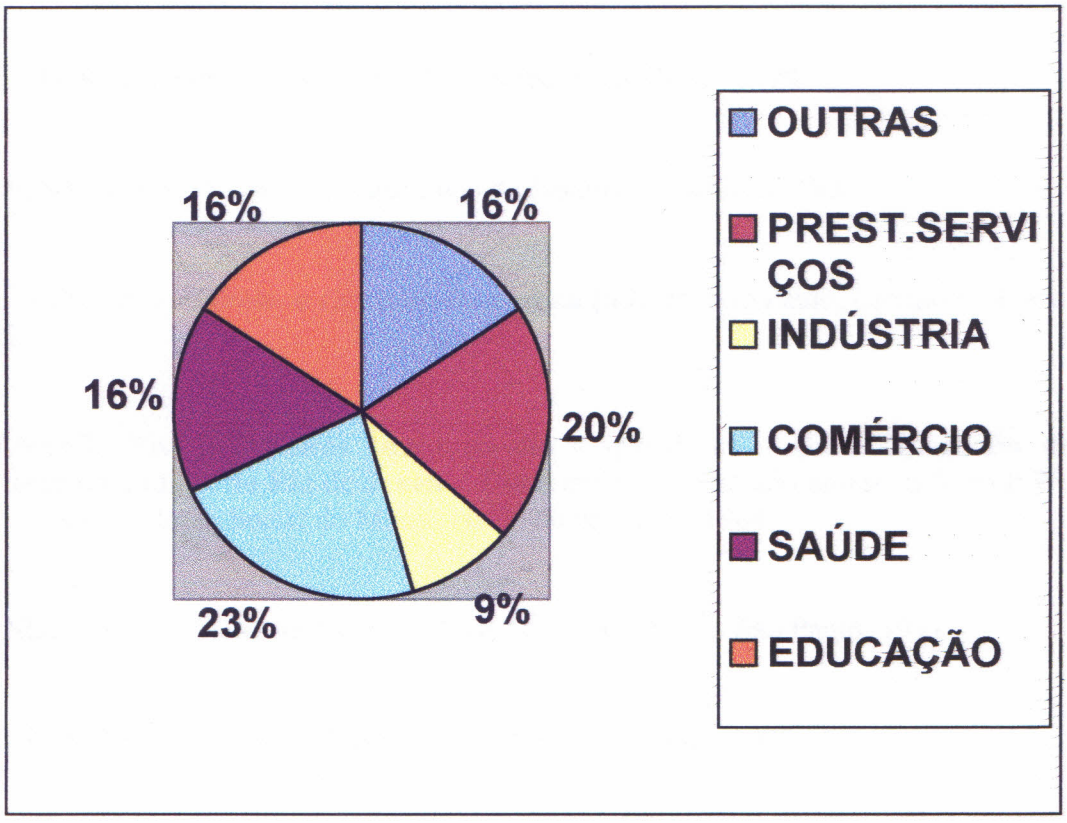
SÓCIO	FILHO	FILHA	PROFISSÃO	BAIRRO
01 CASAL	01	02	Médico	Meireles
01 CASAL	01		Economista	Aldeota
01 CASAL	02	01	Eng. Civil	Aldeota
01 CASAL	02		Eng. Agrônomo	Meireles
01 CASAL		01	Comerciante	Meireles
01 CASAL	01	01	Médico	Seis Bocas
01 HOMEM			Comerciante	Sem. Machado
01 CASAL	04		Comerciante	Meireles
01 CASAL		02	Eng. Naval	Praia do Futuro
01 CASAL	01	02	Contadora	Varjota
01 MULHER	02	01	Médica	Meireles
01 MULHER	01	01	Professora	Barra do Ceará
01 HOMEM	02	01	Médico	Água Fria
01 CASAL		02	Empresário	Dunas
01 HOMEM	01		Aposentado.	Papicú
01 HOMEM	01		Plataformista	São Geraldo
01 MULHER		02	Bancária	Aldeota

01 CASAL			Contador	Dionísio Torres
01 CASAL	01		Administrador	Meireles
01 CASAL	02	02	Empresário	Varjota
01 HOMEM			Professor	Guaratinga
01 HOMEM			Hoteleiro	Meireles
01 MULHER	01	02	Psicopedagoga	Praia do Futuro
01 MULHER		02	Jornalista	Bairro de Fátima
01 CASAL	01	01	Rep.Comercial	Parque do Cocó
01 HOMEM			Industrial	Meireles
01 MULHER		03	Comerciante	Dionísio Torres
01 HOMEM			Professor	Granja Portugal
01 HOMEM			Capitão	Aldeota
01 HOMEM			Artista	Jardim Iracema
01 HOMEM		02	Professor	Bairro de Fátima
01 HOMEM			Rep. Comercial	Meireles
01 CASAL	02	01	Advogado	Dunas
01 CASAL	02		Médico	Meireles
01 CASAL	02	01	Médico	Meireles
01 HOMEM			Médico	Meireles
01 MULHER			Estudante	Praia do Futuro
01 CASAL		01	Economista	Passaré
01 HOMEM		01	Securitário	Água Fria
01 HOMEM	02	02	Publicitário	Benfica
01 CASAL	04		Comerciante	Juazeiro
01 HOMEM		01	Publicitário	Varjota
01 HOMEM			Bombeiro	Pacajús

01 MULHER		Consultora	Aldeota
01 CASAL	02	Psicólogo	Praia do Futuro
TOTAL DE SÓCIOS : 64			
TOTAL DE FILHOS: 38			
TOTAL DE FILHAS: 35			

TOTAL GERAL : 137 PESSOAS

GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO PROFISSIONAL
POR SETORES DA ECONOMIA



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGEL, Marc D. - **The Jews of Rhodes - the History of a Sephardic Community**. New York, Sepher - Hermon Press, Inc - 1980.

BARTH, Fredrick :- "Introducción" *in:* **Los grupos Étnicos y Sus Fronteras.** México, Fondo de Cultura Económica pp 9-49. 1976.

BAUMAN, Zygmunt – **Modernidade e Holocausto.** Zahar. 1998.

DEFONTAINES, Pierre - **Mascates.** Rio de Janeiro, Geográfica. 1936.

EPSTEIN, Perle. **Cabala, o caminho da mística judaica.** São Paulo, Círculo do Livro: 1980.

FLANZER, Vívian - **Muros Invisíveis em Copacabana - Uma Etnografia dos Rodeslis na Cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado apresentada ao P.P.G. em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ. 1984.

FLINDIN, Jairo – ***Sidur de Shabat e Yom Tov.*** Nova Stella, São Paulo. 1991

FLINDIN, Vítor – ***Machzor*** **Completo.** SEFER, São Paulo. 1997

GLASER, Werner – **As Nossas Festas – As Rezas de *Pessah, Sucot, Shemini Atzeret e Simchá Torá.*** Congregação Israelita Paulista. 1979.

GUBER, Rosana - **La Construccíon de la Identidade Étnica - Integracíon y Diferenciación de los Imigrantes Judíos *Askenazim* em la Argentina**. Buenos Aires, Editorial de Belgrano. 1984.

HABERMAS Jünger**: Racionalidade Comunicativa e Modernidade, *in: Síntese Política Econômica Social*** (SPES) - n.37 - volume XIV - Centro João XXIII (RJ) e do Grupo de Reflexão de B. Horizonte, 1986.

HALL, Stuart. - **Cultural Identity an Diáspora,** *in:* RUTHERFORD, J. (org.) Identity. Londres: Lawrence & Wishart, 1990.
A Identidade Cultural na Pós- Modernidade. Rio de Janeiro DP&A Editora: 1999.

HESCHEL, Abraham Joshua: **O SHABAT, seu significado para o homem moderno.** Perspectiva. São Paulo, 2000.

HOBSBAWN Eric - **A Invenção das Tradições,** Paz e Terra, Rio de Janeiro,1984.

KATZ, Samy – **Em busca de uma história dos judeus no Brasil.** Papéis Avulsos 44, Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos.

KAUFMAN, Tânia Neuman – **Etnia, Credo ou Nação: Explicações de uma identidade -Um Estudo de caso sobre a comunidade judaica do Recife.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós graduação em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco.(1995)

KOLACH, Alfred. J. – ***Le Livre Juif du Porquoi II*** **.** Collection Savoir. Edition – MJR. Genévre Suisse. 1996

LESSER, Jeffrey – **A Questão Judaica no Brasil,** Rio de Janeiro, IMAGO: 1995.

LÉVI-STRAUSS – **Natureza e Cultura in: As Estruturas Elementares de Parentesco.** Petrópolis, VOZES: 1977.

MAIMÔNIDES – **Mishné Torá: O Livro da Sabedoria.** IMAGO, RJ. 2.000.

MALINOWSKY, B. : - **Os Argonautas do Pacífico Ociedental.** Introdução,pp.13. 1978.

MELAMED, Meir Matzliah: ***Torá*****- A Lei de Moisés.** Templo Israelita brasileiro *Ohel Yaakov*. São Paulo. 1996.

MINTZ, Sidney W. – **Encontrando Taso, me descobrindo. In: Revista de Ciências Sociais.** RJ: vol.27 nº 1, 1984. Pp.: 45 a 58.

MORAES, Evaristo de. **- Judeus sem dinheiro taes como eu vejo in: Os Judeus na História do Brasil**. Rio de Janeiro: 1936.

MUNK Y J.SCWARZ. **A Pureza do Lar.** Israel Central Commite for Taharas Hamishpacha, Buenos Aires, 1972.

NEUSNER, Jacob e GREELEY M. Andrew - **A Bíblia e Nós.** Siciliano, São Paulo, 1993.

SARTRE, Jean Paul - **A Questão Judaica. In: Reflexões sobre o Racismo,** Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1968.

SILVA, Tomaz Tadeu da - **A produção Social da Identidade e da Diferença, *in:* Identidade Diferença.** Vozes, São Paulo. pp. 73 - 102 . 2.000.

SORJ, Bernardo – **Judaísmo e Modernidade.** Rio de Janeiro, IMAGO, 1993.

SOCIEDADE ISRAELITA DO CEARÁ : **Estatuto da Sociedade Israelita do Ceará.** 1993.

STERN, David H. – **Manifesto do judeu Messiânico.** Globo, Porto Alegre, 1980.

THOMPSON, Paul - **A Voz do Passado - História Oral.** São Paulo, Paz e Terra, 1992.

ZIMMELS, H.J. - **Askenazim and Sepharadim. Their Relactions, Differences and Problems as Reflected *in: Rabinical Responsa.*** London, Marla Publications, 1976.